

GRANDE SERTÃO: VEREDAS. TRAVESSIAS



Faustino Teixeira

Kathrin Rosenfield

Willi Bolle

Marcia Marques de Moraes

Eduardo Coutinho

Adair de Aguiar Neitzel

Eduardo Guerreiro B. Losso

Terezinha Maria Pereira

Leia também

Wilson Antonio Frezzatti Jr ■ ■ João Ladeira

Grande Sertão: Veredas. Travessias

Travessia. Essa é a outra forma que Guimarães Rosa encontrou de nos ensinar a escrever e dizer a palavra *vida*. A última palavra de sua obra *Grande Sertão: Veredas* é que liga o fio do tempo, o passado e o presente, de um Brasil, que tanto antes como agora, é o país que poderia ter sido, mas nunca foi. A *jagunçagem*, para usar um termo do autor, é uma forma política presente em muitas instâncias e nos joga diante de desafios e contradições enormes. Para tratar de literatura e do Brasil atual, oito especialistas se debruçam sobre a obra de Guimarães Rosa. A capa desta edição é assinada pela artista **Anna Cunha**.

Faustino Teixeira, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, faz uma apresentação da obra em perspectiva com vários autores e leituras de Guimarães Rosa.

Kathrin Rosenfield, professora nos programas de pós-graduação em Letras e em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, fala sobre o dilaceramento existencial brasileiro em *Grande sertão: veredas*. “Um terceiro alicerce para a tradição imaginária brasileira seria a recuperação artística da musicalidade das falas regionais e das suas saborosas metáforas concretas.”

Willi Bolle, professor titular de Literatura na Universidade de São Paulo - USP, lembra que “enquanto Gilberto Freyre usa o símbolo de um entrelaçamento harmonioso (&) entre senhores e escravos, Guimarães Rosa, através dos dois pontos (:) acentua o antagonismo entre os donos de territórios e casas ‘grandes’ e os que moram em casebres nas ‘veredas’”.

Marcia Marques de Moraes, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, faz uma leitura da obra de Guimarães Rosa em chave psicanalítica. “Guimarães Rosa trata a linguagem, essa sim, a verdadeira protagonista de sua obra. Esse trato, para além de ser um traço lúdico a apresentar desafios para o leitor, piscadelas do autor em direção a seu leitor, é, sem dúvida, propiciador do enlace entre literatura e psicanálise.”

Eduardo de Faria Coutinho, um dos mais renomados acadêmicos em Literatura Comparada e professor titular da disciplina na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, escreve sobre o convite ao pensar ético que Gui-

marães Rosa convoca. “Sufocado por um cotidiano calcado na continuidade, que se expressa pela repetição mecânica de atos e gestos, o homem, e em particular o adulto comum, não percebe a automatização a que se sujeita.”

Adair de Aguiar Neitzel, professora titular da Universidade do Vale do Itajaí - Univali, discute as mulheres rosianas. “É pelas mãos de Diadorim que Riobaldo passa do estado físico para o estético e deste para o Moral. Mas é uma relação marcada pela ambiguidade, contradição, angústia de estar se envolvendo com um homem. Essa tensão que se estabelece entre ambos, por conta de uma paixão impossível na jagunçagem, torna esse amor uma neblina.”

Eduardo Guerreiro Brito Losso, professor associado de Teoria Literária do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, relaciona a literatura de Guimarães Rosa à mística.

Terezinha Maria Scher Pereira, professora da UFJF, relata a multiplicidade de Guimarães Rosa.

Este número da revista contou com a importante e fundamental parceria do **Prof. Dr. Faustino Teixeira**, a quem agradecemos a generosa contribuição.

A presente edição ainda conta com o artigo de **João Ladeira**, em que analisa o filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019, de Marcelo Gomes); e a entrevista intitulada *A trama conceitual antimetáfora de Nietzsche*, concedida pelo professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, **Wilson Antonio Frezzatti Jr.**

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Crédito capa: Anna Cunha

Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Wilson Antonio Frezzatti Jr | A trama conceitual antimetafísica de Nietzsche**
- 12 ■ **Tema de capa | Ricardo Machado: João Guimarães Rosa, a Travessia**
- 14 ■ **Tema de capa | Faustino Teixeira: Grande sertão: veredas, uma epopeia metafísica**
- 23 ■ **Tema de capa | Kathrin Rosenfield: Guimarães Rosa: a vida na fissura do dilaceramento existencial brasileiro**
- 29 ■ **Tema de capa | Willi Bolle: Grande sertão: veredas, o retrato de uma sociedade atual**
- 33 ■ **Tema de capa | Marcia Marques de Moraes: O homem humano na literatura psicanalítica de Grande sertão: veredas**
- 40 ■ **Tema de capa | Eduardo de Faria Coutinho: Para romper o mundo com as palavras pegantes de Riobaldo**
- 44 ■ **Tema de capa | Adair de Aguiar Neitzel: O amor, a vida e o encontro com as mulheres rosianas**
- 47 ■ **Tema de capa | Eduardo Guerreiro Brito Losso: Atar-se ao mastro para ouvir o canto místico da sereia rosiana**
- 56 ■ **Tema de capa | Terezinha Maria Scher Pereira: Multiplicidade de Rosa**
- 58 ■ **Cinema | João Ladeira: O imperativo das imagens**
- 61 ■ **Publicações | Luiz Gonzaga Belluzzo: O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço**
- 63 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU
Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Redação
João Vítor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patrícia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Wagner Fernandes de Azevedo
(wfazevedo@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio
Inácio Neutzling, César Sanson,

Patrícia Fachin, Cristina Guerini,
Evelyn Zilch, Stefany de Jesus Rocha,
Wagner Fernandes de Azevedo e
Amanda Bier.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Nestor Pilz
(nestor@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

O descalabro da gestão ambiental no Governo Bolsonaro



“No exercício do governo, segue cumprindo suas ‘promessas de campanha’. Mesmo não eliminando o Ministério do Meio Ambiente, cedeu a pasta a um ruralista corrupto e condenado pela Justiça de São Paulo”.

Aldem Bourscheit, jornalista especializado em Meio Ambiente.
Disponível em <http://bit.ly/33htQGe>.

O retorno à mais bruta selvageria e a falta de decoro para o exercício da presidência



“Se Bolsonaro sabe e sabia que o pai de Felipe não foi morto do modo como o governo atestou, ele pode ter ferido o decoro do cargo e incidir no artigo 9º, da lei que trata do impeachment”.

Lenio Streck, jurista.
Disponível em <http://bit.ly/2GEXOdh>.

Mina Guaíba e o sucateamento da fiscalização ambiental



“Força-se, então, a liberação ambiental a todo o custo. Como o estado está sucateado e com capacidade de gestão reduzida a um mínimo, o minerador terá campo livre para driblar leis”.

Rualdo Menegat, graduado em Geologia, mestre em Geociências e doutor em Ecologia.
Disponível em <http://bit.ly/2GJG5By>

A crise abriu caminho para a retomada radicalizada do neoliberalismo no Brasil



“A crise marcou o retorno das políticas neoliberais no Brasil e no Rio Grande do Sul. Agora, estão sendo propostas uma série de políticas neoliberais para solucionar os problemas”.

Adalmir Antonio Marquetti, graduado em Ciências Econômicas, mestre e doutor em Economia.

Belo Monte dez anos depois e a contínua precarização dos modos de vida



“A primeira consequência social, que salta aos olhos, é a insegurança alimentar, seja pela redução do volume de peixes, seja pelas dificuldades de navegação e locomoção”.

Sadi Machado, mestre em Direito, procurador da República em Altamira.

**Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias**

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Bolsonaro e “ruralistas” ameaçam o meio ambiente, povos tradicionais e o clima global

Os ruralistas, nomeadamente os grandes proprietários de terras e os seus representantes, que são uma parte fundamental da base política do novo presidente, estão a avançar uma agenda com impactos ambientais que se estendem a todo o mundo.

Artigo de Lucas Ferrante, biólogo e doutorando em Ecologia, e Philip M. Fearnside, publicado nas Notícias do Dia de 02-08-2019, disponível em: <http://bit.ly/2YIDqJo>.

Não houve eleição e não há presidente. Artigo de Vladimir Safatle

O que vimos foi simplesmente um processo sem condição alguma de preencher critérios básicos de legitimidade. Ou seja, uma farsa.

Artigo de Vladimir Safatle, filósofo, publicado por El País e reproduzido nas Notícias do Dia de 01-08-2019, disponível em: <http://bit.ly/2SZkNox>.

Amazônia: um Sínodo contestado.

Destaques sobre a entrevista do cardeal Hummes concedida a Antonio Spadaro, onde fala da “grandeza” deste Sínodo que será celebrado de 6 a 27 de outubro. Portanto, é óbvio que na Igreja universal haja expectativa, mesmo que aqui e ali não falem resistências, até mesmo significativas.

Comentário de Antonio Dall'Osto, publicado por Settimana News e traduzido por Luisa Rabolini, reproduzido nas Notícias do Dia de 01-08-2019, disponível em: <http://bit.ly/2MyZLfl>.

Não somos mais Homo Sapiens. Entrevista com Yuval Noah Harari

DNA modificado no laboratório, homens cyborg e desejos monitorados por máquinas. Este é o nosso futuro de acordo com o historiador e ensaísta israelense Yuval Noah Harari.

A entrevista é de Roberto Saviano, jornalista e escritor italiano, publicado por Repubblica, traduzida por Luisa Rabolini e reproduzida nas Notícias do Dia de 31-07-2019, disponível em: <http://bit.ly/2Oz9nJy>.

Um caso de saúde mental e/ou de cumplicidade

O Legislativo e o Judiciário têm a obrigação de intervir. Trata-se assim de um caso de saúde mental, absolutamente incompatível com o alto cargo que as eleições conferiram ao ex-capitão Jair Bolsonaro

Artigo de Luiz Alberto Gomez de Souza, publicado nas Notícias do Dia de 30-07-2019, disponível em <http://bit.ly/2KeRQ5n>.

Dia da sobrecarga e os limites da resiliência da Terra

As agências econômicas calculam que o PIB mundial vai mais que dobrar nos próximos 30 anos. Mas a economia é um subsistema da ecologia e o Planeta está chegando ao limite da sua capacidade de resiliência. Sem ECOlogia não há ECONomia. Mais cedo ou mais tarde o sobrepeso das atividades antrópicas provocará um colapso ambiental. Então, será impossível continuar antecipando o Dia da Sobrecarga da Terra.

Artigo de José Eustáquio Diniz Alves, publicado por Ecodebate e reproduzido nas Notícias do Dia de 27-7-2019, disponível em <http://bit.ly/338TjRR>.

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

EAD: O Sínodo Pan-Amazônico e o Cuidado da nossa Casa Comum

05/ago

Início das atividades
Módulo 1 – A Pan-Amazônia e sua importância ecológica para o planeta: características, riscos, perspectivas (ou A Pan-Amazônia: entre a sobrevivência e a devastação)

EAD: Jesus e o Reino no Evangelho de Marcos

11/ago

Início das atividades da primeira etapa: Jesus responsável pela vida no Evangelho de Marcos (Mc 1, 1-45) – Início do Evangelho de Marcos. Jesus, o Messias, e as expectativas messiânicas (Mc 1, 1-15)

EAD: O Sínodo Pan-Amazônico e o Cuidado da nossa Casa Comum

12/ago

Início das atividades
Módulo 2 – Sínodo Pan-Amazônico: compreendendo sua proposta

Oficinas ObservaSinOS - De Olho na Metrópole: Dados e análises sobre a Região Metropolitana de Porto Alegre pesquisa

12/ago

Horário
14h às 17h

Ministrantes
Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos
João Batista Conceição – Unisinos
Guilherme Tenher – Unisinos
Pâmella Alkinson – Unisinos

IHU ideias - Reforma da previdência. Qual a reforma necessária?

15/ago

Horário
17h30min às 19h

Ministrante
Prof. MS Filipe Costa Leiria – TCE-RS e FADERGS

Local
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU | Campus Unisinos São Leopoldo

EAD: O Sínodo Pan-Amazônico e o Cuidado da nossa Casa Comum

19/ago

Início das atividades
Módulo 3 – A crise ecológica à luz da Encíclica Laudato Si' e as ameaças



ECOFEIRA

Atividades culturais todas as quartas-feiras
a partir das 14h

ihu.unisinos.br/observasinos



IHU IDEIAS

**15 de agosto
quinta-feira
17h30min às 19h**

Reforma da previdência. Qual a reforma necessária?

**Prof. MS Filipe Costa Leiria – TCE-RS e
FADERGS**

**Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo**

ihu.unisinos.br/eventos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

A trama conceitual antimetafísica de Nietzsche

Wilson Antonio Frezzatti Jr. relaciona Genealogia da Moral em perspectiva com temas relacionados às ciências

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado

8

Da miríade de leituras e aproximações possíveis em *Genealogia da moral*, de Nietzsche, suas relações com a Ciência ensejam uma forma profunda de relacionar os temas. “Nietzsche não utiliza simplesmente os elementos científicos, mas os rumina, digere e assimila conforme suas necessidades filosóficas, ou seja, eles são transformados e articulados em sua trama conceitual antimetafísica”, pondera Wilson Antonio Frezzatti Jr., em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Ávido leitor, Nietzsche desenvolveu o conceito de fisiopsicologia a partir de conhecimentos baseados em diversos autores ligados às ciências naturais em perspectiva com seus interesses filosóficos. “A fisiopsicologia investiga, através de seus sintomas (as produções culturais), a condição impulsional (morfologia) e suas transformações (desenvolvimento) de indivíduos e de culturas. Em outras palavras, trata-se de diagnosticar, criticar e apontar saídas para a decadência que Nietzsche acreditava atingir a cultura europeia de sua época”, explica o entrevistado.

Articular os principais conceitos nietzschianos, e fisiopsicologia é um

deles, apesar de aparecer uma única vez em sua obra, amplia a compreensão de noções como *vontade de potência*, tão características do pensamento do filósofo alemão. “Talvez possamos dizer que o eterno retorno e mesmo a vontade de potência, em seu estatuto filosófico, estão mais próximos da *physis* dos pré-socráticos do que da ciência do século XIX. O motivo é que alguns dos filósofos pré-socráticos, segundo Nietzsche, não teriam uma concepção moral de verdade absoluta e suas teorias apresentariam distintas perspectivas sobre o mundo”, pontua.

Wilson Antonio Frezzatti Jr. é graduado em Farmácia e Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP, onde também realizou mestrado e doutorado. Atualmente é professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Também é professor colaborador do mestrado em Filosofia da Universidade Estadual de Maringá - UEM. É autor de *Nietzsche contra Darwin* (São Paulo: Edições Loyola, 2014) e *A fisiologia de Nietzsche* (Ijuí: Editora Unijuí, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os principais elementos científicos presentes na Genealogia?

Wilson Antonio Frezzatti Jr. – Nietzsche sempre foi um ávido leitor de textos científicos, e, em *Genealogia da moral* (1887), a presença da ciência é axial, embora ela não apareça apenas em uma única for-

ma, sendo que há até mesmo uma situação paradoxal. Se, por um lado, o filósofo alemão critica a ciência de sua época por ela ser perpassada pelo ideal ascético, pois não consegue se livrar da verdade e do bem como valores supremos e absolutos, por outro, essa mesma ciência é utilizada na construção não só do procedi-

mento genealógico, mas também nas concepções de vontade de potência e eterno retorno do mesmo. Porém, devemos ter em conta algo muito importante nesse uso de temas e teorias científicas: Nietzsche não utiliza simplesmente os elementos científicos, mas os rumina, digere e assimila conforme suas necessidades filosófi-

“Nietzsche não utiliza simplesmente os elementos científicos, mas os ruma, digere e assimila conforme suas necessidades filosóficas”

cas, ou seja, eles são transformados e articulados em sua trama conceitual antimetafísica.

No século XIX, para alguns temas, não havia uma separação nítida entre filosofia e ciência. Um exemplo disso é o pensamento do filósofo Paul Rée¹: embora tenha se formado em medicina apenas em 1890, ele já escrevia sobre temas considerados científicos desde pelo menos 1875 (*Observações psicológicas*). De qualquer forma, considera-se que o procedimento genealógico assenta-se sobre o tripé psicologia, história e filologia, entretanto também é bastante nítida, na obra, a presença de aspectos da fisiologia, da biologia, da medicina e da antropologia.

Não podemos deixar de mencionar a exortação que Nietzsche faz no final da Primeira Dissertação em uma nota: “a filosofia, a fisiologia e a medicina em uma troca de perspectivas as mais amigáveis e fecundas”, pois “todas as ciências têm agora que preparar a tarefa futura do filósofo, sendo essa tarefa entendida como: o filósofo deve resolver o *problema do valor*, ele deve determinar a *hierarquia de valores*”. Portanto, os valores deveriam passar por uma investigação fisiológica ou fisiopsicológica, isto é, pela perspectiva da dinâmica da vontade de potência, para revelar qual seu valor, se servem para a elevação da cultura ou para a conservação no imobilismo.

1 **Paul Ludwig Carl Heinrich Rée** ou **Paul Rée** (1849-1901): autor, médico e filósofo alemão. Foi amigo de Friedrich Nietzsche durante um determinado período. Teve um caso com Lou Salomé, que se tornou um triângulo amoroso juntamente com Nietzsche. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Quais são os autores fundamentais do campo da ciência com que Nietzsche teve contato e que impactam as ideias desenvolvidas nessa obra?

Wilson Antonio Frezzatti Jr. – Nietzsche não explicita suas principais fontes científicas em *Genealogia da moral*. Os autores citados, com uma única exceção, são criticados: a) o naturalista inglês Charles Darwin², citado quando o filósofo alemão ataca o darwinismo de Paul Rée em *A origem dos sentimentos morais* (1877); b) o filósofo inglês Herbert Spencer³: apesar de ser um cientista, ele foi de central importância para a recepção das ideias de Lamarck⁴ e Darwin. Nietzsche critica,

2 **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-7-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-8-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Herbert Spencer** (1820-1903): filósofo britânico, ficou conhecido por sua tentativa de elaborar um sistema filosófico baseado nas descobertas científicas de sua época, que pudesse ser aplicado a todos os assuntos. Foi o fundador da filosofia evolucionista. Em sua obra principal, *Um sistema de filosofia sintética* (1862-1896), aplicou a ideia da evolução à biologia, à psicologia, à sociologia e a outros campos do conhecimento. Em seu trabalho sobre biologia, Spencer traçou a evolução da vida desde sua forma menos reconhecível até o homem. Acreditava que a grande lei da natureza era a ação constante de forças que tendiam a mudar todas as formas do simples para o complexo. Spencer explicava que a mente do homem tinha se desenvolvido dessa mesma maneira, avançando das simples respostas automáticas dos animais inferiores aos processos de raciocínio do homem pensante. Escreveu também *A classificação das ciências* (1864), *Os fatores da evolução orgânica* (1887). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet - Chevalier de Lamarck** (1744-1829): naturalista francês que desen-

em Spencer, a origem da concepção de bem e sua noção de adaptação; c) o médico, antropólogo e patologista polonês Rudolf Virchow⁵ tem rejeitadas suas conclusões sobre a composição do povo alemão; d) O biólogo inglês Thomas H. Huxley⁶ fala de um certo niilismo em Spencer; e e) Nietzsche, ao tratar do sacerdote ascético, traz do médico americano Silas Weir Mitchell⁷ algumas considerações sobre o jejum.

Mais importantes para a *Genealogia da moral* são suas apropriações que não têm suas fontes citadas. Aqui daremos destaque ao psicólogo e filósofo francês Théodule Ribot⁸, considerado pai da psicologia científica francesa. Há

volveu a teoria dos caracteres adquiridos. Personificou as ideias pré-darwinistas sobre a evolução. Foi ele que, de fato, introduziu o termo biologia. Antes de 1800, acreditava que as espécies eram imutáveis. Mas graças ao seu trabalho sobre os moluscos da Baía de Paris, ficou convencido da transmutação das espécies ao longo do tempo, e desenvolveu a sua teoria da evolução, apresentada ao público em 1809 na sua Philosophie Zoologique. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Rudolf Ludwig Karl Virchow** (1821-1902): foi um médico e político alemão. É considerado o pai da patologia moderna e da medicina social, além de antropólogo e político liberal. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Thomas Henry Huxley** (1825-1895): biólogo britânico conhecido como “O bulldog de Darwin” por ser o principal defensor público da Teoria da Evolução de Charles Darwin. Figura como um dos principais evolucionistas ingleses do século XIX. Talentoso popularizador da ciência, cunhou o termo “agnosticismo” para descrever seu posicionamento sobre a crença religiosa. A ele é creditada a invenção do conceito de biogênese, teoria que diz que todas as células provêm de outras células. Ao longo de sua vida, Huxley também contribuiu para a embriologia, taxonomia e morfologia. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Silas Weir Mitchell** (1829-1914): foi um físico, cientistas, romancista e poeta considerado pai da neurologia. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Théodule-Armand Ribot** (1839-1916): psicólogo francês nascido em Guingamp, estudou no Liceo de San Briuc (Lycée de St Briuc). O sistema de interpretação para o ator de Constantin Stanislavski utiliza algumas de suas teorias. Em 1862 entra na École Normale Supérieure. Em 1885 ministra palestras na Sorbonne sobre psicologia experimental e, em 1888 foi apontado como professor de Psicologia Experimental no College of France. Sua tese de doutorado, republicada em 1882, *Hérédité: étude psychologique* (Hereditariedade: Estudo Psicológico) (5th ed., 1889) é seu livro mais importante e mais conhecido. (Nota da **IHU On-Line**)

ao menos duas noções de Ribot que aparecem na obra. Ao discorrer sobre o êxtase religioso como hipnose e como aniquilação da vontade, no parágrafo 17 da Terceira Dissertação, Nietzsche traz definições, mecanismos e exemplos que estão em *As doenças da vontade* (1883). Outra obra de Ribot possui coincidências com o primeiro parágrafo da Segunda Dissertação: *As doenças da memória* (1881) descreve o esquecimento como uma função ativa.

“Em outras palavras, trata-se de diagnosticar, criticar e apontar saídas para a decadência que Nietzsche acreditava atingir a cultura europeia de sua época”

IHU On-Line – Quais são os ecos da ciência do século XIX na formulação do conceito de vontade de potência?

Wilson Antonio Frezzatti Jr. – Há muitos aspectos da ciência do século XIX que são importantes na construção da concepção de vontade de potência. Podemos citar vários exemplos: o conceito de luta entre as menores partes do organismo animal do embriologista alemão Wilhelm Roux⁹ (*A luta das partes no organismo*, 1881); o organismo como multi-

plicidade, presente em autores como Roux, Ribot, Virchow e o historiador francês Hippolyte Taine¹⁰; o processo orgânico ligado ao transbordamento e não à carência do biólogo alemão William Rolph (*Problemas Biológicos*, 1882); a concepção energética da natureza e a crítica ao atomismo: William Thomson¹¹ (Lord Kelvin), Johann Vogt (*A força: uma visão de mundo real-monista*, 1878), Ruggero Boscovich¹² (*Uma teoria de filosofia natural*, 1758) e Karl Zoellner (*A natureza dos Cometas*, 1871); a força interna plasmadora dos organismos do zoólogo suíço Ludwig Rüttimeyer¹³; a consciência como um conjunto de consciências menores do positivista francês Alfred Espinas¹⁴ (*As sociedades animais*, 1877); a ausência de diferenças qualitativas entre o inorgânico, o fisiológico, o psicológico e o cultural: em Ribot, essas diferenças são explicadas por graus de complexidade de estruturas formadas por reações físico-químicas; etc. A rede de influências é realmente muito grande e envolve também teorias do desenvolvimento de cunho lamarckista e a recusa da dualidade corpo/alma. Todas essas influências, de alguma forma, trazem aspectos contra a metafísica da dualidade de opostos absolutos e eternos. Por vezes, termos são desterritorializados e

apropriados pelo filósofo alemão; por exemplo: o termo “centro de gravidade” na luta dos impulsos por mais potência foi transposto da disputa entre os arcos reflexos de Ribot e seu efeito como personalidade e vontade.

IHU On-Line – Embora a terminologia fisiopsicologia não seja usada diretamente por Nietzsche, ela é indispensável para entendermos o pensamento desse filósofo. Poderia explicar qual é o significado da fisiopsicologia?

Wilson Antonio Frezzatti Jr. – O termo “fisiopsicologia (*Physio-Psychologie*)” foi utilizado apenas uma única vez na obra publicada de Nietzsche. O parágrafo 23 de *Além de bem e mal* define o que, para o filósofo, é uma verdadeira fisiopsicologia: “morfologia e doutrina do desenvolvimento da vontade de potência (*Morphologie und Entwicklungslehre des Willens zur Macht*)”. A investigação fisiopsicológica infere, a partir das produções culturais (arte, filosofia, ciência, política, etc.), a condição fisiológica ou fisiopsicológica ou ainda impulsional do organismo. Organismo é entendido aqui como qualquer conjunto de impulsos ou forças em luta por mais potência, seja um indivíduo, seja uma cultura ou sociedade. O critério para tipificar a condição impulsional é a própria vida, ou melhor, a vida segundo a concepção nietzschiana: processo contínuo de autossuperação. Se a produção afirma a vida, como, por exemplo, a própria filosofia nietzschiana, ela é sintoma de um conjunto de impulsos potentes e altamente hierarquizados: trata-se de um organismo saudável; se, ao contrário, a produção nega a vida enquanto processo contínuo de autossuperação, como faz, por exemplo, a filosofia socrática, temos um organismo com impulsos pouco potentes e fracamente hierarquizados, ou seja, morbidade. Assim, a fisiopsicologia investiga, através de seus sintomas (as produções cultu-

10 **Hippolyte Adolphe Taine** (1828-1893): foi um crítico e historiador francês, membro da Academia francesa. É considerado um dos expoentes do Positivismo do século XIX, na França. O Método de Taine consistia em fazer história e compreender o homem à luz de três fatores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico. Estas teorias foram aplicadas ao movimento artístico realista. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **William Thomson**, também conhecido como **Lord Kelvin** (1824-1907): foi um físico-matemático e engenheiro britânico. Considerado um líder nas ciências físicas do século XIX, ele fez importantes contribuições na análise matemática da eletricidade e termodinâmica, e fez muito para unificar as disciplinas emergentes da física em sua forma moderna. É conhecido por desenvolver a escala Kelvin de temperatura absoluta (onde o zero absoluto é definido como 0 K). O título de Lord Kelvin foi-lhe dado em homenagem a suas realizações. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Ruder Josip Bošković**, também conhecido como **Ruggero Giuseppe Boscovich** (1711-1787): foi um jesuíta, físico, astrônomo, matemático, filósofo, diplomata e poeta croata. Nascido na extinta República de Ragusa, posteriormente viveu na Inglaterra, França e finalmente na Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **(Karl) Ludwig Rüttimeyer** (1825-1895): foi um zoologista, anatomista e paleontologista suíço, considerado o pai da zooarqueologia. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Alfred Victor Espinas** (1844-1922): foi um pensador francês conhecido por ter influenciado Nietzsche. Ele era um estudante de Comte e Spencer. Embora inicialmente um adepto do positivismo, ele mais tarde se tornou um realista comprometido. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Wilhelm Roux** (1850-1924): foi um zoólogo e embriologista experimental alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

rais), a condição impulsional (morfologia) e suas transformações (desenvolvimento) de indivíduos e de culturas. Em outras palavras, trata-se de diagnosticar, criticar e apontar saídas para a decadência que Nietzsche acreditava atingir a cultura europeia de sua época.

Embora o termo “fisiopsicologia” apareça apenas uma vez na obra publicada, acreditamos que o procedimento genealógico é um desenvolvimento direto do que é proposto no parágrafo 23 de *Além de bem e mal*. E não apenas a *Genealogia da moral*: pensamos que *O caso Wagner*, “O problema de Sócrates” e “Considerações de um extemporâneo” de *Crepúsculo dos ídolos* e mesmo *O anticristo* são aplicações da investigação fisiopsicológica conforme uma morfologia e doutrina do desenvolvimento da vontade de potência.

IHU On-Line – Em que medida a fisiopsicologia ajuda a explicar o caráter fisiológico da vontade de potência, mas também sua abertura a um outro agir, não determinado?

Wilson Antonio Frezzatti Jr. – A palavra “fisiologia”, no contexto da vontade de potência, tem um sentido propriamente nietzschiano: a dinâmica da luta dos impulsos ou forças por mais potência. Isso quer dizer que o significado propriamente nietzschiano de fisiologia não implica, de forma alguma, em um reducionismo material, biológico ou físico-químico, pois um impulso ou força é um *quantum* de potência que é, ao mesmo tem-

po, uma tendência ao crescimento dessa quantidade. O *Trieb* e a *Kraft* nietzschiana não existem de forma isolada, efetivam-se apenas na relação com outras quantidades de potência. Portanto, a fisiologia nietzschiana é marcada pelo processo, pela relação e pela multiplicidade, ou seja, um vir-a-ser sem direção e finalidade. Os aumentos e as diminuições de potência e a configuração de impulsos ocorrem ao acaso, não são predeterminados. O eterno retorno do mesmo é resultado desse acaso: como, para Nietzsche, as quantidades de potência e de forças são finitas e o tempo é infinito, necessariamente, depois de um tempo incrivelmente longo, as configurações de forças se repetirão na mesma ordem infinitas vezes. Assim, com essa concepção, Nietzsche imbrica acaso e necessidade.

Voltando aos termos “fisiologia” e “fisiopsicologia”, percebemos que, muitas vezes, na doutrina da vontade de potência, eles se referem à dinâmica da luta dos impulsos por mais potência. O mesmo ocorre com o termo “psicologia”. Assim, os termos “fisiologia”, “psicologia” e “fisiopsicologia”, em seus sentidos propriamente nietzschianos e no contexto da vontade de potência, são sinônimos. Contudo, parece-nos que “fisiopsicologia” indica algo muito importante: os impulsos ou forças não são nem corporais nem anímicos, ou seja, não são nem *res extensa* nem *res cogitans*, pois são processos de crescimento de quantidade de potência. Enfim, a composição “físio + psicologia” mostra a supe-

ração, ou ao menos a tentativa, da dualidade corpo/alma. Destarte a nossa preferência por esse termo.

IHU On-Line – E quanto à questão do eterno retorno, em que sentido Nietzsche dialoga com a ciência antiga e aquela de seu tempo ao propor essa ideia?

Wilson Antonio Frezzatti Jr. – Nietzsche dialoga, em sua construção da noção de eterno retorno, com tradições filosóficas antigas, tais como Empédocles, Heráclito, o estoicismo e o hinduísmo. Talvez possamos dizer que o eterno retorno e mesmo a vontade de potência, em seu estatuto filosófico, estão mais próximos da *physis* dos pré-socráticos do que da ciência do século XIX. O motivo é que alguns dos filósofos pré-socráticos, segundo Nietzsche, não teriam uma concepção moral de verdade absoluta e suas teorias apresentariam distintas perspectivas sobre o mundo. Na ciência de sua época, podemos destacar, além das leituras sobre as concepções energéticas da natureza, o historiador e filósofo alemão Otto Caspari¹⁵ (*A conexão das coisas*, 1881) e o francês Louis Auguste Blanqui¹⁶ (*A eternidade pelos astros*, 1872). ■

¹⁵ **Otto Caspari** (1841-1917): foi um historiador e filósofo alemão, professor de filosofia em Heidelberg. Foi uma das influências de Nietzsche no campo da epistemologia. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ **Louis-Auguste Blanqui** (1805-1881): foi um teórico e revolucionário republicano socialista francês, associado erroneamente aos socialistas utópicos. Pela sua luta passou 37 anos da sua vida na prisão, sendo por isso conhecido pelo cognome de “O Encarcerado”. (Nota da *IHU On-Line*)

Ciclo EAD

JESUS e o Reino

no Evangelho de Marcos

bit.ly/EADJesus

João Guimarães Rosa, a Travessia

Ricardo Machado

Existe é homem humano. *Travessia*. Assim se encerra *Grande sertão: veredas* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019), de Guimarães Rosa, uma das maiores obras da literatura nacional. Menos que uma resposta à questão existencial do livro, a *Travessia* entrelaça filosofia e literatura, mística e política, vida e ficção. Guimarães Rosa é um daqueles autores capazes de fundir a tradição da literatura ocidental ao regionalismo do sertão brasileiro. O lançamento da primeira edição do livro foi em 1956, e em janeiro do ano seguinte Afonso Arinos de Melo Franco publicou, no Suplemento da Tribuna da Imprensa, o seguinte texto.

Cuidado com este livro – dizia eu a um traumatizado legionário do Norte –, cuidado. E completei a advertência com esta imagem: Grande Sertão é como certos casarões velhos, certas igrejas cheias de sombra. No princípio, a gente entra e não vê nada. Só contornos confusos, movimentos indecisos, planos atormentados. Mas, aos poucos, não é luz nova que chega: é a visão que se habitua. E, com ela, a compreensão admirativa. O imprudente ou sai logo, e perde o que não viu, ou resmunga contra a escuridão, pragueja, dá rabanadas e pontapés. Então arrisca se chocar inadvertidamente contra coisas que, depois, identificará como muito belas.

Apresentar Guimarães Rosa não é tarefa para apenas uma ou duas páginas. Por isso o que fazemos neste breve texto é trazer à tona elementos introdutórios sobre esse escritor brasileiro que rompeu fronteiras geográficas, literárias e teóricas. Melhor apresentação fazem os oito entrevistados da edição que, ao abordar *Grande sertão: veredas*, em particular, e a obra rosiana, em sentido amplo, dialogam com as múltiplas dimensões do autor.

Breve biografia

João Guimarães Rosa nasceu na pequenina cidade de Cordisburgo, em 27 de junho de 1908. Multifacetado e erudito, falava português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo. Além de escritor de contos, novelas e romances, foi médico e diplomata brasileiro, tendo trabalhado na Europa e na América Latina.

Os contos e romances escritos por Guimarães Rosa ambientam-se quase todos no chamado sertão brasileiro. A sua obra destaca-se, sobretudo, pelas inovações de linguagem, sendo marcada pela influência de falares populares e regionais que, somados à erudição do autor, permitiram a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e palavras populares, invenções e intervenções semânticas e sintáticas.

Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 6 de agosto de 1963, sendo o terceiro ocupante da cadeira nº 2, que tem como patrono Álvares de Azevedo. Morreu na cidade do Rio de Janeiro em 1967.



Guimarães Rosa

Obras

- 1936: *Magma*
 1946: *Sagarana*
 1952: *Com o Vaqueiro Mariano*
 1956: *Corpo de Baile: Noites do Sertão*
 1956: *Grande Sertão: Veredas*
 1962: *Primeiras Estórias*
 1964: *Campo Geral*
 1967: *Tutaméia – Terceiras Estórias*
 1969: *Estas Estórias* (póstumo)
 1970: *Ave, Palavra* (póstumo)
 2011: *Antes das Primeiras Estórias* (póstumo)

Edições da Revista IHU On-Line sobre literatura

- **João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana.** Edição 73, de 1-9-2003, disponível em <http://bit.ly/ihuon73>.
- **Érico Veríssimo. Vida, obra e atualidade.** Edição 154, de 5-9-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon154>.
- **Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa.** Edição 178, de 2-5-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon178>.
- **Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério.** Edição 193, de 28-8-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon193>.
- **Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano.** Edição 195, de 11-9-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>.
- **Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez.** Edição 221, de 28-5-2007, disponível em <http://bit.ly/2Xlhqcl>.
- **Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade.** Edição 222, de 4-6-2007, disponível em <http://bit.ly/2FSzaO>.
- **Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho.** Edição 228, de 16-7-2007, disponível em <http://bit.ly/2Xm4LKS>.
- **Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo.** Edição 232, de 20-8-2007, disponível em <http://bit.ly/2KVkudd>.
- **Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa.** Edição 244, de 19-11-2007, disponível em <http://bit.ly/309Tgma>.
- **O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia.** Edição 251, de 17-3-2008, disponível em <http://bit.ly/2Xlhv4t>.
- **Machado de Assis: um conhecedor da alma humana.** Edição 262, de 16-6-2008, disponível em <http://bit.ly/2Xlhv4t>.
- **Macunaíma: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil.** Edição 268, de 11-8-2008, disponível em <http://bit.ly/2FQfWAK>.
- **Monteiro Lobato: interlocutor do mundo.** Edição 284, de 1-12-2008, disponível em <http://bit.ly/2JpM4Mo>.
- **A secura do sertão nos versos de João Cabral de Melo Neto.** Edição 310, de 5-10-2009, disponível em <http://bit.ly/32ayHYW>.
- **Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil.** Edição 317, de 30-11-2009, disponível em <http://bit.ly/2YrCsHk>.
- **Direito & Literatura. A vida imita a arte.** Edição 444, de 2-6-2014, disponível em <http://bit.ly/2Nvtx6O>.

Grande sertão: veredas, uma epopeia metafísica

Faustino Teixeira – PPCIR/UFJF

“Quando a gente dorme, vira de tudo:
vira pedras, vira flor” (GSV: 209)

“Partindo da chave metafísica para a compreensão da obra, pode-se dizer, com base na reflexão de Antonio Candido, que o sertão representa o mundo e os jagunços cada um dos seres humanos. Como diz o velho Tatarana, ‘o sertão está em toda a parte’ (GSV: 13), ele ‘é dentro da gente’ (GSV: 224)”, escreve Faustino Teixeira.

Faustino Teixeira é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais - PPCIR-UFJF. É doutor e pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. É autor de *Caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2018), *Em que Creio Eu* (São Paulo: Terceira Via, 2017), *Finitude e Mistério. Mística e Literatura Moderna* (Rio de Janeiro: Mauad, 2014). Também organizou, entre outros, *Nas teias da delicadeza* (São Paulo: Paulinas, 2006), *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas* (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes, e *As orações da humanidade* (Petrópolis: Vozes, 2018), em parceria com Volney Berkenbrock.

Eis o texto.

Sem dúvida, estamos diante de uma das mais importantes realizações da literatura brasileira no século XX, com destaque essencial na literatura mundial. Trata-se da obra de Guimarães Rosa (1908-1967), *Grande sertão: veredas*¹ (São Paulo: Companhia das Letras, 2019). Veio recentemente reeditado no Brasil pela Companhia das Letras, em sua 22^a edição. Em âmbito internacional, o livro ganhou muitas edições, com destaque para a tradução alemã², com diversas edições sucessivas; bem como a reconhecida tradução italiana³, com quatorze edições publicadas.

Como mostrou Walnice Nogueira Galvão, “Guimarães Rosa é único na literatura brasileira: foi em sua pena que nossa língua literária alcançou seu mais alto patamar”⁴. O romancista conseguiu com sua obra tocar o “centro da língua”, recorrendo com grande criatividade e ousadia à mais ampla “utilização de virtualidades” da narrativa portuguesa⁵. Há algo de misterioso e místico em GSV, revelando uma parceria singular entre autor e obra, como um “casal de amantes”. Em entrevista a Günter Lorenz, em janeiro de 1965, Rosa dizia que “o bom escritor é um arquiteto da alma”⁶. Sem dúvida, sua relação com a linguagem tem um toque místico, de mistério, que carrega um jeito peculiar de ruminação da palavra que o mantém em alerta por horas ou dias⁷. Daí a grande dificuldade de traduzi-lo para outras línguas. Algo desse mistério se perde

1 O livro será sempre siglado com GSV. (Nota do autor)

2 A reconhecida tradução de Curt Meyer-Clason, de 1964. Está em curso uma nova tradução alemã, realizada por Berthold Zilly, para a editora Hansel de Munique. (Nota do autor)

3 Realizada por Eduardo Bizzarri (Feltrinelli Editore). (Nota do autor)

4 Walnice Nogueira GALVÃO. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 9 (Folha Explica). (Nota do autor)

5 Willi BOLLE. *Grande sertão.br*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004, p. 400 e 442. (Nota do autor)

6 Günter LORENZ. Diálogo com Guimarães Rosa. In: João Guimarães ROSA. *Ficção completa*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. CLIV. (Nota do autor)

7 *Ibidem*, p. XLVIII. (Nota do autor)

na tecnicidade da versão para outro idioma. E Rosa assinala que quando a dúvida o assoma, ele busca resposta não entre os doutos professores, mas entre os vaqueiros de Minas Gerais, “que são todos homens atilados”⁸.

Grande sertão: veredas foi publicado em 1956, mas seu primeiro rascunho ficou pronto em julho de 1954. O número de páginas varia conforme a edição e a diagramação. Tomando como referência a quinta edição, de 1967, que foi a última publicada em vida do autor, são 460 páginas, e a 22ª edição tem 435 páginas⁹. Nelas habita a força de uma linguagem dotada de vida e “compromisso de coração”, alçando a reflexão a grandes labirintos metafísicos, com criação e fantasia, sem romper, porém, com a dinâmica do cotidiano. Ainda recorrendo à entrevista com Günter Lorenz, Rosa sublinha a dimensão de “infinito” presente na sua reflexão¹⁰, mas que retorna sempre ao dia a dia: “Na literatura, a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do cotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe”¹¹. O personagem Zé Bebelo em GSV assinala: “A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro...” (GSV: 202). Por ocasião do lançamento da nova edição de GSV pela Companhia das Letras (2019), Mia Couto¹² dizia que nesta obra “encontrou o retrato mais fiel do Brasil”¹³ e que poderia, perfeitamente, ser escrita no tempo atual. O romancista recorreu ao linguajar regional “para fazer um texto universal”, com linguagem inovadora¹⁴.

Não é um livro de fácil leitura, há que reconhecer. Isso em razão da peculiaridade da dinâmica da narrativa. Em verdade, um monólogo que retrata a interlocução do velho jagunço Riobaldo Tatarana com um homem da cidade. Nessa conversa, Riobaldo passa em revista o seu passado, os seus temores, as suas crenças e o seu mundo. A conversa é realizada mediante um curso de “associações de uma mente atormentada refletindo sobre algo que tende a lhe escapar, mas que aflora nas imagens do demônio, do sertão, do bem e do mal, na menção de bichos e pedras e de plantas, na evocação de acontecimentos corriqueiros ou excepcionais”¹⁵.

Há que ter disciplina e paciência para a leitura do livro. O seu acesso é complexo, como lembram Mia Couto e Fernando Sabino¹⁶. Como diz esse último autor, “no princípio, dez primeiras páginas, é meio assim-assim, custa um pouco a engrenar, mas de repente a gente se embala no ritmo dele e não larga mais”¹⁷. Quando se entra na sintonia do livro, o maravilhamento toma o leitor, como no caso de Clarice Lispector: “Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos (...). O livro está me dando uma reconciliação com tudo, me explicando coisas adivinhadas, enriquecendo tudo”¹⁸.

No processo de interlocução com o senhor da cidade, Riobaldo expressa sua dificuldade de narração: “Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares” (GSV: 136). E a obra vai se desenrolando num marco de ambiguidades que são impactantes: no campo da geografia, dos tipos sociais, das afetividades, das crenças e, sobretudo, da reflexão metafísica. A ambiguidade metafísica revela, talvez, o ponto nevrálgico da obra, como sinaliza Antonio Candido¹⁹: “Ambiguidade metafísica, que balança Riobaldo entre Deus e o Diabo, entre a realidade e a

8 Ibidem, p. XLVIII. Em carta a Edoardo Bizarri, seu tradutor italiano, Guimarães Rosa sublinha o seu lado religioso, semelhante ao do personagem Riobaldo. Uma visão de pertencimento a todas as religiões, e uma ênfase na dimensão intuitiva do real: Suzi Frankl SPERBER. *Caos e cosmos. Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 144-145. (Nota do autor)

9 Esta será a edição de referência para as citações, sempre com a abreviação GSV. (Nota do autor)

10 Ibidem, p. XLI. (Nota do autor)

11 Antonio CANDIDO. *Tese e anttese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971, p. 139 (capítulo V: O homem dos avessos). (Nota do autor)

12 Mia Couto (1955); pseudônimo de António Emílio Leite Couto Beira, biólogo e escritor moçambicano. Considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique, é o escritor mais traduzido desse país. Em seus livros, tenta recriar a língua portuguesa com uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana. (Nota da IHU On-Line)

13 É o que também mostrou Willi Bolle em seu livro, entendendo o GSV como “um retrato do Brasil”: Willi BOLLE. *Grande sertão.br.*, p. 23. (Nota do autor)

14 <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,mia-couto-vem-ao-brasil-para-falar-sobre-grande-sertao-veredas,70002771743>. (Nota do autor)

15 Kathrin Holzermayr ROSENFELD. *Grande sertão: veredas*. Roteiro de leitura. São Paulo: Ática, 1992, p. 18. (Nota do autor)

16 Fernando Tavares Sabino (1923-2004): foi um escritor e jornalista brasileiro, tendo também exercido atividades como cineasta. É pai da cantora e compositora Verônica Sabino. (Nota da IHU On-Line)

17 Fernando SABINO. Cartas. In: Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*. 22ª ed., p. 439. (Nota do autor)

18 Clarice LISPECTOR. Cartas. In: Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*. 22ª ed., p. 440. (Nota do autor)

19 Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Sívio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha de Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou

dúvida do pacto, dando-lhe o caráter de iniciado no mal para chegar ao bem”²⁰.

Um dos maiores clássicos na abordagem de GSV é Manuel Cavalcanti Proença, que escreveu o livro, *Trilhas no grande sertão*, em 1958²¹. Ele distingue duas linhas paralelas na obra assinalada: uma objetiva, que aborda o itinerário de andanças e combates; e outra subjetiva, que sinaliza as “marchas e contramarchas de um espírito estranhamente místico, oscilando entre Deus e o Diabo”²². Tudo pode ser traçado em sete partes constitutivas, como mostrou Willi Bolle²³, em sua obra capital sobre o livro, com início na situação narrativa de apresentação do personagem, passando pela sua dinâmica iniciática na travessia do São Francisco, e abrindo o campo de sua longa epopeia pelo sertão, na vivência de seus amores e embates até, por fim, largar a jagunçagem²⁴. O Rio São Francisco serve também como um referencial, refletindo as duas partes da vida do jagunço Riobaldo, qualitativamente diversas: O lado direito

“é o fasto; nefasto o esquerdo. Na margem direita a topografia parece mais nítida; as relações, mais normais. Margem do grande chefe justiceiro Joca Ramiro; do artimanhoso Zé Bebelo; da vida normal no Curalinho; da amizade ainda reta (apesar da revelação de Guararavacã do Guaicuí) por Diadorim, mulher travestida de homem. Na margem esquerda a topografia parece fugidia, passando a cada instante para o imaginário, em sincronia com os fatos estranhos e desencontrados que lá sucedem. Margem da vingança e da dor, do terrível Hermógenes e seu reduto no alto Caririnha; das tentações obscuras; das povoações fantasmiais; do pacto com o diabo”²⁵.

Partindo da chave metafísica para a compreensão da obra, pode-se dizer, com base na reflexão de Antonio Candido, que o sertão representa o mundo e os jagunços cada um dos seres humanos. Como diz o velho Tatarana, “o sertão está em toda a parte” (GSV: 13), ele “é dentro da gente” (GSV: 224). O sertão é um “microcosmo” que retrata uma dinâmica universal. É o que traduz o plano subjetivo da narrativa, “constituído pelos conflitos interiores e a perquirição metafísica do protagonista, pois tanto estes conflitos quanto a busca por ele empreendida do sentido da vida são preocupações universais que ultrapassam as barreiras de uma região geográfica específica”²⁶. Como elementos estruturais que delineiam a composição da obra estão a terra, o homem e a luta²⁷.

Em confiança ao seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, Guimarães Rosa assinala que “no balanço dos componentes de sua narrativa, atribuía somente um ponto ‘à realidade sertaneja’, dois ao enredo, três à poesia, e o mais alto, quatro, ao elemento metafísico e religioso”²⁸.

A obra é uma epopeia existencial, e traz impressionantes registros da região onde a luta se desenrola:

“A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte –, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo”²⁹.

são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

20 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 134-135. (Nota do autor)

21 M. Cavalcanti PROENÇA. *Trilhas no grande sertão*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958. (Nota do autor)

22 *Ibidem*, p. 6. (Nota do autor)

23 **Stefan Wilhelm Bolle** ou **Willi Bolle**: é professor titular de Literatura na Universidade de São Paulo. Fez o doutorado em Literatura Brasileira (na Universidade de Bochum/Alemanha) com uma tese sobre a técnica narrativa de Guimarães Rosa, e a livre-docência em Literatura Alemã (na USP) com uma tese sobre Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar. É também organizador da edição brasileira das *Passagens*, de Walter Benjamin (Belo Horizonte e São Paulo, EdUFMG e Imprensa Oficial, 2006) e (co)organizador dos dois volumes *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs, e Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea* (eds. bilingues: alemão/português; Santos, Editora Brasileira, 2013 e 2015). (Nota da **IHU On-Line**)

24 Willi BOLLE. *Grande sertão.br*, p. 62-63. (Nota do autor)

25 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 124-125. (Nota do autor)

26 Eduardo F. COUTINHO. *Em busca da terceira margem: ensaios sobre o grande sertão: veredas*. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993, p. 25; Benedito NUNES. *A Rosa o que é de Rosa*. Literatura e filosofia em Guimarães Rosa. São Paulo: Difel, 2013, p. 304-305. (Nota do autor)

27 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 123. (Nota do autor)

28 Benedito NUNES. *A Rosa o que é de Rosa*, p. 250. (Nota do autor)

29 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 122; e ainda: Eduardo F. COUTINHO. *Em busca da terceira margem*, p. 16. (Nota do autor)

O leitor atento depara-se com uma singular riqueza de detalhes apresentados pelo autor, como a topografia da região, os inúmeros rios, as listas infindáveis de animais, pássaros e plantas presentes na área. O registro capta ainda as crenças populares e os hábitos culturais, as comidas e o misticismo que impregnam a narração. Sobre isso vale debruçar-se nas lindas descrições feitas por Cavalcanti Proença ao tratar do plano mítico do livro: a presença e o significado das águas, dos rios, em particular do Urucuia; do significado dos ventos, outro personagem constante no livro; dos buritis e do Mar, que guarda o grande segredo, o mistério da vida e da morte³⁰.

A grande questão disposta no livro é aquela que acompanha o itinerário de Riobaldo: existe ou não o Demo? Para o narrador, a grande questão “é a existência dele: existe ou não? Em princípio, sente que é um nome atribuído à parte torva da alma”³¹. Na conversa com o interlocutor, Riobaldo esclarece: “Explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos” (GSV: 15)³². Esses conflitos de Riobaldo no plano subjetivo correspondem nitidamente aos conflitos universais pelos quais passa todo ser humano. Não há quem não tenha essa ambiguidade dentro de si. Faz parte do drama de estar situado no mundo, da busca do “sentido da vida”³³. São dramas humanos que Guimarães Rosa, com sua arte, consegue sensibilizar o leitor:

“As mesmas perplexidades, as mesmas dificuldades enfrentadas por ele (Riobaldo) chegam até ao leitor com a mesma força e conturbadas pelas mesmas dúvidas, graças à superior capacidade com que instalou dentro dos signos linguísticos o mundo em processo, realizando-se dinamicamente, para que o leitor o enfrentasse com instrumentos equivalentes aos seus”³⁴.

O que busca fazer Guimarães Rosa em sua narrativa, como ele mesmo expressou para Curt Meyer-Clason, é “rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada ‘realidade’, que é a gente mesmo, o mundo, a vida”³⁵. Conforme diz Tatarana, “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (GSV: 53).

Essa travessia se dá no sertão. É ali que Guimarães Rosa insere a epopeia de Riobaldo. Trata-se de um conceito que não se limita à sua configuração geográfica, mas a uma “região múltipla e ambígua”, que abriga “os elementos mais contraditórios, tais como ‘confusão’ e ‘sossego’, e sobretudo ‘Deus’ e o ‘Demo’”³⁶. No âmbito geográfico, o sertão de Guimarães Rosa envolve o noroeste de Minas Gerais, o sudoeste da Bahia e o sudeste de Goiás. Impressiona o trabalho realizado por Guimarães Rosa e sua preocupação de veracidade. Das cerca de 230 localidades citadas em GSV, 180 foram localizadas pela pesquisa de Alan Viggiano³⁷. Como aponta esse autor, “todos os rios, vilas, serras, caminhos, veredas, são localizáveis. Inclusive as cidades que, de um modo ou outro, entram nas narrativas”³⁸. O clima e a ambientação do livro podem ser captados por quem viaja de carro do Distrito Federal à cidade de Belo Horizonte: “Não só o clima físico e emocional das histórias de Guimarães Rosa, como os próprios nomes de lugares usados por ele na concepção de seus enredos. É natural. Aquela estrada corta, em sentido diagonal descendente, de noroeste para sudeste, o território do Sertão”³⁹.

O sertão de Guimarães Rosa é, simultaneamente real e fantástico, “onde a brutalidade impõe técnicas brutais de viver, onde os fenômenos de possessão religiosa, gerando beatos e fanáticos, diferem pouco, na sua natureza e consequência, dos que poderíamos atribuir à possessão demoníaca”⁴⁰. O sertão é a terra sem lei, é o “sem lugar”, e “todos aqueles que molmontam no sertão só alcançam de reger em rédeas por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela” (GSV: 270-271). O sertão está sempre rodeando em torno, no que menos se espera: “Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (GSV: 25). Daí ser a travessia tão perigosa.

30 M. Cavalcanti PROENÇA. *Trilhas no grande sertão*, p. 30s. Sobre o rio e as águas (p. 32-36); sobre os ventos (48-53); sobre os buritis (54-56); sobre o Mar (65-68); bem como a profusão de plantas e bichos; Benedito NUNES. *A rosa o que é de rosa*. Literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Difel, 2013, p. 291s. (Nota do autor)

31 Antonio CANDIDO. O homem dos avessos. In: João Guimarães ROSA. *Ficção Completa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. CLVI. (Nota do autor)

32 Sônia VIEGAS. *Escritos*. Filosofia viva. Belo Horizonte: Tessitura, 2009, p. 379-380. (Nota do autor)

33 Willi BOLLE. *Fórmula e fábula*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 21. (Nota do autor)

34 José Carlos GARBUGLIO. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972, p. 88. (Nota do autor)

35 *Ibidem*, p. 134. (Nota do autor)

36 Eduardo F. COUTINHO. *Em busca da terceira margem*, p. 24. (Nota do autor)

37 Alan VIGGIANO. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Geografia e toponímia em Grande Sertão: Veredas. Belo Horizonte: Crisálida, 2007. (Nota do autor)

38 *Ibidem*, p. 21. (Nota do autor)

39 *Ibidem*, p. 13. (Nota do autor)

40 Antonio CANDIDO. O homem dos avessos, p. CLIII. (Nota do autor)

O jagunço é uma figura singular do sertão, é o pistoleiro ou sem-terra que o povoa. É um “tipo híbrido entre capanga e homem de guerra”⁴¹. Ele vem contratado para garantir os limites da propriedade ou grilar terras ou mesmo para “eliminar adversários; organizar eleições, recorrendo à fraude e à intimidação, mobilizando os eleitores ‘de cabresto’; desencadear contendas ou reprimi-las”⁴².

O personagem central de GSV é um jagunço, Riobaldo. É o narrador-protagonista. Tinha como apelido Cerzidor, depois Tatarana (lagarta de fogo) e mais tarde Urutu Branco (das serpentes, a mais venenosa). Sua trajetória começa no campo das Gerais, tendo nascido em condições difíceis. Perde sua mãe – Bigrí – cedo, sendo acolhido por seu padrinho Selorico Mendes, que tinha três fazendas de gado. Ele o introduz nas letras e também nas artes da guerra. Queria que Riobaldo tirasse “carta-de-doutor” (GSV: 87), mas também que “aprendesse a atirar bem, e manejar porrete e faca” (GSV: 86). E Riobaldo aprendeu o segredo de atirar “com espírito” (GSV: 95).

Inicia então seus estudos numa escola da aldeia próxima, Currálinho. Foi nessa ocasião que tomou contato pela primeira vez com o grande Joca Ramiro. Quando, porém, descobre que seu padrinho é, na verdade, seu pai, ele foge de casa e busca emprego numa fazenda por indicação de Mestre Lucas. Lá encontra Zé Bebelo, que oferece a ele um cargo de secretário, e assim parte para a jagunçagem. O desgosto daquela vida o faz desistir da empreitada. Em meio à fuga, numa outra fazenda, topa então com um Menino que vai transformar a sua vida. Aquele Menino era Diadorim: “De repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia regular com a minha idade (...) e era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos grandes, verdes” (GSV: 79).

Foi com esse Menino que Riobaldo escutou uma frase decisiva: “Carece de ter coragem” (GSV: 82)⁴³. Foi por ocasião de uma travessia do São Francisco numa canoa, quando foi ajudado pelo garoto, e pôde sentir o contato de suas mãos e seus dedos delicados. Na ocasião pôde também perceber a destreza do Menino com a faca, livrando-os de um assédio ameaçador. Foi quando também ouviu do amigo uma palavra cortante: “Sou diferente de todo mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente” (GSV: 84).

Riobaldo não se esqueceu mais daquele Menino, e depois de muitos anos o reencontrou como jagunço. Ele era filho de Joca Ramiro, chefe de um bando, e entre os dois nasce uma “relação de amor e de morte, que se desenrola sob o signo de Deus e do Diabo. Nessa relação, a camaradagem viril se mistura a um desejo dos mais ambíguos, assim como o prazer da amizade entre ambos à guerra incessante em que estão empenhados”⁴⁴. Riobaldo foi tomado pela força daqueles olhos verdes, tudo reluzia com sua presença, todas “as cores do mundo” (GSV: 111). E acrescentava: “Qualquer coisa que ele falasse, para mim virava sete vezes” (GSV: 109).

Em trajetória guerreira de participação em muitos bandos, às vezes rivais uns dos outros, Riobaldo titubeia com respeito à sua vocação ou motivação. Permanece envolvido pela grande dúvida sobre a justiça e as causas últimas, e uma ambiguidade que o acompanha por toda sua caminhada. A seu lado, motivando-o, a presença amiga do Menino, que aos poucos revela a ele o seu nome Diadorim.

A expressão “Nonada” que abre o romance

“sofre no percurso narrativo ricas elaborações metafóricas e ampliações imagéticas. Se ela funciona como uma síncope preliminar – negação e corte de conteúdos que o leitor ainda desconhece –, seu potencial semântico negativo ressurgiu, ao longo do romance, nos temas do vazio, do abismo, dos fundos insondáveis do sertão. A travessia se faz confrontação com o nada, aventura no nada, experiência extenuante da negatividade e do despojamento crescentes, que aparecem por vezes irrecuperáveis”⁴⁵.

O nada faz parte também da dinâmica ambígua que domina o personagem central do romance, e está relacionado com sua luta permanente: vencer o medo, provar a coragem nos combates e

41 Ibidem, p. CLI. (Nota do autor)

42 Walnice Nogueira GALVÃO. *Guimarães Rosa*, p. 32. (Nota do autor)

43 Uma experiência que vai sinalizar uma relação de dependência de Riobaldo com respeito a Diadorim (Reinaldo): Walnice Nogueira GALVÃO. *As formas do falso*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 94. (Nota do autor)

44 Walnice Nogueira GALVÃO. *Guimarães Rosa*, p. 48; Id. *As formas do falso*, p. 100. (Nota do autor)

45 Kathrin H. ROSENFIELD. *Os descaminhos do demo*. Tradição e ruptura em Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro/São Paulo: Imago/Edusp, 1993, p. 19-20. (Nota do autor)

lidar com as aventuras e desgostos do amor. E por toda a trajetória a presença daquela figura atemorizadora do Demo. A frase que serve de epígrafe ao livro vem retomada diversas vezes: “O diabo na rua, no meio do redemoinho”. Assinala a respeito Walnice Galvão: “Se por um lado tudo é Deus, por outro lado nenhum domínio é defeso ao Diabo. Assim como a alma dos homens, todo o reino da criação pode ser penetrado pelo demônio e ser sujeitado a ele, tornando-se seu instrumento”⁴⁶.

O Demo vem nomeado no livro com nada menos do que 52 nomes. Entre os quais: o Tal, o Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Duba, o Rapaz, o Tristonho, o Pai da Mentira, o Bode Preto, o Morceirão, o Xú, e assim por diante (GSV: 35 e 302). Riobaldo capta essas expressões do imaginário popular. E aquela dúvida que o acompanha todo tempo: o diabo existe ou não existe? E por que razão?: “Porque nada encarnaria melhor as tensões da alma, nesse mundo fantástico, nem explicaria mais logicamente certos mistérios inexplicáveis do Sertão”⁴⁷.

O Demo também transmuta-se na dinâmica de ódio que impera no sertão, sendo também representado na figura do jagunço Hermógenes – o polo da violência por excelência. O ódio, diz Riobaldo, “é aquele que não carece de nenhuma razão” (GSV: 284). E emerge “de maneira mais evidente no fogo da batalha, que revela simultaneamente a verdade e a essência da guerra”⁴⁸.

Riobaldo é atormentado pelo Demo, pelo ódio, e também pelo sofrimento que campeia nas Gerais. Fala sobre “o inferno feio deste mundo: que nele não se pode ver a força carregando nas costas a justiça, e o alto poder existindo só para os braços da maior bondade” (GSV: 281). Há momentos em que ele procura fugir daquele território da dor: “Eu queria poder sair depressa dali, para terras que não sei, aonde não houvesse sufocação em incerteza, terras que não fossem aqueles campos tristonhos” (GSV: 283). Tudo ali era devastação: “Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte” (GSV: 107).

Como recurso poderoso tinha a força das orações. Desde quando tinha saído de casa, carregara consigo “uma imagem de santo de pau” (GSV: 85). Quando encontrou o Menino no porto do de-Janeiro estava com sua canequinha pedindo esmolas para o Senhor Bom-Jesus (GSV: 85). Trazia do berço essa fé profunda, enriquecida com os conselhos poderosos do compadre Quelemém, sábio de horizontes inter-religiosos. Ele dizia para Riobaldo que a luta era mesmo difícil: “Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho” (GSV: 48). A religião era assim central em sua vida:

“O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoídar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue” (GSV: 19).

O inferno estava ali, sempre à disposição, mas as rezas fortes contrapunham os seus desígnios. Havia um caminho mais importante a seguir: de “recondução das coisas a si próprias”. Daí a importância da coragem recorrente: “O espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para a tristeza e morte vai não vendo o que é bonito e bom” (GSV: 138). Riobaldo tinha a seu favor a presença das “rezas fortes”, estava bem assistido pelos bons espíritos. As rezas de Maria Leôncia, Izina Calanga e outras. E dizia: “Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo!” (GSV: 19)⁴⁹. Tinha ainda a presença de todas as Nossas Senhoras Sertanejas, e em particular a Nossa Senhora da Abadia, proteção maior contra o Demo⁵⁰. Ela, sim, é que valia, “por um mar sem fim” (GSV: 219). E seu perfume “perdurava muito; às vezes dá saldos para uma vida inteira” (GSV: 338).

Riobaldo não podia imaginar um mundo sem Deus. Daí sua reação de espanto com o doutor de Arassuaí, que não acreditava em Deus: “Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo,

46 Walnice Nogueira GALVÃO. O certo no incerto: o pactário. In: João Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*. 22ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 454. (Nota do autor)

47 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 136. (Nota do autor)

48 Kathrin H. ROSENFELD. *Os descaminhos do demo*, p. 104. (Nota do autor)

49 E também: GSV: 48. Ver ainda: Francis UTÉZA. *A metafísica do grande sertão*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 50. (Nota do autor)

50 M. Cavalcanti PROENÇA. *Trilhas no grande sertão*, p. 66. (Nota do autor)

tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra” (GSV: 49-50). O Diabo ronda os caminhos, mas Deus, diz Riobaldo, “é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza” (GSV: 24).

Nas reflexões metafísicas de Riobaldo ele fala do grande sonho de todo ser humano: querer Céu. Tem consciência viva do “estado de demônio” que paira por todo canto, mas “a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo” (GSV: 50). Sonhava com uma vocação diferente: “Um fazendão de Deus, colocado no mais tope, se braceando incenso nas cabeceiras das roças, o povo entoando hinos, até os pássaros e bichos vinham bisar”; um lugar de “gente sã valente, querendo só o Céu, finalizando” (GSV: 49).

O demônio, porém, age nas gretas, nos intervalos, aproveitando espertamente dos vacilos na caminhada. Como diz Walnice Galvão,

“O Diabo ganha pequenas paradas, rápidas e logo concluídas dentro do grande fluir de tudo que existe e que é Deus; mas nessas pequenas paradas pode se danar um homem. O Diabo implica na certeza dessas pequenas paradas que se ganha ou se tenta ganhar, dentro da incerteza geral que é o fluir, onde tudo se transforma, onde uma coisa sai de outra, e desta outra vai sair outra, e assim sucessivamente. Tentar parar esse fluir através de uma certeza é a tarefa do Diabo. ‘Deus é paciência. O contrário é o Diabo’ (GSV: 20)”⁵¹.

Reforço na caminhada é o que consegue Riobaldo com a presença amiga de Diadorim, sempre junto com a força de sua beleza e coragem. Diadorim era o filho secreto de Joca Ramiro. Vinha marcado por um ódio visceral, decorrente do assassinato de seu pai por Hermógenes. Ele dizia: “Não posso ter alegria alguma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros⁵² não forem bem acabados” (GSV: 28). Guardava celibato, o que criava um clima singular em todo o romance, na relação com Riobaldo. Diadorim era chamamento, mas também repulsão: “Enquanto atrai pelo conjunto dos dons pessoais, pelo sortilégio das qualidades, principalmente pela feminilidade, repele pela energia moral acumulada desde sempre pelo voto de castidade que é o suporte maior dessa energia. Assim como os santos-mártires têm raro poder de provocar a libido e força maior para vencer a tentação e o demoníaco, porque ‘nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor’”⁵³.

Mesmo com suas resistências, sua feminilidade emerge várias vezes ao longo do romance: nas suas feições, na cintura fina, no comportamento com os jagunços, no mistério de seus banhos noturnos, nos desaparecimentos inexplicáveis, no pudor manifesto, no instinto materno explicitado em determinadas ocasiões⁵⁴. Nos momentos em que Riobaldo acena para um envolvimento maior, ela recua, com várias artimanhas⁵⁵. Num momento de aperto, Diadorim pontuou: “Nego que gosto de você, no mal. Gosto, mas só como amigo!” (GSV: 212). Ou ainda em outra ocasião, reiterou: “Riobaldo, eu gostava que você pudesse ter nascido parente meu...” (GSV: 308). Como mostrou com acerto Kathrin Ronsenfield, “Diadorim nunca manifesta um amor feminino ou sensual que visaria no amigo um corpo sexuado, mas articula apenas saudades de parentesco. Contrariamente às relações eróticas, o parentesco expressa um vínculo imediato e natural, ou seja, anterior e independente de uma escolha, de um ato livre e simbolicamente relevante do sujeito”⁵⁶.

Riobaldo estava, assim, diante de uma pureza irreduzível:

“O destino fatal de Diadorim não está longe das imagens da androginia mortífera do romance goethiano. A indeterminação sexual que obstaculiza a plenitude temporária da união sexual mas, ao mesmo tempo, redime e protege o sujeito do desencanto e do anticlímax subsequente à euforia do orgasmo, coloca-se tanto em Goethe como em Guimarães Rosa, como a quintessência do desejável, do pleno e do perfeito”⁵⁷.

51 Walnice Nogueira GALVÃO. O certo no incerto, p. CCXIII; Id. *As formas do falso*, p. 130. (Nota do autor)

52 Trata-se de Hermógenes e Ricardão. Veja GSV: 89. (Nota do autor)

53 José Carlos GARBUGLIO. *O mundo movente de Guimarães Rosa*, p. 72. (Nota do autor)

54 Márcia Marques de MORAES. *A travessia dos fantasmas*. Literatura e psicanálise em Grande Sertão: Veredas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 34; Manuel Cavalcanti PROENÇA. Dom Riobaldo do Uruçuia, cavaleiro dos campos gerais. In: João Guimarães ROSA. *Ficção completa*, p. CLXVII-CLXVIII. (Nota do autor)

55 Kathrin H. ROSENFIELD. *Os descaminhos do demo*, p. 96. (Nota do autor)

56 Ibidem, p. 97. (Nota do autor)

57 Ibidem, p. 95. (Nota do autor)

Em verdade, é Diadorim quem introduz Riobaldo na secura do mundo, na aspereza do sertão e na dinâmica das lutas; mas é ele igualmente que revela para Riobaldo a beleza da natureza: “Quem me ensinou a apreciar essas belezas sem dono foi Diadorim” (GSV: 26); a doçura de pássaros como o manuelzinho-da-crôa: “É preciso olhar para esses com um todo carinho” (GSV: 108).

Com sua intenção duradoura, Diadorim convoca Riobaldo para seguir a travessia em busca da vitória sobre Hermógenes. É ela quem “puxa Riobaldo para o mundo do qual tentou fugir: o mundo da ‘constante brutalidade’”⁵⁸. Era o mundo de Hermógenes, aquele “homem sem anjo-da-guarda” (GSV: 89), que será o tormento na trajetória de Riobaldo. “Para vencer Hermógenes, que encarna o aspecto tenebroso da Cavalaria sertaneja, – cavaleiro felão, traidor do preto e da devoção tributadas ao suserano – é necessário ao paladino penetrar e dominar o reino das forças turvas”⁵⁹.

Riobaldo tenta, então, conseguir seu objetivo fazendo o pacto com o Demônio. É um momento de viagem solitária, que nem mesmo Diadorim pode acompanhar: “Ah, deixa a aguiha das grotas grugejar sozinha” (GSV: 301). Vai ao encontro da aventura sozinho, com seu querer, disposto a enfrentar a adversidade. Na encruzilhada das veredas mortas busca tirar de dentro de seu tremor as palavras que pudessem convocar o Demo, envolvido pelo “rôr de nada” (GSV: 302). Os sentimentos estavam embaralhados: “Acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo” (GSV: 303). Somando forças para o momento, consegue bramar: “Lúcifer! Lúcifer!”. Nada, porém, ocorreu, a não ser um silêncio pavoroso, acompanhado de um “friúme” que “requeimava forte sede” (GSV: 304). E narrou Riobaldo: “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais” (GSV: 304). O Demo não respondeu, nem apareceu. Comentou Riobaldo: “Mas eu supri que ele tinha me ouvido” (GSV: 304). Ficou, porém, esse mistério.

Aos poucos o “rôr de nada” foi cedendo lugar ao “rorar”, ou seja, ao orvalhar. É a segunda metade do pacto, pontuada pelo amanhecer e pela transfiguração de Riobaldo: “Foi orvalhando. O ermo do lugar ia virando visível, com o esboço no céu, no mermar da d’alva (...). Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas ideias, e de tantas coisas passadas diversas eu inventava lembrança, de fatos esquecidos em muito remoto, neles eu topava outra razão” (GSV: 305).

Apesar do silêncio, algo ocorreu em Riobaldo depois do “pacto”. Diadorim percebeu a mudança⁶⁰, e igualmente os cavalos: “Os cavalos passam a adivinhar que Riobaldo, agora, é homem sobrenatural, conserva o cheiro de quem o diabo farejou...”⁶¹. Como num rito de iniciação, Riobaldo passa por uma mudança em seu ser, uma “iniciação às avessas”, como forma de “assimilar as potências demoníacas que abrem caminho a todas as ousadias”⁶². É o caminho de ingresso na ordem de uma “ferocidade adequada à vitória”. Uma palavra nova vem utilizada pelo romancista para expressar o momento: “sobrelégio” (GSV: 364), que seria um “sortilégio sobrenatural”⁶³.

Riobaldo estava agora preparado para atravessar o Liso do Sussuarão e poder alcançar a fazenda de Hermógenes nos confins da Bahia. Mas antes, vai retomar forças na Chapada do Urucuia, aquele lugar “onde tanto boi berra” (GSV: 274)⁶⁴. Ali naquele espaço de tranquilidade e paz é que Riobaldo “recebe os eflúvios da terra e os olhos se enchem de contemplação dos buritis, os ouvidos, com o berro dos bois”⁶⁵. Diante do risco da morte, era a oportunidade que se abria para a despedida da “terra-mãe”.

O guerreiro então atravessa, com seu bando, o Liso do Sussuarão, “fechado ao comum dos homens e docilmente aberto ao seu mando”⁶⁶. Era agora o Urutu Branco, nome consagrado por Zé Bebelo (GSV: 244 e 315), cavalgando Siruiz, um animal de exceção⁶⁷. O guerreiro Urutu Branco chega, enfim, ao local do embate final, onde ocorre a batalha do Tamanduá-tão. Ele não participa diretamente do combate, mas assiste a luta entre Hermógenes e Diadorim da janela de um sobrado, como que imobilizado⁶⁸. Os dois acabam falecendo sangrados por facadas. Exclama Riobaldo: “Diadorim tinha morrido – mil-vezes-mente – para sempre de mim e eu sabia, e não

58 Willi BOLLE. *Grande sertão.br*, p. 206. (Nota do autor)

59 Antonio CANDIDO. *O homem dos avessos*, p. CLIII. (Nota do autor)

60 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 133. (Nota do autor)

61 Manuel Cavalcanti PROENÇA. *Dom Riobaldo do Urucuia*, p. CLXV. (Nota do autor)

62 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 132; Kathrin H. ROSENFELD. *Grande sertão: veredas*, p. 65. Ela fala “ponto culminante do despojamento progressivo do sujeito dos seus atributos”. (Nota do autor)

63 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 136. (Nota do autor)

64 Sobre a presenças dos bois em GSV ver: Walnice Nogueira GALVÃO. *As formas do falso*, p. 27; Benedito NUNES. *A Rosa o que é de Rosa*, p. 257 e 282 (Nota do autor)

65 M. Cavalcanti PROENÇA. *Trilhas no grande sertão*, p. 24. (Nota do autor)

66 Antonio CANDIDO. *Tese e antítese*, p. 136. (Nota do autor)

67 *Ibidem*, p. 133. (Nota do autor)

68 M. Cavalcanti PROENÇA. *Trilhas no grande sertão*, p. 40. (Nota do autor)

queria saber, meus olhos marejaram” (GSV: 426). Riobaldo estende a mão para tocar pela última vez aquele corpo, surpreso com sua descoberta, e estremece, “retirando as mãos para trás”. Consegue exclamar envolvido pela dor: “Meu amor!...” (GSV: 429).

Ao comentar esse embate final, Walnice Galvão conclui:

“Para enfrentar um pactário é preciso outro pactário: o Diabo está com o Hermógenes mas também está com Riobaldo. Na hora do combate, o Diabo está na rua no meio do redemoinho, mas também está ao lado de Riobaldo e dentro dele. Ao cabo, Riobaldo consegue cumprir sua missão de acabar com Hermógenes. Mas o diabo cumpre o prometido com as tramoias que a tradição lhe atribui, ou seja, da maneira mais dolorosa e mais inesperada para aquele que lhe vendeu a alma: Riobaldo acaba com o Hermógenes, mas no mesmo ato Diadorim morre”⁶⁹.

O romance, que tinha começado com a expressão “Nonada”, termina com a expressão “Travessia”. E termina mantendo aceso o paradoxo que angustiou toda a epopeia de Tatarana: Existe ou não o Demo? O narrador, ao final, sublinha: “Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano”⁷⁰. Travessia” (GSV: 435).

⁶⁹ Walnice Nogueira GALVÃO. O certo no incerto, p. CCXV. (Nota do autor)

⁷⁰ Ver a respeito: Eduardo F. COUTINHO. *Grande sertão: veredas*. Travessias. São Paulo: Realizações Editora, 2013, p. 98. (Nota do autor)



IHU IDEIAS

29 de agosto
quinta-feira
17h30min às 19h

**A Campanha da Legalidade e o cumprimento da lei,
 das regras e da Constituição**

Profa. Dra. Marluza Marques Harres – Unisinos

ihu.unisinos.br/eventos

Guimarães Rosa: a vida na fissura do dilaceramento existencial brasileiro

Kathrin Rosenfield traça o panorama da obra de Guimarães Rosa em perspectiva com a ambiguidade típica do Brasil e a tradição da literatura ocidental

Ricardo Machado

Dizer Guimarães Rosa ou Machado de Assis é como escrever sinônimos para a sentença grandes nomes da literatura brasileira. Os caminhos percorridos pelos autores em seus projetos éticos, de discussão sobre o Brasil para além de sua superfície aparente, são bastante distintos, para não dizer opostos. “O uso dessas duas retóricas resulta em posturas e práticas éticas diferentes. O sarcasmo implícito de Machado distancia-se do mal que ele critica (de modo camuflado) ao passo que o humor rosiano estabelece uma identificação do narrador com os males que ele contempla. Muitas vezes o personagem, por exemplo, Riobaldo, reconhece-se no mal sobre o qual ele rumina: a cordialidade e a melancolia brasileiras”, descreve Kathrin Rosenfield, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Guimarães Rosa é parte de um modernismo muito particular, em que funde a tradição literária à cultura regionalista do Brasil, postulando uma espécie de universalismo regionalista. Kathrin descreve esse movimento como uma espécie de retroavanzo, no qual a vanguarda se une a hábitos antigos, em três dimensões. “Primeiro, a oralidade e o contar casos é uma dessas tradições fortes da convivência real do Brasil. Segundo, o trabalho artístico da ingenuidade e da sinceridade que se enquadra com muita dificuldade nos interesses da sociedade civil, embora a sociabilidade dependa desse sentimento puro. Sem a ancoragem artística desse sentimento cândido, os jogos paródicos modernos perdem sua força. Um terceiro

alicerce para a tradição imaginária brasileira seria a recuperação artística da musicalidade das falas regionais e das suas saborosas metáforas concretas”, pontua a pesquisadora.

A transcendência da obra de Guimarães Rosa a mantém atual nos dias atuais. “Certamente não é por acaso que Rosa escolhe o mundo sertanejo, o arcaico tema do pacto e do amor como veículos para a fusão dos elementos vivos da cultura brasileira. Ele procura fundir o velho e o novo imaginário do Brasil num mito acre-doce da ambivalência, da cordialidade”, ressalta. “Acredito que o momento atual mostra a lucidez de Rosa e de seus personagens que sempre temem o ressurgimento de conflitos violentos ancorados na mentalidade brasileira: nas suas velhas estruturas patriarcais, religiões integralistas, intolerância social, racial e de gênero e a polarização política”, complementa.

Kathrin Rosenfield nasceu na Áustria e vive no Brasil desde 1984. Possui graduação em Letras pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle), mestrado em Antropologia Histórica pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e doutorado em Ciência da Literatura pela Universidade de Salzburg. É pesquisadora do CNPq e leciona nos programas de pós-graduação em Letras e em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Entre outros livros, publicou *Desenveredando Rosa: Ensaio sobre a obra de J. G. Rosa* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que maneira as obras de Guimarães Rosa e Machado de Assis, de um sertanejo e de um metropolitano, se contrapõem e se complementam?

Kathrin Rosenfield – Em primeiro lugar, as obras de Machado¹ e de Rosa fornecem ângulos de vista complementares (o urbano e o rural); ambos são profundamente locais-e-universais (embora de modos diversos). Isso os torna “clássicos”.

Em segundo lugar, ambos são mestres da ironia e usam os toques irônicos como intervenções na postura ética (dos personagens e dos leitores). Tanto Machado como Rosa manejam magistralmente o distanciamento de um ponto de vista fixo. Este procedimento reflexivo e irônico, entretanto, toma uma forma totalmente diferente nos dois autores. Eles pertencem, por assim dizer, a tradições irônicas diferentes. Uma remonta à tragédia grega (que se distancia do mito), ao diálogo socrático, a Cervantes² e desemboca na contemplação irônica de Kafka³, Musil⁴ e Beckett⁵. Rosa está

mais próximo desta tradição, ao passo que Machado pratica um humor mais sarcástico que vem da sátira e da comédia, prolongando-se com Sterne⁶, Maupassant⁷ ou, aqui no Brasil, com Nelson Rodrigues⁸ e o sarcasmo jornalístico. O humor doce de Rosa e o sarcasmo cortante de Machado têm sabores e auras inconfundíveis e muito diversas. Mais do que isto: o uso dessas duas retóricas resulta em posturas e práticas éticas diferentes. O sarcasmo implícito de Machado distancia-se do mal que ele critica (de modo camuflado) ao passo que o humor rosiano estabelece uma identificação do narrador com os males que ele contempla. Muitas vezes o personagem, por exemplo, Riobaldo, reconhece-se no mal sobre o qual ele ruma: a cordialidade e a melancolia brasileiras. Esse tipo de implicação ética-contemplativa é muito mais complicada em Machado: o fato é que durante longas décadas (até a crítica desbravadora de R. Schwarz⁹) não se via que Macha-

do censurava males específicos do Brasil. Ele parecia representar um pessimismo mais genérico (do tipo mítico, ou comparável com o livro de Job). Somente nas últimas décadas ficou clara a crítica severa que Machado faz aos costumes da sua sociedade. E também Rosa foi criticado de não ser engajado, de compactuar com o atraso – visão que está se modificando recentemente...

IHU On-Line – De que forma a literatura de Guimarães Rosa se vincula à filosofia poética inaugurada no final do século XVIII e a autores saxões como Hölderlin, Kleist e Robert Musil? No que se aproxima e em que se diferencia?

Kathrin Rosenfield – Sua pergunta toca numa faceta pouco comentada da obra rosiana. Creio que de fato Rosa trabalhasse num verdadeiro projeto de recriar no imaginário brasileiro esse alicerce de uma reflexão mais profunda sobre os sentimentos – uma contemplação que ampliasse a relação humana com o cosmos, a natureza, a alteridade não-humana. Ele menciona (e às vezes apenas deixa entrever em discretas alusões) seu gosto pelos grandes autores da literatura alemã, e seu gosto

acerca do fenômeno humano. Sua obra mais famosa é a peça *Esperando Godot*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Laurence Sterne** (1713-1768): foi um escritor e clérigo anglicano irlandês, famoso pelo seu romance *A Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*. Aos dez anos de idade, Sterne foi mandado para Halifax, na Inglaterra, para estudar. Anos mais tarde, estudou no Jesus College (Cambridge) e se tornou pastor da Igreja Anglicana em Yorkshire, eventualmente se tornando pastor remunerado da Catedral de Iorque em 1733. O bisavô de Sterne fora ordenado arcebispo de Iorque em 1664. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Henry René Albert Guy de Maupassant** (1850-1893): escritor e poeta francês com predileção para situações psicológicas e de crítica social com técnica naturalista. Além de romances e peças de teatro, deixou 300 contos escritos. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Nelson Falcão Rodrigues (Nelson Rodrigues)** (1912-1980): dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. Foi repórter policial durante longos anos, período em que acumulou uma vasta experiência para escrever suas peças a respeito da sociedade. Sua primeira peça foi *A Mulher sem Pecado*, que lhe deu os primeiros sinais de prestígio dentro do cenário teatral. O sucesso veio com *Vestido de Noiva*, que trazia, em matéria de teatro, uma renovação nunca vista nos palcos brasileiros. Com seus três planos simultâneos (realidade, memória e alucinação) construíam a história da protagonista Alaide, as inovações estéticas da peça iniciaram o processo de modernização do teatro brasileiro. A consagração se seguiria com vários outros sucessos, transformando-o no grande representante da literatura teatral do seu tempo, apesar de suas peças serem tachadas à época, muitas vezes, como obscenas, imorais e vulgares. Em 1962, começou a escrever crônicas esportivas, transparecendo sua paixão por futebol. Politicamente, foi um conservador. Apoiou a ditadura militar e combateu a oposição ao regime. Chegou a afirmar que Nixon havia ensinado ao Brasil a ver que o general Emílio Garrastazu Médici era o maior presidente brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Roberto Schwarz** (1938): nascido em Viena, na Áustria. Crítico de literatura e cultura, poeta e dramaturgo. Mudou-se para o Brasil com a família, de origem judaica, no início de 1939, quando a Áustria foi anexada pela Alemanha. Nos anos 1950, convive com o também emigrado Anatol Rosenfeld (1912-1973), que foi seu mentor literário e filosófico. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP em 1960. Em 1958-1959, participou do Seminário Marx, que se organizou para estudar *O Capital*; o grupo era formado por José Arthur Giannotti, Fernando

Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Jr., Francisco Weffort, Michael Löwy e Gabriel Bolaffi. Nos Estados Unidos, pós-graduou-se na Universidade de Yale sob a orientação de René Wellek, concluindo o mestrado em 1963, ano em que retornou ao Brasil, tornando-se assistente de Antonio Candido no Departamento de Teoria Literária da USP. Exilando-se em Paris em 1969, quando a repressão política aumentou após o golpe de 1964, doutorou-se em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Paris III (Université Sorbonne Nouvelle III) sob orientação de Raymond Candel em 1976. Sua tese, intitulada *Ao vencedor as batatas*, trata da obra de Machado de Assis. Quando retornou ao Brasil, em 1978, começou a lecionar literatura e teoria literária na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, onde aposentou em 1992. Nesse período, sua atuação intelectual foi marcada por algumas polêmicas importantes, como a que travou com Augusto de Campos sobre o legado da poesia concreta. Alguns de seus mais significativos ensaios são publicados em língua inglesa em forma de livro e em importantes periódicos, como a *New Left Review*. Um dos últimos ensaios do crítico se ocupa, aliás, da repercussão internacional mais recente de Machado de Assis. Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. É autor de dois livros clássicos sobre Machado de Assis: *Ao vencedor as batatas* (São Paulo: Duas Cidades, 1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo: Duas Cidades, 1990). Publicou também *Pássaro na gaveta* (São Paulo: Massao Ohno, 1959), *A lata de lixo da história* (São Paulo: Paz e Terra, 1977; São Paulo: Companhia das Letras, 2014), *Os pobres na literatura brasileira* (São Paulo: Brasiliense, 1983), *A sereia e o desconfiado* (São Paulo: Paz e Terra, 1965), *Sequências brasileiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) e *Dois meninas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

1 **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da **IHU On-Line**: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Miguel de Cervantes e Saavedra** (1547-1616): escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Franz Kafka** (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterradoras, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo “kafkiano” popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Robert Musil** (1880 —1942): escritor austríaco, autor do célebre *O homem sem qualidades* (2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Samuel Beckett** (1906-1989): escritor e dramaturgo irlandês. Autor de uma obra bilingue (francês e inglês), por vezes designada como “literatura da angústia”. Considerado um dos escritores mais influentes do século 20. Fortemente influenciado por James Joyce, é considerado um dos últimos modernistas. Como inspiração para muitos escritores posteriores, também é considerado um dos primeiros pós-modernistas. Ele é um dos escritores fundamentais no que Martin Esslin chamou de Teatro do absurdo. Recebeu o Nobel de Literatura de 1969. Utiliza nas suas obras, traduzidas em mais de 30 línguas, uma riqueza metafórica imensa, privilegiando uma visão pessimista

lírico tem evidentes afinidades com os românticos. Seu trabalho lírico-contemplativo é notável em todas as obras, e Riobaldo incarna essa veia reflexiva em GSV. Você tem razão – Rosa emula a grande tradição mística que se estende da sensibilidade sismográfica de Hölderlin¹⁰ e Kleist¹¹ até sua versão contida e moderna na obra de Musil.

Acredito que o projeto de Rosa visava transformar a afetividade transbordante em sentimentos culturalmente plasmados. Refiro-me, é claro, ao problema da famosa cordialidade que Sérgio Buarque¹² e Gilberto Freyre¹³ descrevem como instável, oscilante, volúvel. Sim, provavelmente Rosa soubesse que esse projeto, dado o retardo, o colocava no lugar de um Dom Quixote (voltarei a essa consciência que Rosa mostra em *Ave Palavra*

no final da minha fala). Para criar um foco emocional e espiritual, era necessário criar figuras plausíveis da seriedade, da sinceridade – transformando uma ironia que era simultaneamente cortante e velada em humor amável. Significava também diminuir o peso de gestos ligados à cordialidade: diminuir a deliberada volubilidade (ironia e sarcasmo como redoma ou defesa na qual a culpa e a vergonha não nos atingem); diminuir a malandragem (do valor que a burla das regras tem na cultura brasileira – e, por coincidência, também na austríaca). Em suma: tratava-se de tapar as lacunas da superficialidade afetiva que se percebe, por exemplo, através da ironia de Machado. Não esqueçamos que a seriedade afetiva é em grande parte produto da invenção literária. Os escritores e poetas na Alemanha refletiam muito sobre o valor da música, do som, do ritmo, da energia passional ritmada enquanto molde para as ideias. As grandes ideias históricas pareciam (para Schiller¹⁴ ou Kleist) surgir de invenções poéticas, isto é, de trocas sociais num outro nível imaginário. Até a Revolução Francesa¹⁵ parecia ser um efeito ‘performativo’ de uma súbita invenção retórica baseada num sentimento puro (*Kleist: Über die allmähliche Bildung der Gedanken beim Reden*).

No Brasil, a expressão literária de sentimentos interiorizados não

conheceu a mesma elaboração nem a diferenciação em gêneros. E a exploração de afetos autênticos, de sentimentos oblíquos, de ambiguidades e de perversões, a experimentação com as mil dobras secretas da alma que vemos na Europa desde Montaigne¹⁶ e Shakespeare¹⁷, começa muito tardiamente na literatura brasileira. Aliás, para falar em atraso: também a Alemanha se esforça tardiamente em recuperar essas facetas imaginárias ao longo do século XIX; e a literatura brasileira (com poucas exceções – penso em Gregório de Matos¹⁸ ou Alencar¹⁹, *Senhora*) começa essa recuperação do imaginário poético apenas no século XX. Oswald de Andrade²⁰, Cla-

10 **Johann Christian Friedrich Hölderlin** (1770-1843): poeta lírico e romancista alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o espírito da Grécia antiga, os pontos de vista românticos sobre a natureza e uma forma não ortodoxa de cristianismo, alinhando-se hoje entre os maiores poetas germânicos. Em 1788, iniciou seus estudos em Teologia na Universidade de Tübingen, como bolsista. Lá conheceu Hegel e Schelling, que mais tarde se tornariam seus amigos. Devido aos recursos limitados da família e de sua recusa em seguir uma carreira clerical, Hölderlin trabalhou como tutor para crianças de famílias ricas. Em 1796, foi professor particular de Jacó Gontard, um banqueiro de Frankfurt, cuja esposa, Susette, viria a ser seu grande amor. Susette serviu de inspiração para a composição de Diotima, protagonista de seu romance epistolar *Hyperion*. Sobre Hölderlin, a **IHU On-Line** publicou a edição número 475, em 19-10-2015, intitulada *Hölderlin. O trágico na noite da Modernidade*, disponível em <http://migre.me/sLPN>. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist** (1777-1811): foi um poeta, romancista, dramaturgo e contista alemão. É conhecido por sua comédia *O Jarro Quebrado*, pela tragédia *Pentisiléia* bem como por seu conto Michael Kohlhaas. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Sérgio Buarque de Holanda** (1902-1982): historiador, crítico literário e jornalista nascido em São Paulo-SP. Entre outros livros, escreveu *Raízes do Brasil* (1936). Obteve notoriedade por meio do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Eliane Fleck apresentou, no evento IHU Ideias, de 22-8-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda*, e no dia 8-5-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à **IHU On-Line**, publicada na edição nº 58, de 5-5-2003, disponível em <http://bit.ly/152MP1v>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da **IHU On-Line**, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível em <https://goo.gl/RN3W57>, e a edição 498, de 28-11-2016, *Raízes do Brasil – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas*, disponível em <http://bit.ly/2nDmdFE>. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambo*. Sobre Freyre, confira o **Cadernos IHU** nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Johann Christoph Friedrich von Schiller** (1759-1805): poeta, filósofo e historiador alemão, tido como o mais importante dramaturgo alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, e juntamente com Goethe, Wieland e Herder é representante do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar. Sua amizade com Goethe rendeu uma longa troca de cartas que se tornou famosa na literatura alemã. Sua poesia também é famosa, como por exemplo a “An die Freude”, que inspirou Ludwig van Beethoven a escrever, em 1823, o quarto movimento de sua nona sinfonia. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Revolução Francesa**: nome dado ao conjunto de acontecimentos que, entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799, alteraram o quadro político e social da França. Começa com a convocação dos Estados Gerais e a queda da Bastilha e se encerra com o golpe de estado do 18 Brumário, de Napoleão Bonaparte. Em causa estavam o Antigo Regime (*Ancien Régime*) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da independência estadunidense (1776). Está entre as maiores revoluções da história da humanidade. A Revolução Francesa é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (*Liberté, Egalité, Fraternité*), lema de autoria de Jean-Jacques Rousseau. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Michel Eyquem de Montaigne** (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente, nos seus Ensaíes, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **William Shakespeare** (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Escreveu algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias. De suas obras, incluindo aquelas em colaboração, restaram até os dias de hoje 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos e mais alguns versos esparsos, cujas autorias, no entanto, são ainda disputadas. Suas peças foram traduzidas para todas as principais línguas modernas e são mais encenadas que as de qualquer outro dramaturgo. Muitos de seus textos e temas permanecem vivos até a atualidade, sendo revisitados com frequência. Algumas de suas obras são as tragédias *Romeu e Julieta*; *Júlio César*; *Macbeth*; *Rei Lear*; *Otelo*, o *Mouro de Veneza*; *Hamlet*; e *A Tempestade*; e as comédias *Sonho de uma Noite de Verão*; *O Mercador de Veneza*; *Noite de Reis*; *A Megera Domada*; *A Tempestade*; e *As Alegres Comadres de Windsor*. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Gregório de Matos e Guerra** (1636-1696): nascido em Salvador, advogado e poeta da época colonial. É considerado um dos maiores poetas barroco do Brasil e o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa no período colonial. A alcunha Boca do Inferno foi dada a Gregório por sua ousadia em criticar a Igreja Católica, muitas vezes atacando padres e freiras. Criticava também a “cidade da Bahia”, ou seja, Salvador. Por tal motivo e outros, como sua poesia pornográfica, Gregório foi considerado um poeta “rebelde” que, apesar de ser um clássico, hoje ainda muitos consideram também um poeta maldito. Em 1831, o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen publicou 39 dos seus poemas na coletânea *Floriégio da Poesia Brasileira* (1850, em Lisboa). Afrânio Peixoto edita a restante obra, de 1923 a 1933, em seis volumes a cargo da Academia Brasileira de Letras, reunidos nos códices existentes na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Varnhagen, do Ministério das Relações Exteriores, exceto a parte pornográfica, publicada em 1968 por James Amado. A sua obra tinha um cunho bastante satírico e moderno para a época, além de chocar pelo teor erótico, de alguns de seus versos. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **José de Alencar** (1829-1877): jornalista, político, advogado, orador, crítico, cronista, polemista, romancista e dramaturgo nascido no Ceará. Formou-se em Direito, iniciando-se na atividade literária no Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro. Foi o fundador do romance de temática nacional. Escreveu diversas obras, entre elas *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Senhora* (1875). Na carreira política, defendeu tenazmente a escravidão no Brasil, quando ministro da Justiça do segundo reinado. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Oswald de Andrade** (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Oswald, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp foram os idealizadores do Modernismo no Brasil, na década de 1920, uma visão da pais radicalmente vanguardista que rompia,

rice²¹, Osman Lins²², Mário de Andrade²³ e muitos outros se debruçam sobre a conquista das formas, especificamente brasileiras, inspirando-se nas vanguardas europeias (cf. por exemplo, a reinvenção do *Cântico dos Cânticos* por E. Renan²⁴ no século XIX e sua retomada por Oswald).

IHU On-Line – A propósito, qual a relação de Rosa com o modernismo brasileiro? Em que sentido ele se aproxima e se afasta desta corrente estética?

Kathrin Rosenfield – Por que Rosa resiste à tentação modernista (que sentimos presente no seu *Magma*)? Provavelmente porque sentia que a essas experimentações faltava o ‘chão’ da tradição, a firmeza de

formas integradas em sentimentos compartilhados. Sem gestos, hábitos, modos e estilos vividos por todos, as paródias modernas passam despercebidas. Mário de Andrade é um bom exemplo dessas paródias que passam em brancas nuvens. *Amar, verbo intransitivo* toca na diferença abissal que separa a sensibilidade amorosa e estética alemã e a brasileira. A mistura de sentimentos eróticos e de admiração pela natureza da Fräulein não é decodificada pelo adolescente paulista (que desconhece totalmente essa complexidade sentimental). Mas eu descobri que os leitores de Mário de Andrade tampouco identificam as atitudes totalmente diversas (brasileira e alemã) diante da natureza, do corpo físico, do corpo feminino.

Eis a razão (ou uma das razões) pelas quais Rosa faz um desvio ou, por assim dizer, “retroavança”: combina certos pendores vanguardistas ou modernistas com hábitos e convenções mais antigas e mais autenticamente brasileiras. Primeiro, a oralidade e o contar casos é uma dessas tradições fortes da convivência real do Brasil (não sei se os brasileiros se dão conta do quanto o *parar-para-conversar* é específico daqui, faz parte da cordialidade, da mistura do público e do privado). Segundo, o trabalho artístico da ingenuidade e da sinceridade que se enquadra com muita dificuldade nos interesses da sociedade civil, embora a sociabilidade dependa desse sentimento puro (esse tópico emerge na Europa com Dostoiévski²⁵ e Kafka – *O Idiota*, *O Fogaista*). Sem a ancoragem artística desse sentimento cândido, os jogos paródicos modernos perdem sua força. Um terceiro alicerce para a tradição imaginária brasileira

seria a recuperação artística da musicalidade das falas regionais e das suas saborosas metáforas concretas (lembrei recentemente que Rosa gostava muito do *Simplizissimus*, romance heroico-picaresco do século XVII que tem uma série de temas em comum com GSV).

Mas jamais Rosa inspira-se somente na literatura universal ou nas vanguardas. Com faro seguro, ele recorre à mediação de regionalistas como Simões Lopes Neto²⁶. O grande contista sul-rio-grandense recuperava não somente os temas do patrimônio rural. Com o folclore, ele recria o gesto vocal do peão ‘guasca’ e o faz expressar, nas suas próprias palavras, seu amor profundo pelo pampa. Mas a recriação das cadências típicas em primeira pessoa evita qualquer saudosismo folclórico, altera o tom e o imaginário convencional – sem falar da singular profundidade psicológica (emprestada à narrativa francesa) que eleva os causos gaúchos à grande literatura.

Basta pensarmos na ira da Tudinha em *O Negro Bonifácio* e já entreveamos o modelo para a complexidade assombrosa da figura de Diadorim em *Grande sertão: veredas*. O que diferencia Rosa de S.L. Neto é a renúncia ao estereótipo mítico e heroico. Onde Simões Lopes Neto idealiza a imagem mítica do gaúcho (segundo a imagem criada por Euclides da Cunha – a do cavaleiro apumado, rijo, limpo, cuja postura e roupa ‘corretíssimas’ dão um ar festivo ao próprio trabalho), Rosa explora o traçado oblíquo, sinuoso e sofrido do sertanejo. Num primeiro momento, apoia-se na paradigmática figura do sertanejo cunhada por Euclides.

26 **João Simões Lopes Neto** (1865-1916): escritor nascido em Pelotas (RS). A ele a revista **IHU On-Line** dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*, disponível em <https://bit.ly/2MU2v22>. O oitavo número dos **Cadernos IHU ideias** é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da professora Márcia Lopes Duarte, disponível em <https://goo.gl/STCqYG>, tem como base a apresentação da professora no IHU Ideias de 4 de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destaca-se *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gaúchos* (1912), *Lendas do Sul* (1913). A editora da UFRGS lançou em 2017 o livro *Simões Lopes Neto para o Mundo: tradução de contos gaúchos para dez línguas*, organizado por Luís Augusto Fischer, Rosalia Neumann Garcia e Karina de Castilhos. Fischer também publicou a edição anotada dos *Contos gaúchos e das Lendas do sul* (L&PM, 2012) e a primeira edição de dois manuscritos de Simões Lopes Neto, o *Terra gaúcha - Histórias de infância e a Artinha de leitura*, obras escritas na primeira década do século 20. (Notas da **IHU On-Line**)

pela primeira vez em termos culturais, com o colonialismo cultural vigente à época. É autor de uma vasta obra, passando por críticas literárias, autoria de peças teatrais, romances e textos teóricos. Dentre sua obra, vale destacar o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, *Manifesto Antropófago* e *Crise da Filosofia Messiânica*, textos importantes no que concerne à originalidade do pensamento nativo brasileiro e que se colocam na crítica profunda à razão ocidental hegemônica. Após a virada antropológica, em 1979, o autor passou ocupar um papel de destaque na Antropologia brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Clarice Lispector** (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto, elíptico e fragmentário, remanescente de James Joyce e Virginia Woolf. Seu romance mais famoso é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro, a vida de Macabêa, uma nordestina criada no estado de Alagoas que vai morar em uma pensão no Rio de Janeiro, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da **IHU On-Line**, de 16-7-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*, disponível em <https://bit.ly/2PEIJKS>. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Osman Lins** (Osman da Costa Lins, 1924-1978): foi um escritor brasileiro. Natural de Pernambuco, é autor de contos, romances, narrativas, livro de viagens e peças de teatro. O projeto literário de Osman Lins mescla-se com sua biografia e fatos que marcaram sua história pessoal aparecem de maneira recorrente em sua obra. Um desses fatos, e talvez o mais importante, foi a perda da mãe logo após seu nascimento. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Mário de Andrade** (1893-1945): nascido em São Paulo, poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia desvairada*, em 1922. Foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Seu romance *Macunaíma* foi publicado em 1928. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **Joseph Ernest Renan** (1823-1892): escritor, filósofo, filólogo e historiador francês. Sua influência foi grande sobre vários escritores dos finais do século XIX e inícios do século XX, tocando Paul Bourget (antes da sua conversão ao catolicismo), Charles Maurras e Maurice Barrès. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destaca-se *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. Ao autor, a **IHU On-Line** edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstói: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <https://goo.gl/xzfwFD>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, na edição 288, de 6-4-2009, disponível em <https://goo.gl/VvqQ5t>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 2-7-2007, disponível em <https://goo.gl/Uap15b>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – A propósito, o que se sabe e se pode dizer sobre a recepção de Guimarães Rosa no exterior, especialmente no mundo anglo-saxão?

Kathrin Rosenfield – Os tradutores na Alemanha e nos EUA fizeram grande esforço para tornar a magnífica obra de Rosa conhecida no exterior. As traduções dos anos 1950 e 1960 optaram por “facilitar” o acesso ao estilo então considerado “difícil”. Com isso, caíram na armadilha da narrativa épica, perdendo a complexidade estilística hipermoderna e seu potencial de irradiação polissêmica, as múltiplas alusões que conectam as histórias do sertão com o mundo do pensamento (filosófico, humanístico, político e social). Isso ficou muito claro nos últimos anos, quando tradutores experientes começaram a se debruçar sobre a avaliação crítica da recepção tradutória, fazendo o balanço dos méritos e das fraquezas desse trabalho. Por isso, tradutores como Zilly²⁷ e a australiana Alison Entekin²⁸ assumiram a tarefa hercúlea de retraduzir e recriar as artes rosianas em alemão e em inglês.

IHU On-Line – Como em Grande sertão: veredas uma espécie de metafísica sertaneja toma corpo literário nas ações dos personagens?

Kathrin Rosenfield – Já falei antes do arduo entrelaçamento da tradição regional com a criatividade vanguardista que rompe com as convenções. Rosa retoma as formas do passado sem saudades misticado-

ras – e isso vale também para a sua metafísica. Creio que Rosa soubesse que não havia mais tempo para os ‘cantos de cisne’ literários ou espirituais: Cervantes tivera ainda tempo de se debruçar longamente sobre o outono da Idade Média, Dostoiévski, já muito menos tempo para processar o luto do cristianismo ortodoxo e da velha Rússia – mas Rosa... já escrevia atropelado pela era da comunicação. Mesmo assim, ele confere – *in extremis* – às trajetórias riobaldianas pelo sertão a aura profunda e metafísica que lembra as narrativas de Dostoiévski – de novo, um modelo do século anterior. Rosa nunca escondeu suas inspirações retroativas em Goethe²⁹, Dostoiévski e tantos outros autores do século XIX, nem seus profundos pendores religiosos (ou teríamos que dizer pan-teístas e místico-estéticos?). *Grande sertão: veredas* tem nítidas afinidades com *Os Demônios* do autor russo: em ambos romances encontramos – metamorfoseados, é claro – os temas das desordens familiares e sociais de dois grandes países caóticos: países que padecem das tensões entre a desmedida dos poderosos, da corrupção crassa, do excesso de submissão dos humildes. A velha Rússia, como o Brasil, era um país em rápida transformação, nos quais a ciência e a cultura importadas prometeram fazer mais estragos do que avanços benéficos – sem falarmos do perigo da revolta dos novos ideólogos (Belinsky³⁰, Turgueniev³¹, Bakouni-

ne³² temidos por Dostoiévski como demônios). Também Rosa teme a irrupção de reformas e modernizações que destroem as paisagens e os hábitos, as cidades e as esperanças, as convicções e os valores antigos, sem poder substituir-lhes outros.

Seria esse temor retrógrado, reacionário? Cabe compreendê-lo de modo estético, como preocupação com o déficit imaginário que se avoluma quando mudanças demasiadamente bruscas impedem o luto e a elaboração do que precisa ser perdido e reformado.

Certamente não é por acaso que Rosa escolhe o mundo sertanejo, o arcaico tema do pacto e do amor como veículos para a fusão dos elementos vivos da cultura brasileira. Ele procura fundir o velho e o novo imaginário do Brasil num mito acredoce da ambivalência, da cordialidade. Assim, ele recorre à poesia popular e aos cantos da natureza, à tradição de contistas populares e eruditos, mas, também, à sobriedade da reflexão ensaística de Euclides da Cunha³³, de Gilberto Freire, S.B. de Holanda, Paulo Prado³⁴, O. Vianna³⁵. É nestes ensaios que surge o novo

rior. Na Europa, travou relações com importantes intelectuais russos, como o crítico Bielinski e Bakúnin, o teórico e militante do anarquismo. (Nota da **IHU On-Line**)

32 **Mikhail Aleksandrovitch Bakunin** (1814-1876): foi um teórico político russo, um dos principais expoentes do anarquismo em meados do século XIX. Bakunin é lembrado como uma das maiores figuras da história do anarquismo e um oponente do Marxismo em seu caráter autoritário, especialmente das ideias de Marx de Ditadura do Proletariado. (Nota da **IHU On-Line**)

33 **Euclides da Cunha** (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destaca-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Confira a edição 317 da **IHU On-Line**, de 30-11-2009, intitulada *Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon317>. (Nota da **IHU On-Line**)

34 **Paulo Prado** (1869-1943): escritor e ensaísta brasileiro, considerado junto de Monteiro Lobato um dos que melhor dominaram a arte e a prática de interpretar. (Nota da **IHU On-Line**)

35 **Francisco José Oliveira Vianna** (Oliveira Vianna, 1883-1951): sociólogo, ensaísta e autor considerado, junto com Sérgio Buarque de Holanda, primordial para a compreensão da formação ideológica e da questão territorial do país. Suas obras, versando sobre a formação do povo brasileiro, têm o mérito de ser das primeiras que tentaram abordar o tema sob um prisma sociológico e diferenciado. Escreveu *Populações Meridionais do Brasil* (1918), considerado um clássico do pensamento nacional. Foi um dos ideólogos da eugenia racial no Brasil. Combateu a vinda de imigrantes japoneses para o Brasil. Ficou notoriamente reconhecido pela autoria de frases como “os 200 milhões de hindus não valem o pequeno punhado de ingleses que os dominam” e “o japonês é como enxofre: insolúvel” e ainda “o partido é o presidente”, referindo-se a Getúlio Vargas. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Bertold Zilly**: professor e tradutor do Instituto Latino-americano da Universidade Livre de Berlim. É formado em literatura alemã e neolatina. Fez doutorado sobre Molière na Universidade Livre de Berlim, onde leciona língua portuguesa e literatura latino-americana. É membro do grupo internacional de pesquisa em Literatura e História - Clíope. Tem vários artigos publicados em revistas e livros coletivos no Brasil e na Alemanha. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Alison Entekin**: é uma tradutora para o inglês de textos em português. Seu trabalho inclui curta ficção e poesia para antologias e revistas literárias, além de ficção infantil, biografias e romances, incluindo *Cidade de Deus* por Paulo Lins; *O Filho Eterno de Cristovão Tezza*, selecionado para o Prêmio Literário IMPAC de Dublin; *Perto do coração selvagem* por Clarice Lispector, pré-selecionada para o Prêmio de Tradução PEN América; e *Budapeste* por Chico Buarque, finalista do Independent Foreign Fiction Prize. Ela é finalista três vezes no Prêmio de Tradução e PEN Medallion do New South Wales Premier. (Nota da **IHU On-Line**)

29 **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século 18 e inícios do século 19. Juntamente com Schiller, liderou o movimento literário romântico alemão *Sutrum und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Vissarión Grigórievitch Belínski** (1811-1848): foi um ensaísta, escritor, crítico literário e filósofo russo. Filho de um médico militar no Exército Russo de guarnição no território finlandês. Fez os estudos secundários em Penza e ingressou, em 1829, na Universidade de Moscovo. Foi expulso três anos depois, por ter escrito Dmitri Kalinin, uma peça de teatro que atacava a instituição da servidão. Começou então a trabalhar como jornalista, escrevendo artigos críticos para os jornais mais proeminentes da época. (Nota da **IHU On-Line**)

31 **Ivan Turgueniev** (1818-1883): Foi prosador, poeta, dramaturgo, tradutor e ensaísta russo. Nasceu na província de Oriol, na vasta propriedade rural de sua mãe. Mulher autoritária e brutal. Varvara Petrovna exercia um poder tirânico sobre os servos e os filhos. O pai, embora de linhagem aristocrática e de instrução e hábitos refinados, não tinha dinheiro e casou por conveniência. Em 1833, Ivan Turgueniev começou a estudar na Universidade de Moscou e no ano seguinte transferiu-se para a Universidade de São Petersburgo. Após formar-se, em 1837, partiu para a Europa, que ele - a exemplo da elite russa em geral - encarava como sede do conhecimento e fonte de uma cultura supe-

mito, acre-doce, da complexidade do Brasil (o caráter melancólico-saudoso com sua oscilação entre volúpia e violência; a cordialidade com suas cumplicidades malignas que permeiam todos os estratos da sociedade; o forte imaginário do clã parental e eleitoral etc.).

IHU On-Line – De que maneira a obra de Guimarães Rosa reproduz, por meio de sua linguagem e personagens, uma dimensão imanente das pessoas do interior do Brasil ao mesmo tempo que produz uma outra dimensão transcendente sobre o que é ser brasileiro?

Kathrin Rosenfield – Tem um ditado antigo que diz “*Le style c’est l’homme*” – o estilo expressa e mostra a essência e o modo de ser da pessoa. A arte rosiana captou esse estilo profundo, secreto do ser brasileiro. Sei que essa afirmação soa anacrônica nos dias de hoje. Mas, por mais que a palavra alada de Buffon³⁶ seja um ditado questionável na modernidade e na pós-modernidade – já que o século passado nos ensinou como o ser humano é maleável, assumindo papéis e máscaras –, existe no fundo dessas modulações uma constância.

36 **Georges-Louis Leclerc** (conde de Buffon, 1707-1788): naturalista, matemático e escritor francês. Suas teorias influenciaram duas gerações de naturalistas, entre os quais se contam Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

As revelações a respeito da exploração dos metadados (nossos cliques no computador e no celular) o mostra.

IHU On-Line – De que forma Guimarães Rosa, em sua obra, concilia paradoxos como lirismo e reflexão, regionalismo e universalismo, ingenuidade e erudição, concreto e metafísico? Como isso também é capaz de ilustrar as contradições próprias de ser brasileiro?

Kathrin Rosenfield – Acho que já abordei essa questão nas respostas anteriores. De forma que posso resumir aqui apontando primeiro a maestria estilística e imaginária de Rosa que combina tonalidades da lírica grega e romântica com formas ensaísticas e reflexivas (a dicção sóbria das reflexões nos ensaios de Montaigne e a forma romanesca-e-ensaística de Musil). A resposta à próxima pergunta aborda em que medida isso toca nas fissuras e no dilaceramento existencial brasileiro.

IHU On-Line – Qual a importância de ler e reler a obra de Guimarães Rosa no Brasil atual?

Kathrin Rosenfield – Rosa foi muito consciente da dificuldade das mudanças rápidas. Numa época quando o Brasil tentava mudar tudo

do dia para a noite – construindo Brasília, destruindo as paisagens urbanas com um modernismo mal compreendido, importando ideias de engajamento social e político sem raízes nos costumes locais – Rosa falava das crenças profundas, da ingenuidade e das superstições do sertão. Quando as gerações dos anos 1970 e 1980 valorizavam a dimensão sociocrítica das obras de Machado e de Rosa – muitas vezes explicitando e colocando sob a lente de aumento alusões muito tênues – eu via muito mais as cautelosas ambiguidades de Machado e de Rosa. Suas vozes sempre cordiais, seu comportamento sempre adaptado aos costumes de um país profundamente conservador, ritualístico e classista me falaram do perigoso apego a crenças e convicções que podem parecer anacrônicas para intelectuais formados nas universidades da Sorbonne, Stanford ou Columbia. Mas o moto “viver é perigoso” de Riobaldo, e as aventuras – sempre maravilhosas-e-assombrosas – de todos os personagens rosianos mostram que Rosa estava muito consciente do potencial arcaico do seu país e da humanidade como um todo. Acredito que o momento atual mostra a lucidez de Rosa e de seus personagens que sempre temem o ressurgimento de conflitos violentos ancorados na mentalidade brasileira: nas suas velhas estruturas patriarcais, religiões integralistas, intolerância social, racial e de gênero e a polarização política. ■

Leia mais

- **Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida.** Entrevista especial com Kathrin Rosenfield, publicada na revista IHU On-Line, nº 503, de 24-4-2017, disponível em <http://bit.ly/2LlsnrS>.

- **A exploração do conhecimento racional até seu limite.** Entrevista especial com Kathrin Rosenfield, publicada na revista IHU On-Line, nº 475, de 19-10-2015, disponível em <http://bit.ly/2ZZZEDIN>.

- **Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa.** Revista IHU On-Line, número 178, de 2-5-2006, disponível em <http://bit.ly/305fhCX>.

- **Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil.** Revista IHU On-Line, número 275, disponível em <http://bit.ly/2J1hJoo>.

Grande sertão: veredas, o retrato de uma sociedade atual

Willi Bolle, professor e tradutor alemão, morou dentro de um livro de Guimarães Rosa e disso encontrou seu *insight* de pesquisa

Ricardo Machado

Willi Bolle nasceu na Alemanha e com 22 anos veio ao Brasil para conhecer Guimarães Rosa, o autor do livro que mudaria sua vida para sempre, *Grande sertão: veredas*. Em mais de uma entrevista, Bolle conta do seu primeiro encontro com o escritor mineiro e de como ele havia ficado surpreso com o fato daquele jovem alemão vestir uma camisa preta, estampada com folhas de palmeiras e imagens dos personagens de sua obra, reproduzindo a capa de seu livro publicado na Europa. Mas a relação com o livro não para por aí. “Quando comecei a estudar o *Grande sertão: veredas* – eu tinha 22 anos e acabara de chegar no Brasil – me deu a ideia espontânea de forrar as paredes do meu quarto (de trabalho e de dormir) com as cerca de 500 páginas do romance”, conta Willi Bolle. “Como a composição do livro é propositalmente difícil e labiríntica, eu esperava que, por meio desse convívio intenso, eu poderia de repente lançar o olhar sobre uma determinada passagem do texto, que me proporcionaria um relâmpago ou um *insight* de compreensão”, complementa.

Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Bolle, além de retomar questões centrais da obra rosiana, estabelece um diálogo com outros importantes autores brasileiros. “Enquanto Gilberto Freyre usa o símbolo de um entrelaçamento harmonioso (&) entre senhores e escravos, Guimarães Rosa, através dos dois pontos (:) acentua o antagonismo entre os donos de territórios e casas ‘grandes’ e os que moram em casebres nas ‘veredas’”, explica. Mais do que isso, *Grande sertão: ve-*

redas versa sobre a ausência de diálogo entre os ricos e os pobres. “Não se trata da diferença entre um Brasil sertanejo e um Brasil urbano; basta lembrar que nas favelas das grandes cidades esses ‘dois Brasis’ se misturam. Trata-se da falta de diálogo entre a classe dominante e as classes populares, que constitui um sério obstáculo para a verdadeira emancipação do país”, ressalta.

Se o gosto pela obra de Guimarães pode parecer diletantismo, nada mais enganoso. “Resumindo *Grande sertão: veredas* em uma frase, pode se dizer que esse romance descreve bandos de criminosos exercendo o poder no planalto central do país. Ou seja: É o retrato de uma sociedade na qual o crime faz parte do sistema político e é praticado em ampla escala”, completa.

Stefan Wilhelm Bolle ou, simplesmente, **Willi Bolle**, como gosta de ser chamado, é professor titular de Literatura na Universidade de São Paulo - USP. Fez o doutorado em Literatura Brasileira (na Universidade de Bochum/Alemanha) com uma tese sobre a técnica narrativa de Guimarães Rosa, e a livre-docência em Literatura Alemã na USP com uma tese sobre Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar. É também organizador da edição brasileira de *Passagens*, de Walter Benjamin (Belo Horizonte e São Paulo, EdUFMG e Imprensa Oficial, 2006) e (co)organizador dos dois volumes *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs e Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea* (ed.s bilíngues: alemão/português; Santos, Editora Brasileira, 2013 e 2015).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como é viver dentro de um livro? Na verdade, não um livro qualquer, mas *Grande sertão: veredas*...

Willi Bolle – Quando comecei a estudar o *Grande sertão: veredas* – eu tinha 22 anos e acabara de chegar no Brasil – me deu a ideia espontânea de forrar as paredes do meu quarto (de trabalho e de dormir) com as cerca de 500 páginas do romance.

Era o meu método de conviver intensamente com o livro, dia e noite, mergulhar na atmosfera dele e deixar me impregnar pela energia que ele irradiava.

Como a composição do livro é positivamente difícil e labiríntica, eu esperava que, por meio desse convívio intenso, eu poderia de repente lançar o olhar sobre uma determinada passagem do texto, que me proporcionaria um relâmpago ou um *insight* de compreensão.

Retomei esse método muitos anos depois, durante um estágio de pesquisa na Universidade de Stanford, onde redigi a primeira versão do livro *grandesertão.br* (São Paulo: Editora 34, 2004), ou seja, a minha interpretação do romance de Guimarães Rosa como um retrato do Brasil.

IHU On-Line – Em seu livro, *grandesertão.br*, o senhor descreve um Brasil que aparece de forma criptografada na obra rosiana. Como a prosa poética de Guimarães, em *Grande sertão: veredas*, dialoga com outros demiurgos do Brasil, de Euclides da Cunha a Gilberto Freyre?

Willi Bolle – O retrato do Brasil escrito por Guimarães Rosa aparece no seu romance de forma criptografada na medida em que uma pergunta-desafio como a de Zé Bebelo – “Agora quem é que é o Chefe?” – não se limita ao enredo dessa história de jagunços, mas estimula o leitor a transferir reflexão sobre essa pergunta para datas-chave da história do país, quando houve mudanças

de regime político, como em 1822¹, 1889², 1930³, 1945⁴ e 1964⁵.

Entre as linhas, esse romance, publicado em 1956, dialoga com os principais ensaios sobre a história, a política e a sociedade brasileiras.

Grande sertão: veredas pode ser considerado uma reescrita crítica d’*Os Sertões* [1902] (São Paulo: Editora Sesc, 2016). Destaco aqui apenas uma das diferenças marcantes.

1 **Independência do Brasil:** é um processo que se estende de 1821 a 1825 e coloca em violenta oposição o Reino do Brasil e o Reino de Portugal, dentro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. As Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa, instaladas em 1820, como uma consequência da Revolução Liberal do Porto, tomam decisões, a partir de 1821, que tinham como objetivo reduzir novamente o Brasil ao seu antigo estatuto colonial. Oficialmente, a data comemorada para independência do Brasil é a de 7 de setembro de 1822, em que ocorreu o chamado Grito do Ipiranga, às margens do riacho Ipiranga (atual cidade de São Paulo). Em 12 de outubro de 1822, o príncipe foi proclamado imperador pelo nome de Pedro I e o país leva o nome de Império do Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Proclamação da República Brasileira:** foi um golpe de Estado político-militar, ocorrido em 15 de novembro de 1889, que instaurou a forma republicana presidencialista de governo no Brasil, encerrando a monarquia constitucional parlamentarista do Império e, por conseguinte, destituindo o então chefe de estado, imperador D. Pedro II, que em seguida recebeu ordens de partir para o exílio na Europa. A proclamação ocorreu na Praça da Aclamação (atual Praça da República), na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, quando um grupo de militares do exército brasileiro, liderados pelo marechal Manuel Deodoro da Fonseca, destituiu o imperador e assumiu o poder no país, instituindo um governo provisório republicano, que se tornaria a Primeira República Brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Revolução de 1930:** movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com um golpe de Estado, chamado “Golpe de 1930”, que depôs o presidente da república, Washington Luís, em 24 de outubro, e impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes, e pôs fim à Primeira República. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Estado Novo:** período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, recebendo apoio de importantes lideranças políticas e militares. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Golpe civil-militar de 1964:** movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos Estados Unidos, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar, os militares assumiram o poder e se mantiveram governando o país entre os anos de 1964 e 1985. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar, o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*, disponível em <https://goo.gl/a4e8VX>. Confira, também, as edições nº 96 da **IHU On-Line**, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004, disponível em <https://goo.gl/a2yUBr>; nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 – 2004: hora de passar o Brasil a limpo*, 1964, disponível em <https://goo.gl/cU7FEV>; nº 437, de 13 de março de 2014, *Um golpe civil-militar. Impactos, (des)caminhos, processos*, disponível em <https://goo.gl/gXbCaI>; e nº 439, de 31 de março de 2014, *Brasil, a construção interrompida – Impactos e consequências do golpe de 1964*, disponível em <https://goo.gl/wENVN6>. (Nota da **IHU On-Line**)

Enquanto Euclides da Cunha⁶ raramente cede a palavra aos sertanejos, o narrador rosiano é um sertanejo: o jagunço letrado Riobaldo, que mergulha profundamente no universo linguístico, mental e cultural dos habitantes do sertão.

Quanto à relação de *Grande sertão: veredas* com *Casa-grande & senzala* [1933] (São Paulo: Global, 2012), nota-se um paralelismo entre os dois títulos, em termos semânticos, sonoros e métricos. Mas existe uma diferença fundamental: enquanto Gilberto Freyre⁷ usa o símbolo de um entrelaçamento harmônico (&) entre senhores e escravos, Guimarães Rosa, através dos dois pontos (:) acentua o antagonismo entre os donos de territórios e casas “grandes” e os que moram em casebres nas “veredas”.

IHU On-Line – O que significa escrever, no caso de Guimarães Rosa, não exatamente sobre o sertão, mas como o sertão?

Willi Bolle – Escrever como o sertão significa, no caso de *Grande sertão: veredas*, escrever de forma labiríntica. O romance de Guimarães Rosa é um fluxo verbal de cerca de quinhentas páginas, que tende para o infinito. É com esse signo que a obra termina – ou continua...

O labirinto das andanças do jagunço Riobaldo se entrelaça com o

6 **Euclides da Cunha** (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destacam-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Confira a edição 317 da **IHU On-Line**, de 30-11-2009, intitulada *Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon317>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o **Cadernos IHU** nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

labirinto de sua narração, que segue os movimentos espontâneos da memória. É a forma como um cérebro trabalha.

Vale lembrar que, na antiguidade grega, o labirinto era citado como metáfora da aprendizagem. E na nossa era da informática, o labirinto ressurgiu em forma da rede de *links* que formam um hipertexto.

Esses dados podem ser relacionados com a seguinte caracterização da língua húngara por Guimarães Rosa:

“É uma língua in opere, fabulosamente em movimento, toda possibilidades [...]”

“Ela permite todas as manipulações da gênese inventiva [...] como um painel de mesa telefônica, para os engates ad libitum.”

Essa passagem, que ele publicou no mesmo ano (1956) que *Grande sertão: veredas*, descreve de modo perfeito a forma de composição do seu romance.

IHU On-Line – De que forma a linguagem rosiana é uma espécie de “volta por cima” da linguagem dos letrados? Como, com isso, ele valoriza um Brasil sertanejo em detrimento de um Brasil urbano?

Willi Bolle – Um desafio que se coloca para todos os escritores que se propõem retratar e representar o povo é a escolha do tipo de linguagem. No caso da literatura brasileira, esse problema é particularmente agudo.

A forma de composição de *Grande sertão: veredas* tem uma razão estratégica.

A situação narrativa e a figura do jagunço letrado são construções irônicas. Pois onde já se viu um doutor, um homem culto da cidade, disposto a escutar a fala de um “simples sertanejo” durante um tempo equivalente a 500 páginas?

Com isso, o escritor chama a atenção para uma falta de diálogo entre as classes, no Brasil real: entre os letrados, ou seja, os que se comuni-

cam na norma culta, e os que falam a língua do povo.

Não se trata da diferença entre um Brasil sertanejo e um Brasil urbano; basta lembrar que nas favelas das grandes cidades esses “dois Brasis” se misturam. Trata-se da falta de diálogo entre a classe dominante e as classes populares, que constitui um sério obstáculo para a verdadeira emancipação do país. O projeto literário e político de Guimarães Rosa visa enfrentar esse problema com a proposta de reinventar a nossa língua.

Grande sertão: veredas é um laboratório de diálogo social que, dessa forma, ainda não existe na nossa realidade.

Em cada linha do romance podemos sentir uma confiança no poder da língua, isto é, na capacidade de cada membro da comunidade dos falantes de cooperar na construção da língua como um bem comum. A proposta do escritor Guimarães Rosa é que os brasileiros reinventem a sua língua de uma forma emancipada.

“Um desafio que se coloca para todos os escritores que se propõem retratar e representar o povo é a escolha do tipo de linguagem”

IHU On-Line – Qual a importância de ler e reler a obra de Guimarães Rosa no Brasil atual?

Willi Bolle – Resumindo *Grande sertão: veredas* em uma frase, pode-se dizer que esse romance descreve

bandos de criminosos exercendo o poder no planalto central do país. Ou seja: É o retrato de uma sociedade na qual o crime faz parte do sistema político e é praticado em ampla escala.

A obra de Guimarães Rosa nos proporciona um profundo mergulho no “sistema jagunço”. Riobaldo transmite narrações idealizadas e ao mesmo tempo desconstrói mitificações de chefes de jagunços; ele relata a sua iniciação à jagunçagem; as lutas entre os bandos de jagunços e contra os soldados do Governo; refere os discursos de legitimação da guerra no sertão; e mostra a relação entre o sistema-jagunço e a pobreza generalizada.

Finalmente, com a sua ascensão a chefe, o pactário Riobaldo torna-se um poderoso latifundiário, protegido por jagunços.

Um traço original e fecundo do retrato do Brasil apresentado em *Grande sertão: veredas* é ele não ser construído a partir de falas de boas intenções, mas a partir do Mal, por meio do discurso de um protagonista-narrador que fez um pacto com o Diabo, ou seja, com o “Pai da Mentira”.

Assim, por exemplo, Riobaldo ironiza e desmascara a “fraseação” do político oportunista e candidato a deputado Zé Bebelo, quando este chefiou o bando. Mas quando Riobaldo assume o comando, percebemos que ele próprio usa o mesmo tipo de discurso demagógico.

Com tudo isso, o escritor Guimarães Rosa aguça a nossa percepção para as “formas do falso” nos discursos e na retórica que circulam no espaço público, revelando como essas formas são forjadas.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Willi Bolle – Em 2004 elaborei com um grupo de alunos da Universidade de São Paulo - USP uma adaptação teatral de um episódio de *Grande sertão: veredas* que motiva Riobaldo a fazer o pacto com o Diabo: o encontro do bando dos jagunços com os “catrumanos”, os sertanejos que vivem em extrema misé-

ria, e com o impiedoso latifundiário seô Habão.

Com o nome “Atores da violência – atores do diálogo”, apresentamos essa adaptação teatral em diversos lugares do Brasil, e também na França e na Alemanha.

Essa experiência bem-sucedida tornou-se o tema da dissertação de mestrado (2011) de uma das participantes, Maira Fanton Dalalio.

Uma outra boa experiência inspirada pelo romance *Grande sertão: veredas* tem sido a organização,

por uma ONG do município de Arinos-MG, do *Caminho do Sertão*. Trata-se de uma caminhada coletiva “sócio-eco-literária” de sete dias, que ocorre anualmente desde 2014, na segunda semana de julho, saindo do assentamento de Sagarana, atravessando o rio Urucuia, e chegando até o Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

Eu participei dessa caminhada em julho de 2017, e o fato que mais me impressionou foi a existência de uma escola no lugarejo Vão-dos-Buracos, na Serra das Araras, com um bem

organizado Cantinho de Leitura.

Foi lá que encontrei a professora Rosa Amélia Pereira da Silva, autora do livro *Travessias literárias em perspectiva interacionista* (Teoria e Prática. 1. ed. Arinos: Autor, 2016), que realiza nas escolas da região cirandas de leitura de textos de Guimarães Rosa.

Essas adaptações teatrais, caminhadas coletivas e diálogos inspirados pela obra rosiana redespertam algo que o Brasil já teve, mas perdeu nas últimas décadas e precisa resgatar: a paixão pela educação. ■

Sala de leitura

Apresentação do livro

Vimos pra comungar



Os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja

MS Cris Serra
IMS/UERJ e Centro Latino-Americano
em Sexualidade e Direitos Humanos
(CLAM)

20/08 | 17h30min às 19h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo



O homem humano na literatura psicanalítica de *Grande sertão: veredas*

A professora e pesquisadora Marcia Marques de Moraes analisa a obra de Guimarães Rosa em perspectiva com a psicanálise, ampliando os mundos desse clássico da literatura mundial

Ricardo Machado

Acessar o subterrâneo da obra rosiana, em sua complexa teia subjetiva, é tarefa sempre incompleta, mas iluminadora sobre a força de uma literatura que se traduz na duplicidade entre o regionalismo e o universal. “Guimarães Rosa trata a linguagem, essa sim, a verdadeira protagonista de sua obra. Esse trato, para além de ser um traço lúdico a apresentar desafios para o leitor, piscadelas do autor em direção a seu leitor, é, sem dúvida, propiciador do enlace entre literatura e psicanálise, no privilégio do significante a potencializar significados”, descreve a professora e pesquisadora Marcia Marques de Moraes.

Há, contudo, uma chave de leitura psicanalítica que é importante levar em conta, sob pena de enviesar as análises, que é a atenção aos significantes do discurso, não propriamente às ações dos personagens. A professora aponta os dois principais perigos. “Primeiro, reduzir tudo ao complexo de Édipo; já escutamos da crítica literária que ‘se o Édipo serve para tudo, não serve para nada’; por isso se frisa que é o objeto ‘material’ que aproxima literatura e psicanálise, isto é, a linguagem é que deve ser lida/interpretada em sua materialidade mesma. Esse cuidado de se ler a linguagem, afastaria o segundo perigo, o de ‘deitar no divã’ os sujeitos ficcionais, as personagens de papel”, explica.

Apesar de todas essas profundas camadas que se sobrepõem ao *Grande sertão: veredas*, é do pó da terra que constitui o Brasil que a obra é feita. “Ler o povo brasileiro, na obra de Guimarães Rosa, é vivenciar o humanismo e ser tocado pelo acolhimento das diferenças, pela inclusão das minorias, pela compreensão de nossa realidade multifacetada”, pondera. “No entanto, neste momento brasileiro e latino-americano, que se estende, inclusive, ao mundo, não se parece cumprir o que Rosa esperava para o século XXI – a chamada ‘brasilidade’ está ‘em baixa’ num Mundo em que as ações do capital ocupam o lugar da arte e do homem, legando ao esquecimento as últimas frases de Riobaldo no romance: ‘O que vale é homem humano. Travessia’”, complementa.

Marcia Marques de Moraes possui graduação e especialização em Letras (Português) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo - USP. É professora adjunta III da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É autora de *A Travessia dos Fantasmas - Literatura e Psicanálise em Grandes Sertão: Veredas* (São Paulo: Autêntica, 2001).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos compreender a obra de Guimarães Rosa, em especial *Grande sertão: veredas*, em chave de leitura psicanalítica?

Marcia Marques de Moraes – A interpretação de direção psicanalítica do romance rosiano teria como argumento central o próprio fazer literário, atualizado no cuidado com que

Guimarães Rosa trata a linguagem, essa sim, a verdadeira protagonista de sua obra. Esse trato, para além de ser um traço lúdico a apresentar desafios para o leitor, piscadelas do

autor em direção a seu leitor, é, sem dúvida, propiciador do enlace entre literatura e psicanálise, no privilégio do significante a potencializar significados. Aí estaria a emersão do inconsciente nas repetições, nos estranhamentos, nas ambiguidades, nas contradições e paradoxos que saltam do discurso do paciente da psicanálise e do narrador do romance, Riobaldo, em seu fingido diálogo virtual com o interlocutor que se nos afigura, de fato, um monólogo interior, um fluxo de consciência, em que se projeta, um outro de si mesmo. Parece-me não ser exagero e, se o for, vale como raciocínio analógico, associar essa projeção do eu, enunciador em um eu enunciado, ao devaneio, formalmente tratado por Freud¹ em *Escritores criativos e devaneios* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015), numa primeira tradução, e *O poeta e o fantasiar*, numa tradução posterior. Vamos encontrar, no texto do romance, jogos de palavras, alguns espelhando a dicção oral na escrita, que poderiam ser lidas como alusões indiretas ao mito edípico. Exemplifiquemos, brevemente, essa estratégia linguística. Há um trecho no romance, em que Riobaldo indaga aos jagunços sobre Siruiz, violeiro cantor da balada que inquiria sobre “a moça virgem”. Riobaldo diz assim:

“O que eu queria saber não era próprio do Siruiz, mas da moça virgem, moça branca perguntada, e dos pés-de-verso, como eu nunca tive poder de formar um igual.”

Faz sentido escutar em “pés-de-verso” a expressão “pés diversos”, numa esperta alusão a Oedipus, o dos pés

diversos, diferentes, porque um deles inchado... Acrescente-se a essa “interpretação”, a leitura de “a moça virgem, moça branca perguntada”, que, na ficção lida, seria Diadorim e que, no imaginário de cada ser humano, figuraria como idealização da mãe que barra a possibilidade de se formar um (par) igual. Assim, vai-se desenhando a bastardia de Riobaldo, um rio baldo, “cachorrando” pelo sertão. Assim, na fantasia de Riobaldo, condensa-se o amor proscrito, Diadorim, e a mãe, “apenas a Bigri, era como ela se chamava”.

Há, ainda, outras estratégias autorais, que aproximam Riobaldo do Édipo, atribuindo àquele características do herói tebano; isso, sempre, torne-se a frisar, pelo discurso do próprio Riobaldo. Ouçamos Riobaldo, caracterizando-se como sempre em fuga, vivendo a errância, como vira Édipo para fugir de seu destino:

“Virei bem fugido. Toquei direto para o Curralim”, pontuando que já localizara Curralinho como Corinto... (“... lá, no Curralim, no Corinto”); ou *“Mas eu fui sempre um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga”,* sem esquecer que Riobaldo fuge da casa do pai padrinho Selorico Mendes, do acampamento de Zé Bebelo e ameaça desertar do bando muitas vezes...

É preciso sublinhar que tais leituras se fazem através das marcas do discurso do narrador, dos significantes que dele brotam e não de associações que levem em consideração ações/comportamentos lidos no enredo do romance. Essa ênfase é necessária para afastar dois perigos a que se incorre em leituras de vezo psicanalítico. Primeiro, reduzir tudo ao complexo de Édipo; já escutamos da crítica literária que “se o Édipo serve para tudo, não serve para nada”; por isso se frisa que é o objeto “material” que aproxima literatura e psicanálise, isto é, a linguagem é que deve ser lida/interpretada em sua materialidade mesma. Esse cuidado de se ler a linguagem, afastaria o segundo perigo, o de “deitar no divã” os sujeitos ficcionais, as personagens de papel.

Mais um argumento em favor da leitura psicanalítica do *Grande ser-*

tão estaria no próprio gênero da narrativa. Como romance de formação, a fala de Riobaldo a seu interlocutor aponta um processo de constituição de identidades, de inscrição subjetiva para o/a qual, parece-me, o instrumento psicanalítico não pode/deve ser esquecido.

IHU On-Line – Se pensássemos o sertão como uma alegoria ou categoria psicanalítica, de que ordem seria?

Marcia Marques de Moraes – O sertão que comporta uma infinidade de entradas, tais como localização geográfica, paisagem natural, cenário de violência, certamente é também o “avesso do homem”, quando pode ser lido como imensidão e desmesura, como fuga e culpa, como o inesperado e o inexplicável e, sobretudo, como interioridade e reflexão. Ouçamos, mais uma vez, Riobaldo:

“Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”; “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo”; “Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente”; “Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem”.

Frise-se, ainda, que já se falou em Grande Ser Tao, no livro *A metafísica do Grande sertão* (São Paulo: Edusp, 2016), de Francis Utéza², numa remissão ao taoísmo, como também já se experimentou a palavra em uma inversão de sílabas “tão ser”, elucubrações perfeitamente viáveis na “gramática” rosiana.

IHU On-Line – De que maneira Grande sertão: veredas se converte, ele próprio, em uma espécie de grande sessão de análise psicanalítica?

² Francis Utéza: é professor de Literatura Brasileira na Universidade de Paul-Valéry de Montpellier, na França. Em 1994 lançou *J.G.R.: metafísica do Grande sertão* (Porto Alegre: Libretos, 1994). (Nota da IHU On-Line)

¹ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

Marcia Marques de Morais – O interlocutor do narrador Riobaldo comporta inúmeras referências, como vêm afirmando os estudiosos da obra. Uma primeira já foi aventada nesta entrevista – ele seria o outro de si-mesmo, no monólogo interior. Nessa pauta, o texto permite ler a narrativa como uma grande sessão psicanalítica. Sublinhe-se que o primeiro crítico a “descobrir” tal leitura foi Dante Moreira Leite³ que, em 1961, publica, no suplemento de *O Estado de São Paulo*, texto que aponta para a possibilidade de se ler o romance como “a longa e (talvez interminável) sessão psicanalítica de Riobaldo”, republicando esse artigo em seu livro *O amor romântico e outros temas* (São Paulo: Unesp, 2007), de 1979. A pista inicial estaria logo no início da narrativa quando se lê:

“O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala?”

Pergunta-se: há pista maior que essa para falar da prática psicanalítica? No entanto, a leitura não pode ser reduzida a apenas essa direção, pois que Riobaldo nos adverte sempre: “tudo é É não é”.

Outras alusões matreiras à psicanálise também podem ser percebidas. Julgo que uma delas estaria no Vupes, aquele vendedor ambulante, estrangeiro, que diz a Riobaldo que ele atira bem porque atira com o espírito. Para comprovar um Freud fantasiado na linguagem do narrador, nada melhor que ouvir Riobaldo, ainda que seja longa a transcri-

ção, mesmo porque é a forma que vela, para desvelar, possíveis conteúdos, tal como acontece no discurso analítico.

“Esse um era estranha, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado, rosálgar – indivíduo, mesmo. Pessoa boa. Homem sistemático, salutar na **alegria séria**. Hê, hê, com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa: viajava sensato, e ia desempenhando seu negócio dele no sertão – que era o de trazer e vender de tudo (...) e até papa-vento, desses moínhos-de-vento de sungar água, com torre, ele tomava empreitada de armar. (...) **Ah, o senhor conheceu ele? Ô titi-quinha de mundo!** E como é mesmo que o senhor fraseia? Wusp? É. Seo Emílio Wupes... **Wupsis... Vupes**. Pois esse Vupes apareceu lá, logo vai me reconheceu, como me conhecia, do Curalinho. Me reconheceu devagar, exatão. Sujeito escovado! Me olhou, me disse: – “Folgo. Senhor estar bom? Folgo...” E eu gostei daquela saudação. Sempre gosto de tornar a encontrar em paz qualquer velha conheçença – **consoante a pessoa se ri, a gente se acha de voltar aos passados(...)**. – “Seo Vupes, eu também folgo. Senhor também estar bom? Folgo...” – que eu respondi, civilizadamente. **Ele pitava era charutos.**”

Percebam-se a presença de um estrangeiro, a alusão à “alegria séria”, considerando que o nome próprio Freud está presente no substantivo abstrato alemão *Freude* e significa Alegria, a presença do “psi/psis” na enunciação do nome do conhecido e a referência ao hábito de fumar charutos, referenciando o célebre foto de Freud.

É o autor “comendo o angu pelas bordas”, hábito mineiro, rodeando, para deixar pistas que levem seu leitor a desvelar o que, velado, clama por revelação.

E a gente acaba rindo “certas risadas” que nem o interlocutor...

IHU On-Line – Levando em conta as pesquisas realizadas na biblioteca de Guimarães Rosa, há obras ou autores da área da psicanálise que influenciaram o escritor?

Marcia Marques de Morais – Confesso não ter feito pesquisas “de campo” sobre as leituras de Guimarães Rosa. Minha pesquisa, por recomendação do orientador, à época, que julgava dificultoso pesquisar o arquivo Guimarães Rosa, ateu-se à leitura cerrada do romance. Mas o que me levou a analisar o texto na pauta psicanalítica, foram mesmo as pistas de leitura, para mim, absolutamente reiteradas, como tento expor. O que também me deu muita segurança foi a afirmação de Rosa na famosa entrevista a Günter Lorenz, publicada como *Diálogo com Guimarães Rosa* (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994), onde se lê “a importância monstruosa, espantosa de Freud”, como o tendo impressionado muito e, “sem dúvida”, tido influência em sua literatura.

Fiquei tentada ainda a ir adiante para perceber releituras lacanianas de Freud no texto, sobretudo, por conta da famosa banda de Moebius e do nó borromeano que enlaça Real/Imaginário e Simbólico e que vejo funcionar no trato do enredo enlaçado à linguagem. O nome Borromeu, o cego, em comitiva com o menino Guirigó e o próprio Riobaldo, me deu algum trabalho de pesquisa: em seminário de leituras de Lacan, na USP, nos idos de 1994, indagando a uma professora a possibilidade de ter havido algum encontro/convívio entre Rosa e Lacan, ela me disse que poderia haver uma convergência entre eles por via de Heidegger⁴. Mas

4 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI

3 **Dante Moreira Leite** (1927-1954): pesquisador, poeta e tradutor brasileiro. Produziu inúmeros artigos, poemas, e traduções que se consagrariam, anos mais tarde, e ainda auxiliam e influenciam a Psicologia Social no Brasil, dos quais destacam-se os manuais de Krech e Crutchfield, Anne Anastasi e Coleman. Entre os livros teóricos traduzidos, estão os de Heider, Asch e Baldwin, dentre tantos. Dante Moreira Leite buscou, também, expandir o restrito vocabulário especializado em Psicologia até então aqui conhecido, em idos de 1970. (Nota da **IHU On-Line**)

não prossegui a pesquisa, pois urgia que o objeto literário tivesse precedência nela.

IHU On-Line – Em Grande sertão: veredas, como se dá o primeiro destino edípico de Riobaldo e, também, como se dá a segunda prescrição do mito de Édipo com o mesmo personagem?

Marcia Marques de Moraes – O narrador Riobaldo, ao longo da narrativa, vai-se desenhando na linguagem, insisto, como personagem mítica que precisa experimentar destinos traçados. Se Édipo viveu o duplo destino que o constituiu, o assassinato de Laio, o parricídio e o casamento com Jocasta, o incesto, também Riobaldo, *pela linguagem*, no simbólico, “ordenaria” seu imaginário e domaria destinos fantasmáticos. De novo, é preciso que o leitor assumira uma atitude de “escuta”. Então, encontrará o episódio da Guararavacã do Guaicuí, no meio do livro, onde lerá:

“A Guararavacã do Guaicuí: o senhor tome nota deste nome. Mas, não tem mais, não encontra – de derradeiro, ali se chama é Caixeirópolis; e dizem que lá agora dá febres. Naquele tempo, não dava. Não me alembro. Mas foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás? Travessia de minha vida. Guararavacã – o senhor veja, o senhor escreva. As grandes coisas, antes de acontecerem. Agora, o mundo quer ficar sem sertão. Caixeirópolis, ouvi dizer. Acho que nem coisas assim não acontecem mais. Se um dia acontecer, o mundo se acaba. Guararavacã. O senhor vá escutando.”

Riobaldo pede ao interlocutor e a nós, leitores, que atentemos para um lugar e tempo passados, atentemos, com nossos muitos sentidos, anotando, vendo, escutando tanto o que ali se passou como sentindo o ecoar daquele nome tão alongado

pela nasal que fecha uma sequência de vogais claras, altas e abertas. Terá sido mesmo para ele um ponto certo e definitivo.

E, estranha, mas familiarmente, Riobaldo narra, ordenando, as duas experiências vividas naquele lugar mítico, que já não há mais: a assunção, pela linguagem, do amor por Diadorim, “Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim de amor mesmo amor, mal encoberto de amizade”; e, segundo, expresso em ordinal bem despistado pelo discurso matreiro de Rosa/Riobaldo, toma conhecimento, fica sabendo do assassinato de Joca Ramiro, pai de Diadorim e chefe do bando.

Em termos de leitura literária, essas “constatações”, esses “saberes” poderiam deslocar-se ou condensar-se, como a matéria dos sonhos, para figurar, no primeiro caso, o amor por Diadorim, um amor, portanto, proscrito; no segundo, um assassinato de pai, portanto, o parricídio. O amor proscrito por Diadorim poderia ser lido na pauta do incesto, tantas são, durante o romance, as “misturas” Bigri/Diadorim, ainda que (e até porque) denegadas. Tais misturas se operam basicamente pelo olhar, pelos olhos verdes, “já de domínio público”: “esmares, esmerados (de ex+merus = retirados do mero, do comum, desmisturados) olhos, botados verdes”. Os olhos de Diadorim se misturam, indubitavelmente, na fala de Riobaldo, a ponto de ele confessar, no plural: “Os afetos.” E prosseguir: “Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe. Então, eu vi as cores do mundo.” E é Riobaldo ainda que confessa a seu interlocutor (e a nós) esse processo que cola uns olhos aos outros, quando, lembrando-se dos olhos de Nhorinhá, exclui os olhos da “prostituriz” da cadeia significativa que une Diadorim e a mãe: “Hoje é que penso. Nhorinhá, namorã, que recebia todos, ficava lá, era bonita, era a que era clara, com os olhos tão dela mesma...”

Ainda há outros argumentos em favor da mistura da mãe e do amor proibido, sempre apoiados na dis-

cursividade do narrador protagonista. Percebamos o duplo Diadorim, fantasmático, na cena da Guararavacã, sob o efeito de se saber amando Diadorim. Então, se ouve/se lê:

“O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era?”

A gente se pergunta: que vergonha maior o atormentaria antes e além daquela assunção da relação amorosa homoafetiva? A gente lê o duplo Diadorim, nas tensões a afirmar e denegar: meio singular *versus* plural; desmisturado *versus* misturado; só para mim *versus* não só meu, não só para mim; mente *versus* corpo; era de verdade *versus* não era de verdade, com uma interrogação final que suspende toda e qualquer certeza.

E, impossível, ainda, não perceber como uma “manha” autoral, um Diadorim *por fantasma*, a ecoar com muita nitidez o *pro fantasma/profantasia* (ou *protfantasma/protfantasia*), na terminologia freudiana.

Se essa operação de leitura que ousa dizer um nome – incesto – se vale de tantas mediações, a morte de Joca Ramiro, metaforizando a morte do pai, é bem mais direta.

Nessa leitura, a Guararavacã é travessia de um duplo destino e naquele lugar mítico se inscreve uma subjetividade que, construída na e pela linguagem, permitirá que Riobaldo marche mais “senhor de si”, submetido, como ele dirá, na saída

da Guararavacã à “lei de rei”. Ouçamos, dialogando com a linguagem do episódio:

“Acertei minha idéia: eu não podia, **por lei de rei** (Que rei? Édipo, rei?), admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim. Se não, pudes-se não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo! – com uma bala no lado de minha cabeça, eu num átimo **punha barra em tudo** (mais psicanalítico, impossível...). **Ou eu fugia – virava longe no mundo, pisava nos espaços, fazia todas as estradas**” (a fuga, como marca importante do herói tebano, como se viu em respostas anteriores).

Torne-se a frisar que o episódio da Guararavacã do Guaicuí se localiza no meio do romance, e essa metade marca o fim da “apontação principal”, desordenada, associativa, “pulsional”, bem “mãe”, bem “natureza” e o início da segunda parte, mais ordenada, mais encadeada e cronológica, mais “pai”, mais “lei”, mais “cultura”.

Reitera-se, assim, “a forma do meio”, expressão cunhada por Clara Rowland⁵ para nomear seu livro, como estratégia importante do processamento de sentidos na obra rosiana.

Acrescente-se, para fechar a resposta a essa instigante pergunta, que nosso crítico maior, o saudoso Antonio Candido⁶, lega à plateia do

Seminário Internacional Guimarães Rosa. Grande sertão: veredas e Corpo de baile – 50 anos, ocorrido na USP, “confissão” que lhe fizera Guimarães Rosa ao dizer que na Guararavacã do Guaicuí “estaria uma chave para a leitura do romance” (as aspas se justificam por estar me valendo de palavras da pesquisadora Maria Célia Leonel⁷, que deu mais precisão à observação de Candido).

“Guimarães Rosa trata a linguagem, essa sim, a verdadeira protagonista de sua obra”

IHU On-Line – Como o “pacto”, enquanto categoria psicanalítica, aparece em Grande sertão: veredas? Como poderíamos descrever a personalidade de Riobaldo antes e depois do pacto?

manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de São Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Firmação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rziw>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Maria Célia de Moraes Leonel**: possui graduação em Letras pela Fundação Dom Aguirre, mestrado em Letras Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP e doutorado em Letras Literatura Brasileira pela USP. É livre-docente e professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp. (Nota da **IHU On-Line**)

Marcia Marques de Moraes – O pacto me parece um mergulho em si mesmo – um desnascer para renascer. Uma viagem de volta para acertar ponteiros e prosseguir. São inúmeras as marcas linguísticas desse processo de regresso para o impulso, impulso, inclusive, criador, num pacto com o *daimon* greco.

“Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. **Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!**”, é bastante audível o *Das Ding* freudiano, que vai tornar presente, pela gradação dos determinantes, a coisa impossível de se dizer, a busca por um *alhures*... e que se reitera mais à frente com **“isso não é falável”**...

em:

“Não. Nada. O que a noite tem é o vozeio dum ser-só – que principia feito grilos e estalinhos, e o sapo-cachorro, tão arranhão. E que termina num queixume borbulhado tremido, **de passarinho ninhan-temal-acordado dum totalzinho sono.**”, a figura da noite como ninho, como um primeiro abrigo do ser nos seus primórdios;

em:

“Só outro silêncio. O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.”, o mergulho no eu, o tentar estar possuído por si mesmo e, no silêncio, perscrutar-se a si mesmo e ter forças para invocar: “Ei, *Lúcifer! Satanás, dos meus Infernos!*”, chamando, etimologicamente as luzes (*lux-lucis = luz*), o condutor da luzes (*fero, fers, tuli, latum, ferre = conduzir*), as luzes do seu interior, das suas transgressões, do seu inferno, a partir do que se manifestará a criação, pactuada com o *daimon*;

e, por fim:

“E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envier de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas;

⁵ **Clara Rowland**: professora associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutourou-se em Estudos Comparados, com uma tese sobre a relação entre livro e narração na obra de João Guimarães Rosa, intitulada *A Forma do Meio: livro e narração na obra de João Guimarães Rosa* (São Paulo: Edusp, 2011). (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Sívio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas

fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranqüilidades-de pancada. **Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai.**” (insistindo no rio, “pau enorme” do final do romance, fático, que penetra adentro a casa do pai, metaforizando, sexual e eroticamente, a volta às águas maternas, para um outro nascimento, no caso, o nascimento do narrador do romance).

Essa análise se reitera, ainda, no trecho seguinte: “Porque a noite tinha de fazer para mim **um corpo de mãe – que mais não fala, pronto de parir, ou, quando o que fala, a gente não entende?** Despresencieí. Aquilo foi um buracão de tempo.”

Nessa pauta, a busca do pacto para se igualar ao Hermógenes e ascender à chefia, no enredo do romance, possibilita, com sua forma metaforizada, o pacto com o *daimon* da criação, implicando a transgressão a partir de um “falso imaginado”: o desnascido para nascer de novo.

Riobaldo sai do suposto pacto enfraquecido como homem de ação para se fortalecer como ser de reflexão que se nos apresenta como narrador do romance – o próprio *Grande sertão: veredas* que se vem escrevendo ao longo de toda a narrativa nas cadernetas do interlocutor, o outro-de-si e que se vale da experiência do narrador épico, o narrador oral.

Não por acaso, o cenário do pacto, as Veredas Mortas (letras mortas?) ou Veredas Altas (alta cultura?) ou Veredas Tortas (linhas tortas?), descrito como entre dois rios, evoca a Mesopotâmia, lugar do nascimento da escrita, em uma das várias versões, lembrando a escrita como condição imprescindível ao gênero romance.

IHU On-Line – Qual a importância de ler e reler a obra de Guimarães Rosa no Brasil atual?

Marcia Marques de Moraes – Importância fundamental. Se se

insinuam o conservadorismo do escritor e sua resistência a manifestações de cunho político, é importante proclamar que seu fazer literário faz as vezes de seus manifestos, substituindo-os com enorme vantagem. Como a inclusão de vozes, até então apenas referenciadas ou mesmo “arremedadas” na literatura, é feita, a obra rosiana, através de trabalho criativo, cuidadoso e sensível, preservando-lhes dicção e tom e respeitando-lhes pontos de vista, ler o povo brasileiro, na obra de Guimarães Rosa, é vivenciar o humanismo e ser tocado pelo acolhimento das diferenças, pela inclusão das minorias, pela compreensão de nossa realidade multifacetada.

Frise-se o efeito profundo dessa transformação do leitor – uma “transformação pesável”, como experimentou Riobaldo na travessia com o Menino. Isso porque o processo de “representação” da realidade, mediado artisticamente, torna o efeito da leitura duradouro e permanente, como ensina Antonio Candido no texto *Direito à Literatura*, quando diz que a experiência com a forma implica, necessariamente, a organização do caos interior, inerente à condição humana.

Para além disso, o privilégio ao paradoxo que o autor tanto preza desenha um mundo, uma sociedade bem mais “real”, o que faz o leitor experimentar contradições inerentes à vida humana e, dessa forma, exercitar “o ser *E* não ser” que nos constitui.

Por outro lado, um lado bem pessimista que marca os tempos sombrios deste Brasil contemporâneo, de 2019 e suas adjacências, parece ficarem cada vez mais distantes os prognósticos do escritor sobre o Brasil, quando, no diálogo com Günter Lorenz, acontecido em Gênova, em 1965 e já aqui referido, Guimarães fala em “brasilidade” e na nossa inserção no contexto da América Latina.

Ouçamos Rosa, quando perguntado sobre “brasilidade”:

“Falemos da ‘brasilidade’: nós os brasileiros estamos firmemente persuadidos, no fundo de nossos

corações, que sobreviveremos ao fim do mundo que acontecerá um dia. Fundaremos então um reino de justiça, pois somos o único povo da terra que pratica diariamente a lógica do ilógico, como prova nossa política. Esta maneira de pensar é consequência da ‘brasilidade’.”

E tornemos a ouvi-lo sobre nosso país e a América Latina:

*“Sou um homem que viu muitas coisas no mundo, que entende muito de literatura mundial. Não quero pecar por presunção, mas comparando quantitativa e qualitativamente o que se escreve, por exemplo, na Europa, com o que se escreve entre nós, sinto-me um tanto orgulhoso. Entre nós, não só no Brasil e não só entre os escritores velhos e os de minha geração, há muitos que justificam as maiores esperanças, e permitem que encaremos tranquilamente o futuro. A América Latina tornou-se no terreno literário e artístico, digamos em alemão, *Weltfähig* (“apto para o mundo”). E não estou falando apenas das necessidades e do potencial econômico de meu continente. (...) Estou firmemente convencido, e por isso estou aqui falando com você, de que no ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharam Berlim, Paris, Madrid ou Roma, também Petersburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente. A América Latina inicia agora o seu futuro. Acredito que será um futuro muito interessante, e espero que seja um futuro humano.”*

No entanto, neste momento brasileiro e latino-americano, que se estende, inclusive, ao mundo, não se parece cumprir o que Rosa esperava para o século XXI – a chamada “brasilidade” está “em baixa” num Mundo em que as ações do capital ocupam o lugar da arte e do homem, legando ao esquecimento as últimas frases de Riobaldo no romance: “O que vale é homem humano. Travessia”. ■

ECOFEIRA

Agenda agosto

14 de agosto
13 às 14h

Cine-vídeo: Mulheres na Economia
Solidária - FEICOOP 2019
Local: Corredor central em frente ao IHU

21 de agosto
13 às 14h

Cine-vídeo: O mundo dos orgânicos
Local: Corredor central em frente ao IHU

28 de agosto
14h às 16h

Oficina: Construindo sua horta
PASEC e MS Denise Schnorr
Local: Horta da Gastronomia

ihu.unisinos.br/observasinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Para romper o mundo com as palavras pegantes de Riobaldo

Eduardo de Faria Coutinho analisa como Guimarães Rosa inventa mundos e exige dos leitores um pensar ético por meio do desconcerto provocado por sua linguagem

Ricardo Machado

Mais do que um escritor que optou pela literatura regional em relação à universal, Guimarães Rosa escolheu inventar mundos com sua linguagem e com ela obrigou o ser humano a pensá-los. “É somente renovando a língua que se pode renovar o mundo, e é com esse intuito que ele se entrega de corpo e alma à tarefa de revitalização da linguagem, que vê como verdadeira missão, ou, em suas próprias palavras, um “compromisso do coração”, pondera o professor e escritor Eduardo Faria Coutinho, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Sufocado por um cotidiano calcado na continuidade, que se expressa pela repetição mecânica de atos e gestos, o homem, e em particular o adulto comum, não percebe a automatização a que se sujeita, cumprindo o inexplicável, sem nenhuma autonomia de raciocínio”, complementa.

As portas do infinito se abrem com as chaves do idioma. “O processo de revitalização da linguagem empreendido por Guimarães Rosa baseia-se fundamentalmente na eliminação de toda conotação desgastada pelo uso, e na exploração das potencialidades da linguagem, da face oculta do signo, ou, para empregar palavras do próprio autor, do ‘ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado””, ressalta. “Em Rosa, o homem não é mais retratado apenas em seus aspectos típicos ou específicos, mas antes apresentado como um ser múltiplo e contraditório e em tantas de suas facetas quanto

possível, e o sertão não é apenas a recriação literária de uma área geográfica específica, mas a representação de uma região humana, existencial, viva e presente na mente de seus personagens”, descreve.

Sobre a atualidade do pensamento do Rosa e a necessidade de encará-lo no Brasil atual, Coutinho é didático. “No Brasil, onde a educação é ainda artigo de luxo e cada vez menos valorizada pelas autoridades governamentais, ela desempenha um papel extremamente relevante, se não mais por chamar atenção para este fato”, frisa.

Eduardo de Faria Coutinho, um dos mais renomados acadêmicos em Literatura Comparada, Ph.D. pela Universidade da Califórnia, Berkeley. É professor titular da disciplina na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, professor visitante em várias universidades do Brasil e do exterior e pesquisador nível 1A do CNPq. Membro da União Brasileira de Escritores - UBE, consultor científico de diversas agências de fomento à educação CAPES, CNPq, FAPERJ e FUJB, vice-presidente da Associação Internacional de Literatura Comparada - AILC/ICLA, membro fundador e ex-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC e ex-vice-presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - ANPOLL. Também foi diretor-adjunto de Pós-Graduação na UFRJ e membro do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Confira a entrevista.

“O homem não é mais retratado apenas em seus aspectos típicos ou específicos, mas antes apresentado como um ser múltiplo e contraditório e em tantas de suas facetas quanto possível”

IHU On-Line – Como a literatura, em sentido mais amplo, produz um nó no fio do tempo e interrompe a ordinariade do cotidiano?

Eduardo de Faria Coutinho – A literatura tem um poder de revelação extraordinário que desestabiliza o leitor, tirando-o de sua inércia cotidiana e mergulhando-o na dúvida. É como uma semente que, caindo na terra, começa a germinar, gerando uma inquietação que é o passo inicial para possíveis transformações. Daí o risco que ela acarreta para todos aqueles que estão incrustados no *status quo*. Por isso ela sempre foi vista pelos sistemas totalitários como uma ameaça. E seu poder está centrado na força da palavra, que induz o leitor à reflexão. As palavras são, como afirmou o próprio Rosa, através de seu personagem Riobaldo, no *Grande sertão: veredas*, “palavras pegantes, que vão rompendo rumo”.

IHU On-Line – Em especial, de que maneira a literatura de Guimarães Rosa opera esse processo de desnaturalização da banalidade do cotidiano?

Eduardo de Faria Coutinho – A desnaturalização da banalidade do cotidiano se dá, na obra de Guimarães Rosa, sobretudo através do recurso do estranhamento (a *ostranenie* dos formalistas russos), que o nosso autor explora até as últimas consequências. E este estranhamento se verifica na linguagem que ele utiliza. É um recurso da linguagem, um dos principais traços de sua *ars*

poetica, responsável por fazer do escritor um alquimista, ou, apesar de seus protestos ao termo, um grande “revolucionário da linguagem”. Para Guimarães Rosa, é somente renovando a língua que se pode renovar o mundo, e é com esse intuito que ele se entrega de corpo e alma à tarefa de revitalização da linguagem, que vê como verdadeira missão, ou, em suas próprias palavras, um “compromisso do coração”.

IHU On-Line – De que forma a linguagem da prosa de Guimarães Rosa desnaturaliza a forma hegemônica da própria linguagem?

Eduardo de Faria Coutinho – Sufocado por um cotidiano calcado na continuidade, que se expressa pela repetição mecânica de atos e gestos, o homem, e em particular o adulto comum, não percebe a automatização a que se sujeita, cumprindo o inexplicável, sem nenhuma autonomia de raciocínio. Seu discurso, construído de antemão pela comunidade a que pertence, é incorporado por ele sem nenhuma indagação, e sua expressão se revela como a ratificação de uma prática tradicional, que se impõe inexoravelmente, naturalizando o não-naturalizável e camuflando conseqüentemente o seu caráter de construção. Esta linguagem, a que o autor designa de “linguagem corrente”, expressa, como ele próprio declara em sua famosa entrevista a Günter Lorenz, “apenas clichés e não ideias”, não se prestando portanto à autonomia do raciocínio. Ela está morta, e, ainda

segundo o autor, o que está morto não pode engendrar ideias. A fim de poder “engendrar ideias”, é preciso romper com essa linguagem, desautomatizá-la. O idioma, para Rosa, “é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas”. Daí a necessidade de revitalizá-lo, violando constantemente a norma e substituindo o lugar-comum pelo único, a fim de que ele possa recobrar sua *poiesis* originária e atingir o *outro* de maneira eficaz. O processo de revitalização da linguagem empreendido por Guimarães Rosa baseia-se fundamentalmente na eliminação de toda conotação desgastada pelo uso, e na exploração das potencialidades da linguagem, da face oculta do signo, ou, para empregar palavras do próprio autor, do “íleso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado” (Rosa, *Sagarana*, 1970, p. 238). Os procedimentos para atingir este fim são, contudo, numerosos e distintos, estendendo-se desde o plano da língua *stricto sensu* ao do discurso narrativo, e chegando em alguns casos a constituir o eixo-motor de todo o texto.

IHU On-Line – Como a estética sertaneja, compreendida como de um autor não litorâneo, de Guimarães Rosa, produz, em certo sentido, uma ética das pessoas simples do interior do Brasil?

Eduardo de Faria Coutinho – Na mesma esteira de desconstrução de tudo o que é fixo ou inquestio-

nável, que constitui uma das linhas mestras da obra de Guimarães Rosa, a dicotomia regional *versus* universal que ocupou por longo tempo o panorama da literatura brasileira se mostra totalmente improcedente nas narrativas rosianas. Escritor regionalista no sentido de que utiliza o sertão como cenário de suas estórias e os habitantes dessa região como personagens, o autor transcende os parâmetros do Regionalismo tradicional ao substituir a ênfase até então atribuída à paisagem pela importância dada ao homem, pivô de seu universo ficcional. Em Rosa, o homem não é mais retratado apenas em seus aspectos típicos ou específicos, mas antes apresentado como um ser múltiplo e contraditório e em tantas de suas facetas quanto possível, e o sertão não é apenas a recriação literária de uma área geográfica específica, mas a representação de uma região humana, existencial, viva e presente na mente de seus personagens. Nesse universo convivem seres os mais diversos em cuja visão de mundo confluem lógicas distintas, calcadas tanto na racionalidade quanto no mito, e o resultado é um espaço de inclusão, marcado pela pluralidade, onde o discurso hegemônico da lógica ocidental cede lugar à busca de terceiras possibilidades, tão bem representadas pela imagem, síntese talvez de toda a obra do autor, que dá título ao conto *A terceira margem do rio* (In Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994). As pessoas simples do interior do Brasil são as que povoam suas narrativas e é a visão delas, ao mesmo tempo lógica e mítica, que ocupa um primeiro plano na obra rosiana.

IHU On-Line – De que maneira o leitor, para Guimarães Rosa, transforma-se em uma longa travessia na qual seu sentido último é sempre inalcançável?

Eduardo de Faria Coutinho – Com a renovação constantemente empreendida do *dictum* poético, através da desestruturação de todo o petrificado, Guimarães Rosa instau-

ra em suas páginas um verdadeiro laboratório de reflexão, que se estende dos próprios personagens ao leitor, reativando o circuito discursivo e transformando o último de mero consumidor num participante ativo do processo criador. Ciente do fato, como ele mesmo afirma, através das palavras do narrador de *Grande sertão: veredas*, de que “toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo” (Rosa, *GS:V*, 1958, p. 170), ele fornece ao leitor esta “palavra”, por meio das inovações que introduz, e, ao estimular sua reflexão e consequente participação na construção da própria obra, faz dele um grande questionador, um desbravador de caminhos.

Assim como os personagens de Guimarães Rosa estão frequentemente se indagando sobre o sentido das coisas e muitas vezes pondo em xeque seus próprios atos e visão de mundo, o leitor, para ele, é sempre um perseguidor, um indivíduo marcado pelo signo da busca, imerso, como todos os seres, numa longa travessia, cujo sentido último jamais é alcançado. Não é sem razão que a narrativa do *Grande sertão: veredas*, por exemplo, se abre e fecha com uma pergunta para a qual não há resposta única ou definitiva: “o diabo existe?” Tal qual seu narrador, que conclui o relato reintroduzindo a dúvida que desde o início o atormentava, o leitor rosiano encerra suas aventuras pelos fios do texto levantando “outras, maiores perguntas”, e configurando-se como elo de uma cadeia que se projeta para além das páginas do livro.

IHU On-Line – De que forma a incerteza nos gestos dos personagens se converte em uma categoria orientadora da escrita rosiana, especialmente em *Grande sertão: veredas* e no conto *Meu tio, o Iauaretê*?

Eduardo de Faria Coutinho – A incerteza, a dúvida, é o que impulsiona a narrativa, o que faz com que os personagens mergulhem cada

vez mais fundo em seu processo de busca, com o fim de tentar entender o mistério da vida, da existência humana. É essa busca, essa perquirição incansável, que leva Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, a relatar sua vida de jagunço a um interlocutor com o fim de entender fatos que ele vivenciou na juventude e que não pôde discernir na época em que ocorreram. O personagem narrador é um homem atormentado pela ideia de haver vendido a alma ao diabo, mas ao mesmo tempo não tem certeza se este realmente existe; então decide narrar sua vida a um cidadão urbano culto em viagem pelo sertão com o fim de colocar-lhe a questão no final: o diabo existe? Riobaldo sente-se culpado e responsável pela morte de Diadorim (sua grande paixão), que vê como uma consequência de seu ato; então impõe-se a tarefa de reconstruir os episódios de sua vida que precederam e se seguiram ao pacto com o demônio, na esperança de encontrar alívio para sua consciência, algum tipo de julgamento ou perdão. E tudo em sua narrativa converge para a questão final que, não encontrando nenhuma resposta convincente, é deixada em aberto, à mercê da reflexão do leitor. O conto *Meu tio, o Iauaretê* tem como eixo a suposta metamorfose de um caçador de onças em um felino, e ao longo do relato a linguagem deste vai-se aproximando cada vez mais à do animal, até converter-se em verdadeiros grunhidos, mas aqui também o que se tem no final é uma situação de forte ambiguidade.

IHU On-Line – Como a percepção – e a perspectiva, se levamos em conta a retomada das leituras rosianas na antropologia – sobre o mundo, desde os personagens de Guimarães Rosa, revela uma espécie de metafísica da multiplicidade, típica de um país como o Brasil?

Eduardo de Faria Coutinho – A percepção constitui sem dúvida uma das principais chaves do *Grande sertão: veredas* e está representada na narrativa pelo tema da tra-

vessia, presente ao longo de toda a obra, como quando Riobaldo afirma: “Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada” (Rosa, *GS:V.*, 1958, p. 35). No plano do enredo, dos acontecimentos vividos por Riobaldo e relatados mais tarde ao interlocutor, a questão se evidencia num dos episódios nodais da narrativa – o momento já próximo ao final em que Riobaldo descobre que Diadorim era mulher. Riobaldo sofrera durante toda a sua vida de jagunço, dilacerado entre a consciência de que amava Diadorim e a não aceitação do caráter ilícito desse amor, e a descoberta de seu verdadeiro sexo só se dá após sua morte, quando não era mais possível qualquer realização afetiva. O personagem perdera a possibilidade de ser feliz por ter sido vítima da aparência, e agora se culpa por não ter tido sequer um pressentimento. É esse sentimento de culpa que permanecerá até o final de sua vida e que ele transmitirá ao interlocutor ao lhe narrar a história. Ciente agora do segredo de Diadorim, Riobaldo procura lembrar-se de todos os episódios que, no passado, indicavam sua identidade feminina, e cen-

sura-se, indagando com insistência: “Como é que não tive um pressentimento?” Mas, o mais importante é que a questão se estende ao plano do próprio relato, pois Riobaldo mantém o segredo até o final, só o revelando ao interlocutor no momento em que ele também o descobrira.

Esse recurso, que poderia parecer à primeira vista uma simples forma de manter o suspense da narrativa a fim de assegurar o interesse do interlocutor, tem aqui outra função – a de testar-lhe a percepção – e, por conseguinte, expressar o tema da relatividade. Riobaldo deseja que o interlocutor experimente, através da narração, processo semelhante àquele por que passou em sua vida, de modo a poder constatar se este será ou não capaz de descobrir, antes de lhe ser dito, aquilo que ele próprio não conseguira. Deste modo, fornece-lhe ao longo de toda a narrativa uma série de indícios, e chega ao ponto de quase revelar-lhe tudo. No entanto, como mesmo neste caso se mantém certa ambiguidade, a descoberta do segredo dependerá totalmente do interlocutor e, por extensão, do leitor, podendo variar, assim, de uma pessoa para outra.

“É somente renovando a língua que se pode renovar o mundo”

IHU On-Line – Qual a importância de ler e reler a obra de Guimarães Rosa no Brasil atual?

Eduardo de Faria Coutinho – A obra de Guimarães Rosa tem como um de seus principais vetores levar o leitor à reflexão, induzi-lo a pensar, que é uma das principais funções da arte, e é neste sentido que ela se faz fundamental em qualquer tempo e lugar. Não é à toa que ela tem sido traduzida para diversos idiomas e tem encontrado leituras em diferentes mídias. No Brasil, onde a educação é ainda artigo de luxo e cada vez menos valorizada pelas autoridades governamentais, ela desempenha um papel extremamente relevante, se não mais por chamar atenção para este fato. ■

Oficina

Bases de dados do IBGE

27 de agosto de 2019

14h30min às 17h

Sala de Informática – B09 008

Campus Unisinos São Leopoldo



bit.ly/oficina-ibge

O amor, a vida e o encontro com as mulheres rosianas

Adair de Aguiar Neitzel, professora e pesquisadora da obra de Guimarães Rosa, discute o papel das mulheres em *Grande sertão: veredas*

Ricardo Machado

Riobaldo, o narrador protagonista de *Grande sertão: veredas*, é um personagem que só percebe sua complexidade e passa a compreendê-la melhor no encontro com as mulheres. “É nas mulheres que ele [Riobaldo] encontra energia para se reconhecer, uma espécie de ritual, e por isso todas elas contribuem para a construção do masculino. Essa é uma obra que fala sobretudo do amor e da vida, e o encontro de Riobaldo com essas personagens femininas o fertiliza”, pondera **Adair de Aguiar Neitzel**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Mulheres fortes, temidas, cuja aparência física muitas vezes causa asco, que detêm o verbo, símbolos de resistência no sertão, sua positividade está nas rezas que praticam, e, ao mesmo tempo que provocam medo, anunciam a boa nova, são também protetoras”, complementa.

Nesse universo, Diadorim é talvez a personagem feminina mais central da

obra. “É pelas mãos de Diadorim que Riobaldo passa do estado físico para o estético e deste para o Moral. Mas é uma relação marcada pela ambiguidade, contradição, angústia de estar se envolvendo com um homem. Essa tensão que se estabelece entre ambos, por conta de uma paixão impossível na jagunçagem, torna esse amor uma neblina. Diadorim é a personagem que consegue lidar com o feminino e o masculino, sem que um sufoque o outro”, explica.

Adair de Aguiar Neitzel é doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. É professora titular da Universidade do Vale do Itajaí, onde orienta pesquisas no Mestrado e Doutorado em Educação, e líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora. É autora de *Mulheres Rosianas* (Florianópolis: UFSC Univali, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem são e como se caracterizam as mulheres rosianas?

Adair de Aguiar Neitzel – Traço no livro *Mulheres Rosianas* uma análise das figuras femininas de *Grande sertão: veredas* e nesse sentido o título revela uma “traição”, não são todas as mulheres rosianas, certo? Falo de um grupo de mulheres sensuais, que desfilam na obra de forma erótica, mulheres dadivosas que são “fêmeas no fogo do corpo”, como fala Guimarães Rosa na obra

Urubuquaquá, no Pinhém: Miosótis, Rosa’uarda, Nhorinhá, Maria-da-Luz e Hortência. Há um outro grupo poderoso que contribui para a ascensão de Riobaldo pelo poder da palavra que lhe é conferido, são Izina Calanga, Maria Leôncia, Maria Mutema, Ana Duzuza e a Mulher do Hermógenes. Otacília eu relaciono ao mito Marial porque por ela Riobaldo mantém uma devoção exacerbada, construindo-se uma erótica celeste ao seu entorno. E busco em Diadorim entender a força erótica (afinal por ela Riobaldo também

sente desejo carnal) das mulheres dadivosas do primeiro grupo, assim como o poder da palavra que a aproxima do segundo grupo.

IHU On-Line – Qual a relação de Riobaldo, protagonista de *Grande sertão: veredas*, com as mulheres especialistas em “artes mágicas”?

Adair de Aguiar Neitzel – Benedito Nunes fez um estudo sobre essa obra em *O dorso do tigre* (São Paulo: Editora 34, 2009) que aponta para a

“É nas mulheres que ele [Riobaldo] encontra energia para se reconhecer, uma espécie de ritual, e por isso todas elas contribuem para a construção do masculino”

escalada ascensional de Riobaldo em sua travessia pelo sertão, e é nas mulheres que ele encontra energia para se reconhecer, uma espécie de ritual, e por isso todas elas contribuem para a construção do masculino. Essa é uma obra que fala sobretudo do amor e da vida, e o encontro de Riobaldo com essas personagens femininas o fertiliza. Mesmo com as mulheres que não encantam pela voluptuosidade do corpo, Riobaldo enxerga nelas a energia espiritual que necessita para reordenar o caos, e esse movimento ascensional de Riobaldo se dá no encontro, no respeito, na relação, e quando não é assim, ele busca afastar-se das suas memórias, como aconteceu com Miosótis.

IHU On-Line – Maria Mutema, Ana Danuza, Izina Calanga e Maria Leôncia são todas personagens de *Grande sertão: veredas*. Como elas se aproximam e se distanciam entre si, como elas compõem o mosaico de mulheres rosianas?

Adair de Aguiar Neitzel – Mulheres fortes, temidas, cuja aparência física muitas vezes causa asco, que detêm o verbo, símbolos de resistência no sertão, sua positividade está nas rezas que praticam, e, ao mesmo tempo que provocam medo, anunciam a boa nova, são também protetoras. Em um lugar como o sertão, cheio de superstições e crenças (diz Riobaldo já na primeira página do livro que o povo de lá é prascóvio) essas mulheres são poderosas pela aura de sacralidade que as envolve. Seus poderes são encantató-

rios. E mesmo Maria Mutema que não é rezadeira exerce grande poder sobre os homens com quem se relaciona porque os abate, sem dó nem piedade, e o faz sem motivos explícitos, como uma feiticeira consegue convencer o padre de uma culpa que não tem. O ódio é o ingrediente que a nutre. Mas, como *tudo é e não é e viver é muito perigoso*, essas mulheres também se metamorfoseiam e do mal surge o bem e vice-versa. Eis o mosaico feminino de *Grande sertão: veredas*.

IHU On-Line – Como se constrói a noção de amor em *Grande sertão: veredas*? Do que se trata a “erótica celeste” entre Riobaldo e Otacília?

Adair de Aguiar Neitzel – Bom, já falei que há toda uma constelação amorosa criada por Guimarães Rosa nesta obra, nessa constelação o amor é manifestado de várias formas, e Otacília representa um amor mais espiritual. Para Benedito Nunes, “o amor carnal gera o espiritual e nele se transforma”. Nesta lógica, o encontro de Riobaldo com as mulheres dadas do sertão o estão revitalizando e preparando-o para o encontro com Otacília. Quando eu falo em erótica celeste estou enfatizando que a relação de Riobaldo com Otacília é de salvação pela purificação, por isso eu a relaciono com o mito Marial. Todas as lembranças de Riobaldo tecidas em torno de Otacília despontam um amor sublime, platônico, mas principalmente total, sensível e inteligível, uno. É Otacília quem devolve a Riobaldo a sobrevida, a pos-

sibilidade de reorganização do caos no qual ele se inseriu na jagunçagem, ela é seu porto seguro, manso e com ela busca dar vazão ao seu ser não-jagunço.

IHU On-Line – De que forma Diadorim se converte em neblina para Riobaldo? O que isso significa?

Adair de Aguiar Neitzel – A relação de Riobaldo com Diadorim é conflituosa porque esta lhe mostra um mundo sensível que ele já havia esquecido ao entrar na jagunçagem (mas que sua mãe Bigri tão bem soube introduzir). É pelas mãos de Diadorim que Riobaldo passa do estado físico para o estético e deste para o Moral. Mas é uma relação marcada pela ambiguidade, contradição, angústia de estar se envolvendo com um homem! Essa tensão que se estabelece entre ambos, por conta de uma paixão impossível na jagunçagem, torna esse amor uma neblina. Diadorim é a personagem que consegue lidar com o feminino e o masculino, sem que um sufoque o outro. Forte no combate, mas sensível na apreciação da natureza. Esta conjunção do sensível e do inteligível mostra sua fecundidade. Mas Riobaldo ainda não está pronto para ver. Ele não consegue perceber. E por isso Diadorim é sua neblina. Neblina que vai se dissipar apenas na revelação que ocorre na batalha final.

IHU On-Line – Riobaldo se move na vida pela sua questão em torno da existência ou não

do diabo. Diadorim se move com o desejo de acabar com o Mal do sertão. Como os diferentes propósitos de cada personagem traduzem papéis dos homens e das mulheres nesta obra e fora dela?

Adair de Aguiar Neitzel – Penso que toda a movimentação de Riobaldo e de Diadorim se dá em torno desta questão do mal e do bem. Ao longo da travessia que ambos fazem, do envolvimento dos dois, das descobertas que operam juntos, suas ações traduzem que todos nós somos bons e maus, e que o diabo vive é dentro do homem. O espaço que damos para o bem ou para o mal é que vai delimitar os caminhos que trilharemos. Passados alguns anos que finalizei esta pesquisa em torno das mulheres rosianas, percebo que Diadorim revela-nos como o ser humano necessita se voltar para a sua educação estética, porque o que faz Diadorim junto a Riobaldo é possibilitar que ele perceba o mundo vivido, sua cor, suas texturas, seu cheiro, deixar de moer no áspero, apreciar a belezura do mundo (quem mói no as'pro, não fantasia, afirma Guimarães Rosa). Neste sentido, talvez os propósitos de Diadorim e Riobaldo sejam iguais porque Dia-

dorim porta o masculino e o feminino e isto permite que, mesmo na aspe-reza do sertão, ela tenha uma função ordenadora, tal qual a de Riobaldo, mas tem sobre ele uma vantagem: o feminino. E aqui está um ponto a se pensar: não há mulheres que são usadas e homens que são usurpadores de prazeres, o que vemos nesta obra são homens e mulheres que necessitam um do outro e cada um oferece ao outro o que tem de melhor.

“É pelas mãos de Diadorim que Riobaldo passa do estado físico para o estético e deste para o Moral”

IHU On-Line – Qual a importância de ler e reler a obra de Guimarães Rosa no Brasil atual?

Adair de Aguiar Neitzel – As questões trazidas por Guimarães Rosa são superatuais e por isso é uma obra-prima que não pode ficar esquecida, e dentre essas questões a que mais me interessa hoje é a da barbárie na modernidade. Estamos cada vez mais sozinhos, esquecidos dos princípios que formam a coletividade (que regiam inclusive a jagunçagem), de costas para a natureza, para a vida. A ganância, o mal, tem tomado conta de nós. Vivemos a constante luta entre o bem e o mal e mais do que nunca precisamos pensar em como nossos sentidos estão embotados. *Grande sertão: veredas* é um livro que desperta nossa sensibilidade para com o nosso entorno, nos convida a olhar para o mundo vivido, a compreender a natureza humana, a diversidade de pensamento e sobretudo é uma obra sobre o amor e sobre a vida. E em uma época em que o mercado editorial quer publicar aquilo que vende, dando espaço cada vez mais para o *best seller* (o *fast food* da literatura), não custa lembrar o que faz esta obra ser tão emblemática: o tratamento que o autor deu à linguagem! ■

Oficina De Olho na Metr6pole:
Dados e análises sobre a
Região Metropolitana de Porto Alegre

13 de agosto
14h às 17h

Campus Unisinos São Leopoldo



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

bit.ly/oficina-metropole

Atar-se ao mastro para ouvir o canto místico da sereia rosiana

Eduardo Guerreiro B. Losso analisa a obra de Guimarães Rosa em perspectiva com a crítica literária e a tradição de escritores ligados à mística

Ricardo Machado

As tradições laica e mística na crítica literária têm entre si um oceano, mas é preciso, a despeito do temor que a tarefa suscita, transitar de um lado a outro, unindo mundos e produzindo tensionamentos mútuos. “Parece que a própria energia de rejeição que a mística carrega diante do esclarecimento contém um potencial perigoso, que não pode ser despertado, não pode ser despertado justamente por aqueles que se dedicam à crítica da dominação”, descreve Eduardo Guerreiro B. Losso, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Pois acho, justamente, que a defesa de Rosa do predomínio da dimensão metafísico-religiosa de sua obra tem a ver com o desejo dele de mexer com esse perigo, já que, se tem alguém que gosta de perigos, é ele”, complementa.

Se o tema parece demasiadamente abstrato, nada pode ser mais imanente que a radicalização da polarização que mostra sua face nos mais variados campos, para quem a dimensão mística é reduzida à etiqueta do conservadorismo, de uma forma caricatural e imprecisa. “Em tempos de polarização política e consequente emburrecimento dos extremos, seria bom aprendermos algo mais com figuras de alto nível que circularam espaços que não se comunicavam; circulavam não só, como a melhor crítica de Rosa tanto insiste, entre o espaço não letrado e o letrado, reunido de maneira peculiar na figura do jagunço-letrado que é o Riobaldo, mas também entre espaços sociais e ascéticos”, pontua o entrevistado.

Ao finalizar a entrevista, Losso nos provoca a pensar sobre como a secularização radical engendra algo, também, de místico. “Resta saber até que ponto essa secularização do demoníaco, visto pelos desencantados, não tem também algo de mítico, religioso e encantador, a seu modo. Resta saber se o desencantamento também não tem o seu encanto verbal – mefistotélico, medúscico, sirênico”, ressalta. No fundo, Ulisses nos assombra no plano do presente. “O que é melhor: tampar os ouvidos e não ouvir sereias, para não ser capturado por elas, ou prender-se num mastro e ouvir o seu terrível canto?”, questiona.

Eduardo Guerreiro Brito Losso é professor associado de Teoria literária do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ e bolsista de produtividade do CNPQ. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ e coeditor da Revista Terceira Margem, do PPG-CL da UFRJ. É graduado em Letras, mestre e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, com estágio na Universität Leipzig, Alemanha. Entre os livros que organizou, destacamos *Diferencia minoritaria en Latinoamérica* (Georg Olms, 2008), *O carnaval carioca de Mário de Andrade* (Azougue, 2011) e *Música Chama* (Circuito, 2016). Ainda é autor de *Renato Rezende por Eduardo Guerreiro B. Losso* (EdUERJ, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como ler Guimarães Rosa em chave de leitura mística?

Eduardo Guerreiro B. Losso - Devo começar recusando a solicitação da pergunta: meu estudo da

mística não é místico, logo, não se propõe nem a apontar algum tipo de mística em escritores modernos,

muito menos em prometer alguma “chave de leitura mística” de suas obras. Se tal questão quer chegar ao suprassumo da manifestação divina na elevação genial da obra literária, só posso decepcioná-lo. É precisamente por causa desse tipo de demanda transcendente que a crítica laica rejeita qualquer exame da relação entre literatura e mística: quem busca mística em literatura, quer encontrá-la nela a todo custo, logo, não respeita a autonomia da obra. No meu trabalho, é preciso percorrer muitos problemas e dificuldades para que o difícil relacionamento entre críticos e místicos encontre algo diferente do que irritação e repúdio mútuo entre as partes.

De fato, a crítica rosiana, por mais variedades que contenha, durante um bom tempo se dividiu em duas grandes formas de interpretação, nas palavras de Willi Bolle¹: esotérico-metafísica e histórico-sociológica. A primeira já produziu, no final dos anos 1960 e ao longo dos 1970, livros de Benedito Nunes² e Consuelo Albergaria, sendo o primeiro de viés mais filosófico e o segundo, esotérico. O grande impulso veio nos anos 1990, com livros de grande fôlego de Kathrin H. Rosenfield³,

Francis Utéza⁴ e Heloisa Vilhena de Araújo⁵ e Tânia Serra⁶. No dia 30 de junho de 1996, o *Caderno Mais!* da Folha de São Paulo se dedicou a apresentar uma matéria longa, com várias entrevistas, sobre a explosão dessa vertente crítica. Num ensaio de 1998 chamado *O pacto no Grande Sertão – Esoterismo ou lei fundadora*, Bolle constata, com tristeza, “um claro predomínio das interpretações esotéricas e metafísicas. Nelas, a história, via de regra, é eclipsada”. Dentro desse espectro, nomes como Rosenfield e Nunes, ainda que criticados por relacionar elementos das obras a diferentes tradições ocidentais literárias, religiosas e filosóficas, e não darem o peso devido aos elementos sociais brasileiros vigentes nas narrativas, como querem os outros críticos, praticam uma abordagem filosófica que sempre foi respeitada, bem como não imputam ao Rosa um determinado sentido subjacente primeiro. Já abordagens como a de Albergaria, Utéza, Araújo e Serra expõem um modelo de compreensão esotérico, hermético, perenialista ou junguiano.

Dentro da teoria literária, há uma corrente de estudos do imaginário, baseada em Jung⁷, Bache-

lard⁸ e Gilbert Durand⁹, que buscou critérios metodológicos para esse tipo de leitura. Ainda que ela se encontre minoritariamente atuante, a maior parte da crítica, seja a marxista, psicanalítica, desconstrucionista, feminista, negra ou pós-colonial, despreza esse tipo de visão. Geralmente ela não se destaca em grandes congressos nem na arena das discussões teóricas. No entanto, na crítica de Rosa, ela demonstrou um vigor peculiar, o que motivou Bolle a chamá-la de predominante, naquela altura, mas que eu só posso ver como um exagero. O livro do tradutor francês de Rosa, Francis Utéza, *Metafísica do grande sertão* (São Paulo: Edusp, 1994), por exemplo, apresenta um imenso esforço de análise minuciosa do texto sempre remontando a substratos etimológicos e alquímicos. A erudição que o crítico hermético mobiliza é não só desconhecida da maioria dos outros críticos como desperta desconfiança e indiferença. Afinal, parece que ele só quer chegar a uma sabedoria hermética arcaica e unificadora.

A crítica laica (permito-me chamá-la assim, na falta de nome melhor) é pós-iluminista: ela tem por princípio o questionamento da submissão da literatura a doutrinas religiosas, pois tal subserviência impede a liberdade ficcional e também a liberdade interpretativa. Por isso, é imperativo sempre separar a literatura da religião, pois religião sempre significa, para ela, espírito de culto, obediência e superstição. O sentido marxiano das palavras *mística* e *mistério* sempre resguarda esse traço semântico.

Quando se apresentam os maiores nomes da literatura moderna, ao longo do século XVIII até hoje, suas conquistas são vistas como uma série de graus de emancipa-

1 **Stefan Wilhelm Bolle** ou **Willi Bolle**: é professor titular de Literatura na Universidade de São Paulo - USP. Fez o doutorado em Literatura Brasileira (na Universidade de Bochum/Alemanha) com uma tese sobre a técnica narrativa de Guimarães Rosa, e a livre-docência em Literatura Alemã (na USP) com uma tese sobre Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar. É também organizador da edição brasileira das *Passagens*, de Walter Benjamin (Belo Horizonte e São Paulo, EdUFMG e Imprensa Oficial, 2006) e (co-)organizador dos dois volumes *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs*, e *Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea* (ed.s bilíngues: alemão/português; Santos, Editora Brasileira, 2013 e 2015). (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Benedito Nunes**: é autor de estudos sobre Mario Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra. Estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche, suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É nesse sentido que a recepção de Benedito Nunes propõe uma dimensão lírica-existencial-crítica, única no ensaísmo brasileiro. Discute a tradição clássica em que a literatura e a filosofia estão interligadas, ora de maneira litúrgica, ora passivamente. Mostra a inseparabilidade dos princípios metafísicos com os poéticos e explica como é legítimo o diálogo. O filósofo, crítico e escritor foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará. Autor de *O Mundo de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1966. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979 e *O Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1999. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Kathrin Rosenfield**: nasceu na Áustria e vive no Brasil desde 1984. Possui graduação em Letras pela Universidade de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1981), mestrado em Antropologia Histórica pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1981) e doutorado em Ciência da Literatura pela Universidade de Salzburgo (1984). É pesquisadora do CNPq e leciona nos programas de pós-graduação em Letras e em Filosofia da UFRGS. Entre outros livros, publicou *Desenveredando Rosa: Ensaio sobre a obra de J.*

G. Rosa (Rio de Janeiro, Topbooks). Já concedeu uma série de entrevistas à revista **IHU On-Line**, entre as quais destacamos, *Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida*, na edição 503, de 24-4-2017, disponível em <http://bit.ly/2LlSnrS>; e *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, edição 178, de 2-5-2006, disponível em <http://bit.ly/2LlSnrS>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Francis Utéza**: é professor de Literatura Brasileira na Universidade de Paul-Valéry de Montpellier, na França. Em 1994 lançou *J.G.R.: metafísica do Grande sertão* (Porto Alegre: Libretos, 1994). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Heloisa Vilhena de Araújo**: Diplomata com serviços prestados em Paris, Moscou, Londres, Roma, Santiago, dentre outras cidades. Escreveu o livro *O Roteiro de Deus – Dois estudos sobre Guimarães Rosa*. E mais: *As Três Graças; O Espelho; Palavra e Tempo*. Todos os trabalhos baseados na vida e obra de Guimarães Rosa. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Tânia Rebelo Costa Serra**: possui graduação com Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (1979); graduação com Licenciatura em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Brasília (1980); Mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília (1982), com a dissertação *Riobaldo Rosa. A vereda junguiana do grande sertão*, e doutorado/PhD em Literatura Brasileira pela New York University (1992), com a tese *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos. A luneta mágica do II reinado*. A professora é adjunto IV da Universidade de Brasília. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Carl Gustav Jung** (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Gaston Bachelard** (1884-1962): filósofo e poeta francês que estudou sucessivamente as ciências e a filosofia. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Gilbert Durand** (1921-2012): foi um professor universitário francês conhecido por seus trabalhos sobre o imaginário e mitologia. (Nota da **IHU On-Line**)

ção da forma e da temática literária em relação à tradição cristã. Salientam-se seus gestos subversivos contra todo tipo de conservadorismo moral e estético. O legado autoritário da relação entre teologia e literatura fez com que a crítica laica nunca veja em qualquer apreciação “religiosa”, “metafísica”, “mística” da literatura senão a sombra do rosto do carrasco noteador. Ela resiste a apreciar a poesia da mística: que exista alguma implicação entre as duas, disso ela prefere não se ocupar. A filosofia do século XX e XXI é crítica da transcendência, busca incansavelmente se desfazer, na medida do possível, de qualquer raiz metafísica, logo, se alguém defende a metafísica de uma obra ou autor, não pode esperar boa acolhida.

Como eu lido com isso? Faço de meu trabalho o verdadeiro lugar de discussão desse impasse. Por conseguinte, a antinomia da crítica de Rosa muito me interessa. Eu busco uma visada materialista e histórica dos traços de mística na literatura: não pretendo encontrar quintessências da verdade, antes, busco entender a correlação da rica história da mística, que meu grupo de pesquisa tem mapeado (Apophatiké - Grupo de Estudos Interdisciplinares em Mística), com a história da literatura moderna, e pensar demoradamente a respeito de suas implicações teóricas. No artigo de Bolle que citei, ele propõe “uma interpretação que tenta extrair dos signos esotérico-metafísicos uma compreensão histórica”, a partir de Benjamin¹⁰.

10 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagonistas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936), *Teses sobre o conceito de história* (1940) e a monumental e inacabada *Paris, capital do século XIX*, enquanto *A tarefa do tradutor* constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

A proposta está na introdução, e é prometedora. Mas não é o que ele faz ao longo do artigo: a fonte que ele seleciona para extrair a *Urgeschichte* arcaica é a filosofia da origem de Rousseau¹¹, e ela não representa “signos esotérico-metafísicos”.

Para lidar com esse campo, é imprescindível diferenciar muita coisa: o que é mito, o que é religião, o que é metafísica, o que é esoterismo, o que é mística, ou melhor, qual uso faremos dessas palavras, em que discussão e com qual objeto. Resumindo brevemente, podemos falar de mito para reconhecer narrativas de substratos pré-históricos orais; religião pode ser a fundação de uma doutrina estável institucional, já na idade da escrita; mística seria a renovação do fervor religioso dos fundadores da religião protagonizados por contemplativos apaixonados pelo divino; metafísica seria entendida no sentido não de conhecimento racional, mas de acesso gnóstico à realidade última; esoterismo seria a sabedoria secreta de iniciados num mistério, que se cristaliza numa doutrina.

Nessas definições possíveis, encontramos fenômenos sócio-históricos completamente diferentes, que precisam ser reconhecidos, delimitados, desencavados.

IHU On-Line – É possível identificar em Guimarães Rosa influências ou leituras de autores místicos?

Eduardo Guerreiro B. Losso
– Rosa, enquanto leitor e pensador, está profundamente interessado em

ra313. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriram um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-4-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

cada um desses períodos históricos e dos autores que o compõem, e de algum modo os mobiliza na obra, sem sombra de dúvida. Mas como? A crítica esotérica deu conta desse como? Penso que não e nesse sentido a crítica laica tem sua razão. Se a vertente esotérica dificilmente se sustenta num debate teórico pós-moderno, a crítica histórico-sociológica não impõe de fora seus pressupostos, antes encontra sociedade e história a partir do próprio texto, legado esse que Antonio Candido¹² estabeleceu e transmitiu para novas gerações. O trabalho pioneiro dele foi logo seguido de Walnice Nogueira Galvão¹³, Roberto Schwarz¹⁴,

12 **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, confira as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Walnice Nogueira Galvão** (1937): é uma ensaísta e crítica literária brasileira. Graduada em Ciências Sociais pela USP, em 1961, fez seu doutorado em Letras, escolhendo como tema para sua tese a obra de João Guimarães Rosa. A tese *As formas do falso - Um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas*, de 1970, foi seu primeiro livro. Em 1972, veio *No calor da hora - A guerra de Canudos nos jornais*, que lhe deu a livre-docência. Nota da **IHU On-Line**

14 **Roberto Schwarz** (1938): nascido em Viena, na Áustria. Crítico de literatura e cultura, poeta e dramaturgo. Mudou-se para o Brasil com a família, de origem judaica, no início de 1939, quando a Áustria foi anexada pela Alemanha. Nos anos 1950, conviveu com o também emigrado Anatol Rosenfeld (1912-1973), que foi seu mentor literário e filosófico. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP em 1960. Em 1958-1959, participou do Seminário Marx, que se organizou para estudar *O Capital*; o grupo era formado por José Arthur Giannotti,

Davi Arriguicci¹⁵, Heloisa Starling¹⁶, Willi Bolle, José Miguel Wisnik¹⁷, Susana Kampff Lages¹⁸ e Luiz Roncari¹⁹; saindo do perímetro marxista,

Fernando Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Jr., Francisco Weffort, Michael Löwy e Gabriel Bolaffi. Nos Estados Unidos, pós-graduou-se na Universidade de Yale sob a orientação de René Wellek, concluindo o mestrado em 1963, ano em que retornou ao Brasil, tornando-se assistente de Antonio Candido no Departamento de Teoria Literária da USP. Exilando-se em Paris em 1969, quando a repressão política aumentou após o golpe de 1964, doutorou-se em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Paris III (Université Sorbonne Nouvelle III) sob orientação de Raymond Cantel em 1976. Sua tese, intitulada *Ao vencedor as batatas*, trata da obra de Machado de Assis. Quando retornou ao Brasil, em 1978, começou a lecionar literatura e teoria literária na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, onde aposentou em 1992. Nesse período, sua atuação intelectual foi marcada por algumas polêmicas importantes, como a que travou com Augusto de Campos sobre o legado da poesia concreta. Alguns de seus mais significativos ensaios são publicados em língua inglesa em forma de livro e em importantes periódicos, como a *New Left Review*. Um dos últimos ensaios do crítico se ocupa, aliás, da repercussão internacional mais recente de Machado de Assis. Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. É autor de dois livros clássicos sobre Machado de Assis: *Ao vencedor as batatas* (São Paulo: Duas Cidades, 1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo: Duas Cidades, 1990). Publicou também *Pássaro na gaveta* (São Paulo: Massao Ohno, 1959), *A lata de lixo da história* (São Paulo: Paz e Terra, 1977; São Paulo: Companhia das Letras, 2014), *Os pobres na literatura brasileira* (São Paulo: Brasiliense, 1983), *A sereia e o desconfiado* (São Paulo: Paz e Terra, 1965), *Sequências brasileiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) e *Duas meninas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Davi Arriguicci Júnior** (1943): escritor e crítico literário nascido em São João da Boa Vista (São Paulo), professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo – USP, onde trabalhou de 1965 e 1996. Importante ensaísta, escreveu os livros *O escorpião encalacrado* (São Paulo: Cia das Letras, 2003), sobre Julio Cortázar, *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira* (São Paulo: Cia. das Letras, 1990), *O cacto e as ruínas* (São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997), sobre Manuel Bandeira, Murilo Mendes e o modernismo brasileiro) e *Coração Partido. Uma análise da Poesia reflexiva de Drummond* (São Paulo: Cosac & Naify, 2002). Foi aluno de Antonio Candido. Recebeu o Prêmio Jabuti pelo melhor livro de ensaios de 1979 (*Achados e Perdidos*) e o Prêmio APCA de 1987 (*Enigma e Comentário*). (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Heloisa Murgel Starling** (1956): historiadora e cientista política, é professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É autora de, entre outros, *Os senhores das gerais* (1986), *Lembranças do Brasil* (1999), *Brasil: uma biografia* (2015), com Lília Moritz Schwartz, e *República e democracia: Impasses do Brasil contemporâneo* (2017). (Nota da **IHU On-Line**)

17 **José Miguel Wisnik** (1948): músico, compositor e ensaísta brasileiro. É professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo – USP. Graduado em Letras (Português), mestre e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Autor de *O Coro dos Contrários – a Música em Torno da Semana de 22* (Duas Cidades, 1977); *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira* (Brasiliense, 1982); *O Som e o Sentido* (Companhia das Letras, 1989); *Sem Receita – Ensaios e Canções* (Publifolha, 2004); *Veneza Remédio: O Futebol e o Brasil* (Companhia das Letras, 2008); *Machado Maxixe: O Caso Pestana* (Publifolha, 2008). (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Susana Kampff Lages**: cursou o Bacharelado em Letras (Tradutor-Intérprete Inglês e Alemão) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1983) e é licenciada por complementação pedagógica em Língua Alemã (UFRGS/Universidade de Munique), tendo realizado Mestrado em Literaturas da Língua Portuguesa (1990) na UFRGS e doutorado em Comunicação e Semiótica – Literatura (1996) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou pós-doutorado na Universidade de São Paulo (2000-2001). Desde 2005 é professora de língua e literatura alemã da Universidade Federal Fluminense. Em 2003 recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Crítica literária pelo livro *Walter Benjamin, Tradução e Melancolia*, Edusp. Seu livro *João Guimarães Rosa e a saudade* foi indicado ao Prêmio Jabuti em 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Luiz Roncari**: é professor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. (Nota da

temos Eduardo Coutinho²⁰, Silviano Santiago²¹ e outros. Não há dúvida de que essa é a crítica que deu contribuições vigorosas para o entendimento de Rosa. A primeira segue as inquietações religiosas do autor e se perde nelas, a segunda se debruça na relação entre obra e sociedade e esclarece muitos aspectos de forma e fundo social de difícil compreensão. A ironia é que Rosa se queixou de quem queria reduzir seus anseios metafísicos a regionalismo, mas quem o seguiu em sua religiosidade foi mais infiel a sua obra do que quem trabalhou com as dimensões mais modestas de forma e contexto. Logo, a indisposição da segunda crítica com a primeira tem sua razão.

Mas ela perde a razão quando simplesmente despreza, descarta, dispensa, sistematicamente, qualquer estudo aprofundado do fenômeno religioso e especialmente místico, e elide qualquer ligação deste com a literatura moderna. A crítica laica não percebe que seu menosprezo da relação entre mística e literatura é o que mais contribui para a debilidade dos resultados de seus estudos, já que é especialmente ela que poderia contribuir para seu fortalecimento. O estado insatisfatório da maioria dos estudos sobre mística na literatura moderna parece que justificam o desdém dos pesquisadores laicos pelos religiosos, enquanto que, para mim, é prova de que se deveria levar tal campo a sério. Parece evidente que os laicos se interessam por assuntos laicos e místicos se interessam por assuntos místicos, enquanto que, a meu ver, dever-se-ia começar a se dar justamente o contrário: é preciso que um laico se interesse pelos pro-

blemas metodológicos e teóricos de assuntos místicos, é preciso que assuntos místicos sejam estudados em espaços públicos universitários, em vez de serem só vividos em espaços secretos e fóruns interiores.

Nesse sentido, eu me considero, digamos assim, iluminista: a crítica laica está viciada na rejeição atávica da mística, ela reitera seu tabu à mística a cada geração. O que é sagrado para a crítica esotérica, é profano e descartável para a crítica laica. Estamos diante de uma verdadeira polarização, construída e renovada nos espaços universitários durante muito tempo, cujo círculo vicioso não sai do mesmo ponto. E como vivemos em tempos de sociedade emburrecida, porque polarizada, meu trabalho intenta reagir não só à monstruosa polarização atual, como desenterrar essa antinomia fundamental da modernidade, que, inclusive, é essencial para entender a polarização política atual.

Então, diante do sistemático tabu da crítica laica à mística, eu me considero, sinceramente, iluminista: quero não defender a mística, mas estudar a mística, o que significa defender, sim, o estudo da mística. Quero, enfim, profanizá-la de verdade, pondo-a em discussão e dando a ela a dignidade que um objeto crucial merece. Quando a crítica laica apaga a mística, remove seus detritos de seu campo de visão, colocando-a de lado, ela reforça, justamente, a aura secreta do esotérico nos espaços sociais em que ele respira com fervor. *Sem querer querendo*, ela demoniza, academicamente, a mística, logo, mistifica-a fora da academia.

O pior da mística agradece. Estamos vendo isso em todo o ataque anti-intelectual ideológico à universidade, que possui bases esotéricas. René Guénon²² foi lido com igual fascínio por André Breton²³, Guimarães

IHU On-Line

20 **Eduardo de Faria Coutinho**: um dos mais renomados scholars em Literatura Comparada, Ph.D. pela Universidade da Califórnia, Berkeley, com participação destacada em congressos internacionais, é professor titular da disciplina na UFRJ, professor visitante em várias universidades do Brasil e do exterior e pesquisador nível 1A do CNPq. Membro da União Brasileira de Escritores – UBE, consultor científico de diversas agências de fomento à educação (CAPES, CNPq, FAPERJ, FUIJ), vice-presidente da Associação Internacional de Literatura Comparada – AILC/ICLA, membro fundador e ex-presidente da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) e ex-vice-presidente da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Também foi diretor-adjunto de Pós-Graduação na UFRJ e membro do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Silviano Santiago**: escritor brasileiro, ganhador do Prêmio Jabuti em 1997. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **René Guénon** (1886-1951): foi um intelectual francês do século XX tido por alguns como ‘inclassificável’. Sua influente obra não obstante isso pode ser classificada em três vertentes: a exposição da metafísica tradicional, a crítica ao materialismo e individualismo do mundo moderno e a explicação do simbolismo das civilizações tradicionais, em especial das civilizações hindu, chinesa, islâmica e cristã. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **André Breton**: criador do movimento artístico e literário conhecido como Surrealismo, surgido na França,

Rosa, Caetano Veloso²⁴, todos maravilhosos e... Olavo de Carvalho²⁵, essa pedra no meio do caminho da

no início do século XX. Em 1924, André Breton publica o Primeiro Manifesto Surrealista. A sua pretensão é conseguir a escrita automática, o fluxo do subconsciente liberado de todas as pressões sociais e culturais. A influência da psicanálise e das obras de Freud é evidente, e na sua base reside a ideia de conseguir mudar a sociedade. Para isso, a escrita deve ser pura, refletindo unicamente aquilo que pensamos, sem correções nem retificações impostas pela "autocensura" que todos exercemos. (Nota da **IHU On-Line**)

24 Caetano Veloso (1942): músico, produtor, arranjador e escritor nascido em Santo Amaro (BA). Com uma carreira que ultrapassa cinco décadas, Caetano construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação, considerada como de grande valor intelectual e poético. Começou sua carreira profissional em 1965, com o compacto *Cavaleiro/Samba em Paz*, enquanto acompanhava a irmã mais nova Maria Bethânia por suas apresentações nacionais do espetáculo Opinião, no Rio de Janeiro. Nessa década, conheceu Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé, participou dos festivais de música popular da Rede Record e compôs trilhas de filmes. Em 1967, saiu seu primeiro LP, *Domingo*, com Gal Costa, e, no ano seguinte, liderou o movimento chamado Tropicalismo, que renovou o cenário musical brasileiro e os modos de se apresentar e criar música no Brasil, através do disco *Tropicalia ou Panis et Circencis*, ao lado de vários músicos. Em 1968, por conta do recrudescimento da ditadura militar no Brasil, compôs *É proibido proibir*, música que foi desclassificada e vaiada durante o 3º Festival Internacional da Canção. Em 1969, foi preso pelo regime militar e partiu para exílio político em Londres, onde lançou o disco *Caetano Veloso* (1971), com temática melancólica e canções compostas em inglês e endereçadas aos que ficaram no Brasil. *Transa* (1972) representou seu retorno ao país e seu experimento com compassos de reggae. Em 1976, uniu-se a Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia para formar os Doces Bárbaros, grupo influenciado pela temática hippie dos anos 1970, lançando um disco, *Doces Bárbaros*, e saindo em turnê. Na década de 1980, apadrinhou e se inspirou nos grupos de rock nacionais, aventurou-se na produção dos discos *Outras Palavras*, *Cores, Nomes, Uns e Velô*, e, em 1986, participou de um programa de televisão com Chico Buarque. Na década de 1990, escreveu o livro *Verdade Tropical* (1997) e lançou o disco *Livro* (1998). Ganhou o Prêmio Grammy em 2000, na categoria World Music. Com o disco *A Foreign Sound*, cantou clássicos norte-americanos. Em 2006, lançou o álbum *Cê*, fruto de sua experimentação com o rock e o underground. Unindo estes gêneros ao samba, *Zi e Zê*, de 2009, manteve a parceria com a Banda Cê, que se encerrou no disco *Abragaço*, de 2012. É considerado um dos artistas brasileiros mais influentes desde a década de 1960. Em 2004, foi considerado um dos mais respeitados e produtivos músicos latino-americanos do mundo, tendo mais de 50 discos lançados. Foi eleito pela revista Rolling Stone o 4º maior artista da música brasileira de todos os tempos pelo conjunto da obra e pela mesma revista o 8º maior cantor brasileiro de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

25 Olavo de Carvalho (1947): não tem nenhum título acadêmico formal. Costuma ser apresentado como escritor, conferencista, ensaísta, jornalista, filósofo e ex-astrólogo nascido em Campinas (SP). É um dos principais nomes no discurso do conservadorismo brasileiro. Militou no PCB de 1966 a 1968, mas posteriormente decepionou-se com a ideologia e tornou-se anticomunista convicto. Trabalhou em revistas e periódicos, passando por veículos como Folha de S.Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época e Zero Hora. Atualmente escreve para o Diário do Comércio. Seu primeiro livro, *A imagem do homem na astrologia*, foi lançado em 1980. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* é de 2013 e vendeu algo próximo de 320 mil exemplares. Também escreveu *O Jardim das Aflições* (1995) e *O Imbecil Coletivo* (1996). Mora atualmente em Richmond, no estado norte-americano de Virgínia. Segundo ele, um dos motivos para sua mudança do Brasil para os Estados Unidos, em 2005, foi a chegada do PT ao poder. O cineasta pernambucano Josias Teófilo, dirigiu o documentário *O Jardim das Aflições*, que aborda a vida doméstica, biografia e filosofia de Olavo de Carvalho, rodado na residência dele nos EUA. O filme foi realizado com recursos captados através de financiamento coletivo e lançado em 2017. Ao todo foram quase 3 mil doadores e arrecadação de R\$ 320 mil. No festival Cine PE, realizado de 27 de junho a 3 de julho de 2017, *O Jardim das Aflições* foi premiado em três categorias: melhor montagem, júri popular e melhor filme. (Nota da **IHU On-Line**)

cultura brasileira. Swedenborg²⁶ foi lido do mesmo modo por quase todos os grandes escritores do século XIX. Não está na hora de prestarmos um pouco mais de atenção a eles e a tudo o que representam?

É costume da crítica laica achar que mística e esoterismo representam uma ala conservadora, resistente à modernidade e nostálgica de um passado feito de ordem e paz. Se grandes nomes da literatura gostam de mística, então esse seria o lado conservador deles. Não é bem assim. Há uma tendência conservadora, que vai desembocar em movimentos de extrema direita, e há uma tendência progressista, que vai resultar na contracultura. Círculos literários em que frequentavam Victor Hugo²⁷, Theophile Gautier²⁸, Baudelaire²⁹, Verlaine³⁰ e Mallarmé³¹, todo o movimento decadentista e simbolista e figuras posteriores como Kafka³² e

26 Emanuel Swedenborg (1688-1772): foi um polímata e espiritualista sueco, com destacada atividade como cientista, inventor, místico e filósofo. Desenhou uma "máquina de voar", fundou a primeira revista científica da Suécia, publicou obras em campos tão diversos como a geologia, a biologia, a astronomia e a psicologia, e deu origem a uma nova religião, o swedenborgianismo. (Nota da **IHU On-Line**)

27 Victor-Marie Hugo (1802-1885): escritor e poeta francês de grande atuação política em seu país. Escreveu *Les Misérables* e *Notre-Dame de Paris*, entre diversas outras obras. (Nota da **IHU On-Line**)

28 Pierre Jules Théophile Gautier (1811-1872): foi um escritor, poeta, jornalista e crítico literário francês. Enquanto Gautier foi um ardente defensor do Romantismo, sua obra é difícil de classificar e continua a ser um ponto de referência para muitas tradições literárias posteriores, como parnasianismo, simbolismo, modernismo e decadentismo. Ele foi amplamente valorizado por escritores tão diversos como Balzac, Baudelaire, os irmãos Goncourt, Flaubert, Proust e Oscar Wilde. (Nota da **IHU On-Line**)

29 Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da **IHU On-Line**)

30 Paul Marie Verlaine (1844-1896): é considerado um dos maiores poetas da Simbolismo francês. (Nota da **IHU On-Line**)

31 Stéphane Mallarmé (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé se utilizava dos símbolos para expressar a verdade através da sugestão, mais que da narração. Sua poesia e sua prosa se caracterizam pela musicalidade, a experimentação gramatical e um pensamento refinado e repleto de alusões que pode resultar em um texto às vezes obscuro. Seus poemas mais conhecidos são *L'après-midi d'un faune* (1876), *Herodiades* (1869) e *Un coup de dés* (1897). Outras obras importantes de Mallarmé são a antologia *Verso e prosa* (1893) e o volume de ensaios em prosa *Divagações* (1897). Mallarmé destacou-se por uma literatura que se mostra ao mesmo tempo lúcida e obscura. É, por isso, considerado um poeta difícil e hermético. Sobre Mallarmé, confira a entrevista *A quase-arte de Mallarmé*, concedida por André Dick, doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. (Nota da **IHU On-Line**)

32 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de

Hesse³³ participaram de movimentos progressistas, em que o meio literário e o meio esotérico estavam se misturando.

Isso sem contar que os maiores expoentes da literatura mística medieval e renascentista eram vistos pelos seus contemporâneos como perigosos, eram vituperados como *modernos*, e foram censurados (Eckhart³⁴), presos (João da Cruz³⁵) e até condenados à morte por isso (é especialmente o caso de Marguerite Porete³⁶, a mística beguina). O que outrora era extremamente contestador, para a época, foi pintado, tempos depois, como conservador, de tal modo

temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterradoras, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo "kafkiano" popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da **IHU On-Line**)

33 Hermann Karl Hesse (1877-1962): foi um escritor e pintor alemão, que em 1923 se naturalizou suíço. Em 1946 recebeu o Prêmio Goethe e, passados alguns meses, o Nobel de Literatura "por seus escritos inspirados que, enquanto crescem em audácia e penetração, exemplificam os ideais humanitários clássicos e as altas qualidades de estilo". (Nota da **IHU On-Line**)

34 Mestre Eckhart (1260-1327): nasceu em Hochheim, na Turíngia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois, para Eckhart Devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se "exercitar nas obras, que são seus frutos", mas, ao mesmo tempo, "deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras". Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as ideias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade "farisaica" de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente. Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema Místicas, conferir tema de capa da **IHU On-Line**, edição 133. (Nota da **IHU On-Line**)

35 João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567, encontrou-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe falou sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, iniciou a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675, foi beatificado por Clemente X. Canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952, foi proclamado Patrono dos Poetas Espanhóis. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

36 Marguerite Porete (1250-1310): foi uma mística francesa e autora de *O Espelho das Almas Simples*, uma obra de espiritualidade cristã sobre as relações com o Amor Divino. Ela foi queimada na fogueira por heresia, em Paris, em 1310, depois de um longo julgamento, depois de se recusar a retirar o seu livro de circulação ou retratar seus pontos de vista. O livro é citado como um dos principais textos da heresia medieval do Espírito Livre. (Nota da **IHU On-Line**)

que tanto conservadores religiosos quanto progressistas laicos passam a colaborar, juntos, lamentavelmente, para o esquecimento do elemento subversivo dos místicos. Em casos como o de Porete, inclusive, colaboraram no esquecimento de *mulheres* místicas, essenciais nessa história, contribuindo para o machismo estrutural do Ocidente. O pior da mística agradece.

Falta à crítica esotérica mais trabalho em torno do método, falta à crítica laica um pouco de autocritica e abertura de escuta, mesmo que seja escuta de sereias. Falta aos laicos, aos quais pertencem, uma visão mais antropológica das visões de mundo e práticas religiosas. Seus setores progressistas hoje estão começando a aceitar a legitimidade da visão de mundo mágica dos índios enquanto núcleo resistente à tecnocracia. O contato com tal alteridade radical mobiliza a desconstrução da hegemonia do pensamento ocidental. A sabedoria indígena se contrapõe ao conhecimento dominador.

Talvez esteja faltando agora prestar atenção à pretensão de sabedoria do Ocidente, que foi sempre rejeitada por ele próprio enquanto ilusão, mas que não deixou de fascinar seus escritores mais subversivos. A pretensão de sabedoria ocidental *é o verdadeiro outro do Ocidente dentro dele mesmo*. É curioso como muitos brasileiros seguem teorias antiocidentais vindas do próprio Ocidente, mas não tocam nesse monstro epistemológico muito ocidental repudiado por ele mesmo: a pretensão esotérica de sabedoria. Em outras palavras: se há legitimidade no estudo da sabedoria indígena, deve haver também para o estudo da sabedoria ocidental que foi rejeitada pela razão instrumental.

IHU On-Line – De que forma Guimarães Rosa expressa sua dimensão mítica?

Eduardo Guerreiro B. Losso – Há formas e formas de não ser estritamente racional, e a desconstrução filosófica faz de tudo para não criar uma mera oposição ilusória da ra-

zão. A crítica ou a desconstrução da razão não quer se aproximar de qualquer forma de negação da razão, e não quer especialmente se aproximar das modalidades místicas, ainda que ela não possa negar que tenha traços seus, especialmente da mística apofática, da teologia negativa. Ótimo. Mas “não se aproximar” significou, ao longo do tempo, rejeitar, descartar, elidir. Afinal, por que tanto receio em *tocar* nesse objeto tão perigoso? Parece que a própria energia de rejeição que a mística carrega diante do esclarecimento contém um potencial perigoso, que não pode ser despertado, não pode ser despertado justamente por aqueles que se dedicam à crítica da dominação. Há um verdadeiro pavor da crítica laica em fazer com que a crítica da razão recaia no mito, na mística, na promoção da sabedoria. Pois acho, justamente, que a defesa de Rosa do predomínio da dimensão metafísico-religiosa de sua obra tem a ver com o desejo dele de mexer com esse perigo, já que, se tem alguém que gosta de perigos, é ele.

Diante desse pavor, travestido de ironia e menosprezo, da crítica laica à mística, a crítica tem sido muito pouco crítica, e muito mais mística (no pior sentido da palavra), diante da mística. Se há perigo na mística, então, repito, sejamos iluministas, não acadêmicos afetados, apavorados, escapadiços.

Só dando à mística algum espaço dentro dos fenômenos dignos de consideração é que será possível examinar e avaliar qual a significação dela para territórios teóricos complexos.

Vale observar que o estudo do mito é bem mais abrangente do que o da mística, logo, não é objeto dessa evitação. Porém, quando não se vê a especificidade da mística e do esoterismo dentro do campo religioso, confunde-se mística com mito, e esse é um erro grave, penso eu.

No caso das interpretações de narrativas rosianas, a crítica pode encontrar substratos míticos em diversos momentos. Muitos citam o trabalho pioneiro e até hoje central de Suzi Sperber sobre as leituras religiosas, místicas e esotéricas de Rosa em

Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa (São Paulo: Duas Cidades, 1976). O que ela produziu sai da polarização que construiu aqui de crítica esotérica e laica: ela examinou os trechos sublinhados dos livros da biblioteca do autor, comparou com a obra e encontrou diversos elementos interessantes, com muito critério e cuidado, mostrando como Rosa se serviu livremente dessas leituras, sem que elas possam ser vistas, de modo nenhum, como chave dos textos.

Já o volumoso livro *Ficção e razão: uma retomada das formas simples* (São Paulo: Editora Hucitec, 2009) é um trabalho considerável em torno das ocorrências de formas simples na literatura, e teoriza sobre seu fundamento oral, no qual Rosa mergulhou como poucos. Para ela, a virtualidade dos universais é operada por uma pulsão de ficção, presente na mentalidade infantil, na conversação e na vida cotidiana. A ficção atualiza tais universais (o imaginário, a simbolização e a fabulação), que estão impregnados de saberes ancestrais, inatos, fruto de um longo processo filogenético; logo, os universais, que comparecem diferentemente em cada forma simples, não são transcendentais, não são essências, são históricos. Esse é um modo vigoroso de tratar o mito não como criptografia de um saber eterno, mas como parte de um processo temporal de longa duração.

Os problemas metodológicos com que Suzi Sperber se defrontou em *Caos e cosmos* foram extensamente aprofundados em *Ficção e razão*.

É necessário acrescentar que não há só a oposição entre crítica esotérica e laica, predominante nos estudos de Rosa. Dentro da área de teologia se valoriza, mesmo que com resistências, o estudo de autores que se tornaram ‘doutores místicos’ da Igreja, que foram inclusive canonizados, como Bernardo de Claraval³⁷,

³⁷ **Bernardo de Claraval** (1090-1153): conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de *Fontaine-les-Dijon*, perto de Dijon, na Borgonha, França. Aos 22 anos foi estudar teologia no mosteiro de Cister. Em 1115 fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica demonstrava grande fé em Deus serviu à igreja católica apoiando as autoridades ecle-

Teresa de Ávila³⁸, João da Cruz. Eles fazem parte do tesouro do saber teológico. Já o caso do ocultismo e o esoterismo é outro. Talvez eles sejam parcialmente reconhecidos no seu despontar renascentista, especialmente em casos como o do filósofo protestante Jakob Böhme³⁹, mas são rechaçados quando explodiram na França e foram mais influentes na literatura, isto é, no século XIX. Isso significa que, se a crítica laica dispensa a mística e o esoterismo, a crítica teológica cuida de sua mística, e por isso mesmo ela é considerada de alto nível, mas recusa o esoterismo. A área de Ciência da Religião, que cresceu no Brasil nos anos 1990 e hoje tem alguns departamentos espalhados pelo país, a rigor deveria dar conta de todos os fenômenos religiosos na sua pluralidade, porém, como a maioria dos seus professores foi formada pela teologia, ela não chega a se ocupar desse setor de manifestações religiosas.

Existe um problema que considere dramático nas áreas das ciências humanas mais especulativas: parece que a escolha de um objeto de estudo necessariamente sempre implica na adesão a ele. Pesquisadores passam a ser defensores dos autores que estudam e, mesmo quando exercitam a crítica de suas posições políticas, é para melhor defender o valor literário e filosófico. O que falta é um senso mais abrangente de história intelectual: mapeamento de tendências, correntes, zonas de influência

e intertextualidade, contaminações ou choques entre meios literários e religiosos. Quando Octavio Paz⁴⁰ afirma, seguindo Breton, que o esoterismo foi determinante para muitos escritores, e que o conceito de *analogia*, central para sua teoria da poesia moderna, não vive sem ele, a crítica laica deixa tal aspecto da reflexão do teórico mexicano de lado, enfim, mais uma vez, evita, elide, dispensa. Seria desejável abandonar os fervores ideológicos de correntes e filosofias, e estudar um pouco mais o campo intelectual com menos impulsos de repúdio e adesão, que, repito, no fundo traem atitudes curiosamente religiosas dentro da arena dos combates intelectuais.

Logo, minha defesa do estudo da mística, que é realmente de alto nível teológico e literário, é também uma defesa do estudo do esoterismo, seja ele valorosamente interessante ou não. O valor do esoterismo deveria ser posto em suspenso. Ocupemo-nos de história intelectual, depois, se for o caso, pensemos com muita calma questões de valor, que, no caso do esoterismo, vão tocar na ostentação da ilusão, que encanta os ingênuos e irrita profundamente os desconfiados. Minha questão não é discutir o valor disso ou daquilo, é discutir os problemas do próprio conceito de valor nas violentas contendas entre literatura e religião.

O esoterismo é o patinho feio de todas as áreas do conhecimento, e carece de qualquer reconhecimento na academia: filosófico, moral, estético. Ele é um produtor e reproduzidor de mitos, não há dúvida, mas é mais do que isso: é um sistematizador de mitologia. Propõe grandes sínteses de todas as religiões e saberes, buscando a verdade eterna subjacente. Guimarães Rosa, que se considerava eclético (Sperber insiste nisso), está interessado tanto na mística quanto no esoterismo. As famosas epígrafes

dele são predominantemente de místicos (um proto-místico, Plotino⁴¹, e um místico flamengo, Ruysbroeck⁴²). Mas na biblioteca comparecem, além dos místicos centrais – Eckhart, Teresa e João da Cruz –, grandes nomes do esoterismo, tanto os renascentistas e barrocos, como Paracelso e Böhme, que, como eu disse, ainda são um pouco levados em consideração, como os iluminados (século XVIII) e modernos (XIX e XX), Swedenborg e Guénon – por quem, segundo relatos, ele nutria grande admiração.

Walter Benjamin escreveu, no seu ensaio sobre o surrealismo, um trecho impressionante: “Seria o momento de pensar numa obra que como nenhuma outra iluminaria a crise artística, da qual somos testemunhas: uma história da literatura esotérica. Não é por acaso que essa história ainda não existe”. O máximo da ironia é que ele tenha sonhado com essa obra para esclarecer a crise da arte do seu tempo, e que passagens como essa continuem sendo soberanamente ignoradas pelos mais dedicados benjaminianos, tão exegetas de sua obra quanto os rosianos.

Cabe a pergunta: essa obra foi realizada? Não por benjaminianos, mas foi, sim. Há historiadores do esoterismo *que não são esotéricos*, isto é, são professores laicos, não iniciados, que examinam o fenômeno ao longo da história e estudam suas ocorrências e relações interdisciplinares com outras áreas. Cito dois: Antoine Faivre⁴³, mais velho, que foi inclu-

siásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disto favoreceu a criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da **IHU On-Line**)

38 **Teresa de Ávila** (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa – A Santa Apaixonada*, (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus – “Livro da vida”* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). A edição 460 da revista **IHU On-Line**, sob o título *A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários*, analisa a legado de Merton. Confira em <https://goo.gl/jOXIO>. (Nota da **IHU On-Line**)

39 **Jakob Böhme** (1575-1624): filósofo e místico alemão, por vezes grafado como Jacob Boehme. Tendo sido educado como luterano, trabalhou como sapateiro em Görlitz. (Nota da **IHU On-Line**)

40 **Octavio Paz** (1914-1998): poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século 20 e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

41 **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstatas: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da **IHU On-Line**)

42 **Jan van Ruysbroeck**: chamado “o Admirável”, foi um místico belga, de expressão flamenga, nascido em 1293, na aldeia que lhe deu o nome, nas proximidades de Bruxelas. Depois de estudos em Bruxelas, Jan van Ruysbroeck foi ordenado sacerdote em 1317. Ali permaneceu a serviço da catedral de Santa Gúdula. Por volta dos seus 50 anos se retirou para uma ermida numa floresta, acompanhado por seu tio e outros amigos. Ali iniciaram uma vida austera, meio eremítica e meio conventual, alternando a oração com o trabalho. Ao ser organizada a comunidade em mosteiro regular, foi eleito seu primeiro Prior, em 1350, fato que gerou ao mesmo tempo sua grande influência. Ruysbroeck era procurado por inúmeras pessoas procurando orientação espiritual e mística. (Nota da **IHU On-Line**)

43 **Antoine Faivre** (1934): é um proeminente estudioso

sive traduzido para o português, e Wouter Hanegraaff⁴⁴, mais novo, da Universidade de Amsterdam, que ocupa a cadeira de História da Filosofia Hermética. O trabalho acadêmico de Hanegraaff é uma das melhores novidades que surgiram nos últimos vinte anos a esse respeito. Como se vê, lá fora o Ocidente, que tanto rejeitou o seu outro dentro dele mesmo, está mudando.

Há muito o que estudar, no Brasil, não só sobre espiritismo, que geralmente é a manifestação mais visível, mas também diversos tipos de mesianismo, especialmente o sebastianismo, que está presente de algum modo em Rosa e vai se desdobrar em Glauber Rocha⁴⁵ e Caetano, a par-

tir de leituras do filósofo português Agostinho da Silva⁴⁶, que é um personagem extremamente interessante nessa história. Sperber se ocupa das possíveis raízes judaicas no Brasil e do sabastianismo em *Caos e cosmos*. Há também um simbolista brasileiro central da minha pesquisa, chamado Dario Vellozo⁴⁷, que fundou o Instituto Neo-Pitagórico – cujas publicações encontravam-se na biblioteca de Rosa – e foi extremamente atuante na maçonaria curitibana.

Fora Suzi Sperber, na crítica de Rosa, há alguém, no Brasil, que trabalhou a relação entre mística, esoterismo e literatura moderna com rigor historiográfico e teórico? Por incrível que pareça, tenho uma resposta afirmativa para essa pergunta. O livro *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e poesia moderna* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010), de Claudio Willer⁴⁸, de 2010, grande poeta e tradutor, é uma verdadeira história bem detalhada da presença do gnosticismo na poesia moderna, tanto europeia quanto brasileira. Tal livro foi seguido de outro, *Os rebeldes. Geração Beat e anarquismo*

(Porto Alegre: L&PM, 2014), sobre a influência da mística em geral nos *beats* americanos. Os dois volumes são um bom modelo de pesquisa historiográfica da relação entre autores, movimentos poéticos e místicas, com ênfase específica no braço mal-dito, contestador, vanguardista da mística e da poesia. Os dois livros de Willer são a prova definitiva de que relação entre mística e poesia não pode ser associada imediatamente a conservadorismo.

IHU On-Line – Que mística há em Grande sertão: veredas? De que ordem? Como se expressa? E qual a importância de ler e reler a obra de Guimarães Rosa no Brasil atual?

Eduardo Guerreiro B. Losso – Toda. Em tempos de polarização política e consequente emburrecimento dos extremos, seria bom aprendermos algo mais com figuras de alto nível que circularam espaços que não se comunicavam; circulavam não só, como a melhor crítica de Rosa tanto insiste, entre o espaço não letrado e o letrado, reunido de maneira peculiar na figura do jagunço-letrado que é o Riobaldo, mas também entre espaços sociais e ascéticos, como foi o caso do pai e do filho de *A terceira margem do Rio*, que analisei num artigo. Em tempos de ensimesmamento em celulares, a questão da ascese retorna com toda atualidade inaudita, e minha leitura de Rosa tentou mostrar que ele refletiu profundamente sobre isso, em seu tempo.

Há muitas releituras de Rosa reatualizando seu legado, especialmente no teatro. Mas vou salientar duas de outros campos: uma na música e outra na crítica. Na música, Thiago Amud⁴⁹, no disco *Sacradança* (2010) contém a canção intitulada “Regonguz”, cujo termo vem de “Recado do morro”, de Corpo de baile. A introdução simula um mantra de monge tibetano, que dá lugar a um baião, no qual a melodia se forma de notas de altura contrastante, dando

francês do esoterismo ocidental. Até sua aposentadoria, ele ocupou uma cadeira na École Pratique des Hautes Études na Sorbonne, professor universitário de estudos germânicos na Universidade de Haute-Normandie, diretor dos Cahiers del Hermétisme e da Bibliothèque de l'hermétisme. Fèvre foi o primeiro a definir o esoterismo ocidental como um campo de estudo acadêmico interdisciplinar. Foi membro fundador e atualmente membro honorário da Sociedade Europeia para o Estudo do Esoterismo Ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁴ **Wouter Jacobus Hanegraaff**: é professor titular de História da Filosofia Hermética e correntes relacionadas na Universidade de Amsterdã, na Holanda. Ele serviu como o primeiro presidente da Sociedade Europeia para o Estudo do Esoterismo Ocidental de 2005 a 2013. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁵ **Glauber Rocha** (1939-1981): cineasta brasileiro, ator e escritor nascido em Vitória da Conquista, na Bahia. Realizou seu primeiro filme, o curta-metragem *Pátio*, em 1959, ao mesmo tempo em que ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, atualmente Universidade Federal da Bahia. Durante o curso, conheceu a colega Helena Ignez, com quem se casou. Em 1961, abandonou a faculdade para iniciar uma breve carreira jornalística, em que o foco era sempre o cinema. Ele se propunha a fazer uma arte engajada ao pensamento e pregava uma nova estética, uma revisão crítica da realidade. *Barravento* (1962) foi seu primeiro longa-metragem. Antes dele, dirigiu vários curtas, ao mesmo tempo que se dedicava ao cineclubismo e fundava uma produtora cinematográfica. Os três próximos longas, *Deus e o diabo na terra do sol* (1963), *Terra em transe* (1967) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), são paradigmáticos. Neles, faz forte crítica social se alia a uma forma de filmar que pretendia cortar radicalmente com o estilo importado dos Estados Unidos. Essa pretensão era compartilhada pelos outros cineastas do Cinema Novo, corrente artística liderada principalmente por Rocha e grandemente influenciada pelo movimento francês Nouvelle Vague e pelo Neorealismo italiano. Glauber foi um cineasta controvérsico e incompreendido no seu tempo, além de ter sido patrulhado tanto pela direita como pela esquerda brasileira. Tinha uma visão apocalíptica de um mundo em constante decadência, e toda a sua obra denotava esse seu temor. Com *Barravento*, foi premiado no Festival Internacional de Cinema de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia, em 1964. Um ano depois, com *Deus e o diabo na terra do sol*, conquistou o Grande Prêmio no Festival de Cinema Livre da Itália e o Prêmio da Crítica no Festival Internacional de Cinema de Acapulco. Com *Terra em transe*, tornou-se reconhecido, conquistando o Prêmio da Crítica do Festival de Cannes, o Prêmio Luis Buñuel na Espanha, o Prêmio de Melhor Filme do Locarno International Film Festival e o Golfinho de Ouro de melhor filme do ano, no Rio de Janeiro. Outro filme premiado de Glauber foi *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, prêmio de melhor direção no Festival de Cannes e, outra vez, o Prêmio Luiz Buñuel na Espanha. Era vítima pela ditadura militar, que se instalou no país com o golpe de 1964, como um elemento subversivo. Em 1971, com a radicalização do arbítrio, Glauber partiu para o exílio. Em 1977, viveu seu maior trauma: a morte da irmã, a atriz Ancy Rocha, que, aos 34 anos, caiu em um fosso de elevador. Glau-

ber morreu com 42 anos, vítima de septicemia (choque bacteriano, conforme o atestado de óbito, provocado por broncopneumonia que o atacava havia mais de um mês) em uma clínica no Rio de Janeiro, depois de ter sido transferido de um hospital de Lisboa, onde permaneceu 18 dias internado. Residia há meses em Sintra, cidade de veraneio portuguesa, e se preparava para fazer um filme, quando começou a passar mal. Em 2014, documentos revelados pela Comissão da Verdade indicaram que o governo militar pretendia matar Glauber no exílio. Em relatório da Aeronáutica que veio à tona, o cineasta era descrito como um dos líderes da esquerda brasileira. A monitoração era feita através de entrevistas que ele concedia a publicações europeias, criticando o governo militar e a repressão, o que era considerado um “violento ataque ao país”. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁶ George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994): foi um filósofo, poeta e ensaísta português. O seu pensamento combina elementos de panteísmo, milenarismo e ética da renúncia, afirmando a Liberdade como a mais importante qualidade do ser humano. Agostinho da Silva pode ser considerado um filósofo prático empenhado, através da sua vida e obra, na mudança da sociedade. Passou considerável tempo de sua vida no Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁷ **Dario Persiano de Castro Vellozo** (1869-1937): foi um poeta e escritor brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁸ **Claudio Jorge Willer** (1940): é um poeta, ensaísta, crítico e tradutor brasileiro. Graduado em Psicologia pela USP e em Ciências Sociais e Políticas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Obteve o título de Doutor em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com a tese “Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna”. Completou pós-doutorado em 2011, também em Letras na USP, com ensaios sobre o tema “Religiões estranhas, misticismo e poesia”. Como poeta, Willer distingue-se pela ligação com o surrealismo e a geração beat. Ao lado de Sergio Lima e Roberto Piva, é um dos únicos poetas brasileiros a receber menção do periódico francês La Brèche - Action Surrealiste, dirigida por André Breton em fevereiro de 1965. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁹ **Thiago Amud** (1980): cantor, compositor, arranjador e violonista brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

um caráter interrogativo e enigmático. A letra explica que o sentido da palavra pode ser uma espécie de fantasma que aparece no meio da poeira do redemoinho, ou pode ser a própria “alrunha do capeta”. Na verdade, os dois sentidos se reúnem, e remetem à famosa passagem de *Grande sertão: veredas*, “O diabo na rua, no meio do redemoinho”. A partir daí a letra divaga sobre a questão da origem da linguagem, de sua potência criadora, com a qual a crítica muito se ocupa e que está indissociada da prática inventiva de Rosa. O disco *Sacradança* é quase todo sombrio, antecipa, inclusive, muito do que estamos passando hoje em dia. Contudo, essa canção, mesmo falando de capeta, é um momento mais afirmativo. Nesse caso, podemos dizer que sua tensão dialética com a totalidade do disco e com os impasses rosianos é rica.

A segunda releitura está no livro de Danielle Corpas⁵⁰ que acabou de ser lançado, *Armas & Letras: e outros ensaios sobre Guimarães Rosa* (São João do Meriti: Desalinho, 2019). Seguindo a melhor tradição da crítica que Bolle chamou de histórico-sociológica, Danielle relê os ensaios de Antonio Candido sobre Rosa que encontram em Riobaldo características luminosas, a “dignidade da lucidez”, bem como o encantamento da linguagem, elementos que foram salientados como positivos por toda a crítica posterior. Podemos abrir

50 **Danielle dos Santos Corpas**: professora Associada de Teoria Literária no Depto. de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, docente do PPG em Ciência da Literatura da UFRJ. Graduada em Português-Literaturas pela Faculdade de Letras da UFRJ, onde também concluiu o mestrado (Literatura Comparada) e o doutorado (Teoria Literária). Integrante do Grupo de Pesquisa Formação do Brasil moderno: literatura, cultura e sociedade. (Nota da **IHU On-Line**)

um parêntese e dizer que a crítica esotérica, especialmente, gosta de atribuir ao brilho da linguagem uma chispa redentora e atribuir ao Rosa toda uma operação de regeneração espiritual, que inclusive não diferencia muito Deus de Diabo. Já muitos críticos laicos, como Candido e Arrighucci, dos quais Danielle se ocupa, veem nas indagações de Riobaldo amostras de esclarecimento.

O que a professora aponta é que tal perspectiva positiva se cega para certas malícias do romancista. Para ela, Riobaldo se vale de toda uma retórica de engambelamento do leitor que busca a justificativa individualista de feitos suspeitos. Há uma *força coativa* desse narrador que ganha suas prerrogativas tanto frente a jagunços quanto frente a letrados. A crítica, nesse caso, cai nas armadilhas desse jagunço-letrado do mesmo modo que um leitor despreparado. Por isso, é necessário desconfiar desse proprietário de terras, pois ele é tão malicioso quanto o narrador machadiano, destrinchado por Roberto Schwarz. Danielle toma a seu favor um ensaio brilhante de José Antonio Pasta⁵¹, de 1999, *O romance de Rosa: temas do Grande sertão e do Brasil*, sobre uma certa capacidade hipnótica do romance de encantar o leitor, concebendo sua alteridade e suprimindo-a enquanto tal, como o rosto da Medusa o faz com seus admiradores incautos. Vale observar que Pasta usa um mito para pensar o

51 **José Antonio Pasta Júnior**: professor de Literatura Brasileira na USP, com doutorado na mesma área pela USP e mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada também pela USP. Pós-Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. (Nota da **IHU On-Line**)

processo dialético complexo, que ele chama de *formação supressiva*. Danielle segue a dialética envenenada de Schwarz e Pasta para mostrar como tal força coativa orienta o desejo ilusório dos leitores a acreditarem na idealização do jagunço, nos mitos, nas crenças religiosas (como o espiritismo) e nas boas intenções do narrador. No fundo, todos ignoram as velhas relações de poder que ordenam a sociedade brasileira, baseadas em mandonismo e modernização conservadora, surrupiadoras da autonomia individual.

A tese é forte e segue o projeto de desencantamento das “sereias” do Brasil, feito por esse pensador desconfiado que é Roberto Schwarz. Como se vê, os frutos da crítica desmistificadora estão maduros, avançando a todo vapor, e ainda bem. Ao contrário da face inocente da linguagem encantada, há um *regonguz demoníaco* por trás. Desencantar o encantamento é tarefa da crítica, pois o demônio dos autoritarismos, coações e supressões da individualidade estão por aí, à solta, com armas e letras.

Resta saber até que ponto essa secularização do demoníaco, visto pelos desencantados, não tem também algo de mítico, religioso e encantador, a seu modo. Resta saber se o desencantamento também não tem o seu encanto verbal – mefistotélico, medúsico, sirênico.

O que é melhor: tampar os ouvidos e não ouvir sereias, para não ser capturado por elas, ou prender-se num mastro e ouvir o seu terrível canto?

Onde estará o mastro da crítica? ■

Leia mais

- **A necessidade de reconhecer o mal no humano para enfrentá-lo**. Entrevista Especial com Eduardo Guerreiro B. Losso, publicada na revista IHU On-Line, nº 534, de 15-4-2019, disponível em <http://bit.ly/2Nfe2jh>.

Multiplicidade de Rosa

Terezinha Maria Scher Pereira versa sobre as abordagens que compõem a literatura do autor de *Grande sertão: veredas*

Ricardo Machado

A riqueza da obra rosiana está em sua multiplicidade de abordagem das questões humanas. “No *Grande sertão: veredas*, o processo é uma reflexão filosófica, existencial, para pôr em questão o panorama cultural da razão moderna, no momento do processo desenvolvimentista do Brasil do século XX. Já *Meu tio o Iauaretê* mostra uma espécie de ‘superação’ do regionalismo, contribuindo para se pensar a própria formação da América Latina através da diferenciação”, propõe a professora e pesquisadora **Terezinha Maria Scher Pereira**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

A obra de Rosa “produz tensionamento, na medida em que põe em suspenso

o mito da ‘razão como panaceia de todos os males’, para usar uma expressão de Merquior”, avalia a professora. “Pela invenção da linguagem que acompanha todo um movimento de renovação do gênero, que se dá nesse momento no Ocidente”, complementa.

Terezinha Maria Scher Pereira possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutorado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atualmente é professora adjunta da UFJF.

Confira a entrevista.

56

IHU On-Line - Como o ser, do ponto de vista da literatura, se revela nos diálogos de Guimarães Rosa?

Terezinha Maria Scher Pereira – Em *Grande sertão: veredas*, trata-se de um ser que duvida e que pergunta. É angustiado por causa da divisão de seus afetos. Em *Meu tio o Iauaretê* já temos um ser em metamorfose, cuja linguagem vai, aos poucos, se transformando de humana em animal.

IHU On-Line - Os narradores em *Grande Sertão: veredas* e

***Meu tio o Iauaretê*, diferem-se à medida que o primeiro se orienta por meio da dúvida existencial e o segundo por meio da metamorfose. Como caracterizar cada um dos processos?**

Terezinha Maria Scher Pereira – No *Grande sertão: veredas*, o processo é uma reflexão filosófica, existencial, para pôr em questão o panorama cultural da razão moderna, no momento do processo desenvolvimentista do Brasil do século XX. Já *Meu tio o Iauaretê* mostra uma espécie de “superação” do re-

gionalismo, contribuindo para se pensar a própria formação da América Latina através da diferenciação. Metamorfosando o local em “outra coisa”, temos o que Antonio Candido¹ chama de super-regionalismo.

¹ **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de

“No *Grande sertão: veredas*, o processo é uma reflexão filosófica, existencial, para pôr em questão o panorama cultural da razão moderna”

IHU On-Line - Pode-se dizer que a literatura de Guimarães Rosa é iconoclasta? Em que sentido? Por quê?

Terezinha Maria Scher Pereira – Sim. Principalmente na renovação da linguagem e no modo provocativo de pensar o Brasil nas suas instituições republicanas.

livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como a nossa literatura produz, nesse sentido, tensionamentos à racionalidade ocidental, compreendida como os modelos de pensamento de matriz europeia?

Terezinha Maria Scher Pereira – Produz tensionamento, na medida em que põe em suspenso o mito da “razão como panaceia de todos os males”, para usar uma expressão de Merquior.

IHU On-Line - De que modo se dá a construção do latino-americanismo na obra de Guimarães Rosa?

Terezinha Maria Scher Pereira – Pela superação do regionalismo, que é uma tradição literária tanto do século XIX, quanto do Romance de 1930.

IHU On-Line - De que maneira as linguagens rosianas produzem, então, uma performance

latino-americana e, ao mesmo tempo, rompem com as tradições ocidentais da representação?

Terezinha Maria Scher Pereira – Pela invenção da linguagem que acompanha todo um movimento de renovação do gênero, que se dá nesse momento no Ocidente.

IHU On-Line - Qual a importância de ler e reler a obra de Guimarães Rosa no Brasil atual?

Terezinha Maria Scher Pereira – O Brasil atual ainda se vê à volta com as mesmas grandes questões das quais a literatura de Rosa tratou.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Terezinha Maria Scher Pereira – O caráter renovador e até revolucionário da literatura de Rosa continua, portanto, pertinente no Brasil de hoje. ■





Reprodução de cena do filme *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar*.

58

O imperativo das imagens

João Ladeira

“Denúncias sobre trabalho abusivo são indispensáveis, mas um Concerto de Bach no lugar da máquina ensurdecadora não soluciona os dilemas de *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar*”, escreve João Ladeira.

Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar (sinopse): Na cidade de Toritama, em Pernambuco, considerada um centro ativo do capitalismo local, mais de 20 milhões de jeans são produzidos anualmente em fábricas caseiras. Orgulhosos de serem os próprios chefes, os proprietários destas fábricas trabalham sem parar em todas as épocas do ano, exceto o carnaval: quando chega a semana de folga, eles vendem tudo que acumularam e descansam em praias paradisíacas.

Eis o artigo.

Aparentemente, pareceria simples escrever sobre *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar* (2019, de Marcelo Gomes). O caminho mais certo seria reafirmar aquilo que o próprio filme diz. Pois ninguém duvidou que se trata de um retrato preciso sobre nosso tempo, numa imagem não muito satisfeita com o que viu.

A obra narra um mundo de flexibilidade radical no trabalho. Para isso, usa como cenário não algum polo *high-tech* do Vale do Silício, mas a improvável Toritama, localidade no interior

“Seria necessário que, através das imagens, surgissem mais que denúncias.”

de Pernambuco, parte de um arranjo mais extenso para a produção e venda de jeans no Alto Capibaribe.

Ficamos todos estupefatos com os 20% da produção nacional de tal tecido pela qual a região é responsável. O custo humano pareceu não menos estupefacente. Sem CLT ou Carteira de Trabalho, assistimos aos trabalhadores de Toritama durante imensas jornadas de 14 horas diárias.

O caminho mais curto seria escrever sobre a barbárie das relações *à lá* século XIX em plena pós-modernidade. Viriam à mente os riscos das reformas trabalhistas que estão aí virando a esquina. É tudo verdade, mas escrever assim seria produzir um decalque, repetindo tudo que já se sabe. Como resultado, estaríamos trocando uma discussão sobre o filme por uma análise semelhante àquela que, motivada pelo documentário, Fábio Zanini publicou na *Folha de S. Paulo*. Como resultado, estaríamos frente a um bom relato jornalístico ou a uma discussão sociológica relevante.

Estou preso à vida...

Curioso que o próprio filme não se proponha a isto. Ele não se debruça sobre as razões que transformaram Toritama na Manchester do Agreste. Seu interesse está nas pessoas, e, por isso, a obra se divide claramente em duas partes.

Inicialmente, vemos o interminável esforço de homens e mulheres, jovens e velhos que costuram, tingem, cortam, retocam e finalizam jeans. Em certo momento, o narrador nos conta o quanto se sente próximo àquela rotina; ele que, também, tanto depende do tempo alheio para contar suas histórias. Aí começa o ponto que o filme tangencia, sem seguir.

Outra parte acontece durante o carnaval. Sabemos que ali, como em tantas partes do Brasil, é comum fugir quando a festa chega. Cada um vende qualquer coisa para levantar um dinheiro e escapar para a praia. Mas uma família falha nesse projeto, e os cineastas financiam suas férias em troca de imagens sobre tais dias.

Então, vemos o carnaval através das câmeras cedidas pelos personagens, num filme dentro do filme produzido por trabalhadores que deveriam estar em descanso.

...e olho meus companheiros

Há ousadia em transformar o lazer dos personagens naquilo sem o qual não se poderia finalizar o documentário. O tempo na praia seria o único momento liberto da labuta, não fosse a intervenção dos cineastas, transformando tal instante num produto para outrem.

Uma contradição? Estaria Gomes explorando um trabalho que, como parece, o incomoda profundamente? Dizer isso seria afirmar um absurdo. De tão esdrúxulo, esse comentário só cabe nesse texto para ser rapidamente afastado.

O filme não existiria sem essas imagens, assim como nosso tempo seria outro sem essas relações intermináveis de trabalho. Como escapar disso? Afinal, com exceção de um homem que tange cabras e uma senhora que ainda se re-



Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar (2019), de Marcelo Gomes).

corda do coletor de impostos que era o pai de Gomes, ninguém parece se incomodar com tanta labuta.

Barthes uma vez disse que o artista em férias era um retrato invertido do trabalhador. Enquanto para todos o esforço é um fardo, para um Gide passeando no Congo o suor corria mesmo quando não era necessário. Isso o mantinha próximo, e sempre distante, do homem comum.

Por si só, Toritama já seria o oposto disso. Mas o caso parece ainda mais complexo. Pois essa era uma crítica de quando certas contradições pareciam solucionadas pelo *welfare state*. Esse tempo se foi. Para nossos personagens, soaria absurdo o industrialismo do século XX ou a sociedade afluyente do pós-guerra.

Em busca de imagens

Mas se a questão fosse apenas essa, ficaríamos com o texto de Zanini, que nos conta sobre a Nova Direita Brasileira lá e em Santa Cruz do Capibaribe, distante 20 Km de Toritama. Sabríamos que essa primeira foi a única cidade de Pernambuco em que Bolsonaro venceu nos dois turnos da eleição, com 54% dos votos na reta final.

Isso seria analisar um filme como um comentário sobre o mundo. *Estou me Guardando* mais se aproxima ao episódio *Photos et Cie/Marcel*, de *Six fois deux* (1976, de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville), na longa discussão sobre o valor de uma imagem. Sua fraqueza se torna que Gomes apenas toque essa questão ao invés de explorá-la nas suas profundezas.

Pois o trabalho sem qualquer direito criou outra forma de vida, amplamente aceita, admirada pela energia concedida a um indivíduo que supõe não dever nada a ninguém. Discorrer sobre direitos sociais levaria o sujeito a rir na sua cara. Falar em consciência de classe o faria chamar o Exército e clamar por intervenção.

Apenas outra forma de vida poderia se contrapor com a radicalidade que um tema como esse merece. Seria necessário que, através das imagens, surgissem mais que denúncias. Precisava-se experimentar algo novo, e não apenas mostrar aquilo que todos já sabem, mas ninguém mais parece dar a mínima.■

Ficha técnica

Título: Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar

Direção: Marcelo Gomes

Elenco: atores desconhecidos

Gênero Documentário

Nacionalidade Brasil



Quintas-feiras
17h30min às 19h

ihu.unisinos.br/eventos

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Campus Unisinos São Leopoldo

O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço

A edição número 286 do Cadernos IHU Ideias traz a entrevista com o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, intitulada *O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço*. Belluzzo analisa a “nova fase da digitalização da manufatura”, que, na visão dele, “é conduzida pelo aumento

do volume de dados, ampliação do poder computacional e conectividade, a emergência de capacidades analíticas aplicada aos negócios, novas formas de interação entre homem e máquina, e melhorias na transferência de instruções digitais para o mundo físico, como a robótica avançada e impressoras 3D”. Na sua perspectiva, ter consciência dessa potência do capital pode ser um primeiro passo para a tomada de consciência da necessidade de transformação, de concepção de outros paradigmas. Segundo o autor, é “necessário intensificar o esforço no trabalho na busca do improvável equilíbrio entre a incessante multiplicação das necessidades e os meios necessários para satisfazê-las, buscar novas emoções, cultivar a angústia porque é impossível ganhar a paz”.

A versão completa deste Cadernos IHU Ideias está disponível em <http://bit.ly/2Ym4bNM>.

Estas e outras edições dos Cadernos IHU Ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



IHU IDEIAS

**22 de agosto
quinta-feira
17h30min às 19h**

Reflexões ético-jurídicas sobre os avanços da Inteligência Artificial

Prof. Dr. Wilson Engelmann – Unisinos
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo

ihu.unisinos.br/eventos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores



Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa

Edição 178 – Ano VI – 02/05/2006

“Na arte, não há regras fixas. Por isso recomendo que cada leitor observe tão somente suas reações - prazer, desgosto, tédio, entusiasmo, incompreensão. Os bons livros são como a própria vida, na qual nós podemos nos situar de modos diversos, assumindo posturas e posições flexíveis. O gosto vem com o tempo, e, às vezes, os livros que parecem ser árdios no início tornam-se bem mais interessantes e belos quando aceitamos as asperezas”. A recomendação é da Prof.^a Dr.^a Kathrin Rosenfield, ao discorrer sobre o livro Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, tema central dessa edição da IHU On-Line, alusiva aos 50 anos da obra.



Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil

Edição 275 – Ano VIII – 29/09/2008

Nessa data, lembrava-se os 100 anos da morte de Machado de Assis e, nessa mesma semana, o IHU promoveu o Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa, em parceria com os Cursos de Letras e de Formação de Escritores e Agentes Literários e pelo PPG em Linguística Aplicada da Unisinos. O evento celebra o centenário de morte de Machado de Assis e o de nascimento de Guimarães Rosa. E falar de Machado de Assis e Guimarães Rosa, como intérpretes do Brasil, é o tema proposto desta edição da IHU On-Line.

63



“Raízes do Brasil” – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas

Edição 498 – Ano XVI – 28/11/2016

Os 80 anos da publicação de Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, propiciam o momento de voltar a ler, a partir do momento político da época, econômico e social do Brasil, esta obra importante para, juntamente com outras, interpretar o país. Esse foi o tema central dessa edição da IHU On-Line.

IHU IDEIAS

Reforma da previdência. Qual a reforma necessária?

Prof. MS Filipe Costa Leiria – TCE-RS e FADERGS

15 de agosto | 17h30min

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus Unisinos São Leopoldo



Transmissão ao vivo no canal **ihucomunica**

ihu.unisinos.br/evento/ihu-ideias

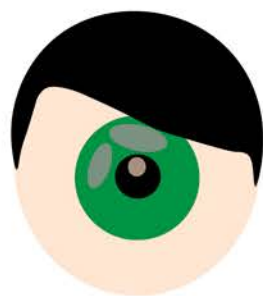


ihu.unisinos.br/evento/cinedebates-ihu

CINE DEBATES

IHU
2º CICLO

19 | AGO
2019
16h



1984

DEBATEDOR: MS LENON
MACEDO - UFRGS

SALA IGNACIO ELLACURÍA E COMPANHEIROS
CAMPUS UNISINOS SÃO LEOPOLDO

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Qual a reforma necessária?

Prof. Dr. Denis Maracci Gimenez – Unicamp

**Reforma da Previdência. Precarização do Estado,
desequilíbrio das contas públicas e injustiça social**

26 de agosto

14h30min às 16h

Campus Unisinos

Porto Alegre

19h30min às 22h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Campus Unisinos São Leopoldo

ihu.unisinos.br/evento/reforma-da-previdencia

ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br



twitter.com/_ihu



bit.ly/faceihu



bit.ly/instaihu



bit.ly/youtubeihu



medium.com/@_ihu